

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Amanda Schirmer de Andrade

**INVENTÁRIO DE EXEMPLARES ARQUITETÔNICOS EM MADEIRA
NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR
ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL**

Santa Maria, RS
2019

Amanda Schirmer de Andrade

**INVENTÁRIO DE EXEMPLARES ARQUITETÔNICOS EM MADEIRA NO
MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR ARQUITETÔNICO,
HISTÓRICO E CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Dra. Denise de Souza Saad

Santa Maria, RS
2019

Andrade, Amanda Schirmer de
INVENTÁRIO DE EXEMPLARES ARQUITETÔNICOS EM MADEIRA NO
MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR
ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL / Amanda Schirmer de
Andrade.- 2019.
145 p.; 30 cm

Orientadora: Denise de Souza Saad
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2019

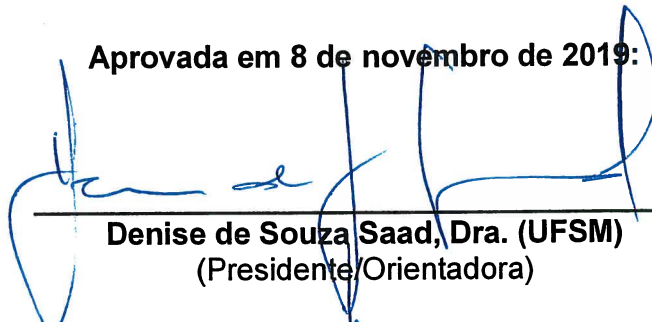
1. Arquitetura 2. Patrimônio Cultural 3. Imigração
Alemã 4. Imigração Italiana 5. Arquitetura em Madeira. I.
Saad, Denise de Souza II. Título.

Amanda Schirmer de Andrade

**INVENTÁRIO DE EXEMPLARES ARQUITETÔNICOS EM MADEIRA NO
MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR ARQUITETÔNICO,
HISTÓRICO E CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.


Aprovada em 8 de novembro de 2019:



Denise de Souza Saad, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Caryl Eduardo Jovanovich Lopes, Dr. (UFSM)



Clarissa de Oliveira Pereira, Dra. (UFN)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Rosely, minha avó Elka e minha irmã Emanuelli, pelo incansável apoio e incentivo ao longo desse período. Sem medir esforços, vocês fizeram tudo que era necessário para que esta dissertação pudesse ser desenvolvida. Agradeço pelo acompanhamento nas visitas in loco para o reconhecimento dos locais, pelas informações compartilhadas e por estarem sempre comigo.

A minha orientadora, Profa. Denise de Souza Saad, que me aceitou como orientanda, acolhendo todas as minhas ideias e desafios, por ter dado todo o suporte necessário para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos estimados colegas de mestrado, com quem compartilhei inúmeros momentos de alegria, comemorações, mas também angústias e anseios do futuro.

Aos professores do quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da UFSM, que transmitiram seus conhecimentos e auxiliaram de todas as maneiras o desenvolvimento deste trabalho e a conclusão desta etapa de estudo.

Aos amigos e familiares que sempre incentivaram e acreditaram que seria possível a concretização deste sonho. E que nunca mediram esforços para apoiar no que era necessário.

Aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Cruz Alta, pelo incentivo neste período, por nunca perderem o contato e estimularem sempre o desenvolvimento e a concretização desta dissertação.

Aos acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo da ULBRA, Thomas e Luana, pelo excepcional apoio nos levantamentos e análises in loco de todas as edificações.

A toda a comunidade chapadense, que abriu suas edificações para que elas pudessem ser conhecidas, ter seus dados computados e posteriormente selecionados.

Às 13 famílias que aceitaram ter suas edificações inseridas na pesquisa. Sem vocês, este trabalho não aconteceria. Vocês são peças essenciais neste estudo. Sou eternamente grata à confiança de vocês.

A todos que, de alguma maneira, colaboraram na realização da pesquisa e desta Dissertação de Mestrado.

Saia, vá para o campo, aproveite o sol e tudo o que a natureza tem para oferecer. Saia e tente recapturar a felicidade que há dentro de você; pense na beleza que há em você e em tudo ao seu redor, e seja feliz. A beleza continua a existir mesmo no infortúnio. Se procurá-la, descobrirá cada vez mais felicidade, e recuperará o equilíbrio. Uma pessoa feliz tornará as outras felizes; uma pessoa com coragem e fé nunca morrerá na desgraça.

(Anne Frank)

RESUMO

INVENTÁRIO DE EXEMPLARES ARQUITETÔNICOS EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL

AUTOR: Amanda Schirmer de Andrade
ORIENTADORA: Denise de Souza Saad

A presente dissertação teve como objetivo analisar edificações em madeira no município de Chapada/RS, tanto em quesitos arquitetônicos como estéticos, podendo assim comparar as treze edificações pesquisadas em suas tantas características e componentes, o que levou a entender, parcialmente, como as pessoas construíam, tendo posse desse material e do conhecimento popular. Valorizar os patrimônios que ainda sobrevivem na contemporaneidade, sejam de instância material ou imaterial, fortalece a relação entre a comunidade e o bem. Os patrimônios materiais imóveis, hoje, são as formas mais reconhecidas de bens patrimoniais, tanto por sua visibilidade quanto por seu uso, pois integram o cotidiano das pessoas. Para realizar a catalogação dos bens, fez-se uso de fichas cadastrais de inventário. Já para a seleção dos bens, usou-se como critério a existência de alguma singularidade arquitetônica, independentemente da área ou elemento que a tivesse. Realizou-se a revisão bibliográfica acerca das temáticas envolvidas (patrimônio, arquitetura, imigração, madeira e o município), pesquisa de campo sobre as edificações, levantamento fotográfico, posterior medição e redesenho dos locais selecionados para análise e interpretação entre bens. Tudo isso para que fosse possível encontrar a maneira como os elementos e características eram tratados pelas famílias, sem considerar o uso final do local. Assim sendo, buscando entregar para a comunidade os resultados encontrados, foi desenvolvido um panfleto educativo a ser entregue simultaneamente a exposição fotográfica denominada “Olhares da Arquitetura”, que ocorre de maneira itinerante, composta por onze fotos ampliadas que será inaugurada em Santa Maria, no Museu Educativo Gama d’Eça, em 2019, além de uma matéria publicada em um jornal local.

Palavras-chave: Arquitetura. Patrimônio Cultural. Imigração Alemã. Imigração Italiana. Arquitetura em Madeira.

ABSTRACT

INVENTORY OF WOODEN ARCHITECTURAL EXAMPLES IN THE MUNICIPALITY OF CHAPADA (SOUTHERN BRAZIL): ARCHITECTURAL, HISTORICAL AND CULTURAL PATRIMONY

AUTHOR: Amanda Schirmer de Andrade

ADVISOR: Denise de Souza Saad

The present dissertation aimed to analyze wood buildings in the municipality of Chapada / RS, both in architectural and aesthetic aspects, thus being able to compare the thirteen buildings researched in their many characteristics and components, which led to partially understand how people built having possession of this material and popular knowledge. Valuing the assets that still survive in contemporary times, whether material or immaterial, strengthens the relationship between the community and the good. Real estate material assets, today, are the most recognized forms of heritage goods, both for their visibility and their use, as they are part of people's daily lives. In order to catalog the goods, inventory registration forms were used. For the selection of goods, the criterion used was the existence of some architectural singularity, regardless of the area or element that had it. A bibliographical review was carried out about the themes involved (heritage, architecture, immigration, wood and the municipality), field research on buildings, photographic survey, subsequent measurement and redesign of the selected sites for analysis and interpretation between assets. All this so that it was possible to find out how the elements and characteristics were treated by families, without considering the end use of the place. Thus, seeking to deliver the results to the community, an educational brochure was developed to be delivered simultaneously to the photographic exhibition called "Olhares da Arquitetura", which takes place in an itinerant way, composed of eleven enlarged photos to be inaugurated in Santa Maria, in the Gama d'Eça Educational Museum in 2019, as well as a story published in a local newspaper.

Keywords: Architecture. Cultural Patrimony. German Immigration. Italian Immigration. Wood architecture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Grupo de imigrantes alemães em São Paulo	24
Figura 2 – Evolução da casa Vestfaliana	26
Figura 3 – Tipologia de telhados confeccionados na Alemanha – influenciando os imigrantes	28
Figura 4 – Sistemas de encaixe de madeira de forro	31
Figura 5 – Distribuição de um lote rural – 2005	32
Figura 6 – Imigrantes italianos em Vitória/ES – sem data	33
Figura 7 – Exemplo de evolução da distribuição arquitetônica das edificações italianas	37
Figura 8 – Serra utilizada para serrar manualmente a madeira – peça do acervo museológico de Chapada/RS	38
Figura 9 – Tronco de madeira de sustentação de piso	40
Figura 10 – Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, localizando Chapada/RS	41
Figura 11 – Vista parcial do município de Chapada – 1968	42
Figura 12 – Primeira casa de saúde do município – 1938	43
Figura 13 – Vista parcial do Hospital – 1958	44
Figura 14 – Fluxograma da metodologia adotada	47
Figura 15 – Mapa urbano do município de Chapada	55
Figura 16 – Mapa geral do município de Chapada	55
Figura 17 – Porão com pilares em alvenaria e madeira e paredes em alvenaria....	101
Figura 18 – Moinho Richter, destaque ao sistema construtivo.	103
Figura 19 – Janelas do Museu Municipal e do Moinho Richter, respectivamente, com suas três folhas de abertura.	106
Figura 20 – Residência Taube, ênfase nas esquadrias	107
Figura 21 – Planta baixa da Ficha 02, residência Taube	118
Figura 22 – Planta baixa da Ficha 04, Edificação Auler.	119
Figura 23 – Planta baixa da Ficha 05, residência Bays.	120
Figura 24 – Planta baixa da Ficha 06, residência Henz.....	121
Figura 25 – Planta baixa da Ficha 08, residência Scheuermann.....	122
Figura 26 – Planta baixa da Ficha 09, residência Pizzeta.	123
Figura 27 – Plantas baixas da Ficha 10, residência Colognese.	124
Figura 28 – Planta baixa da Ficha 13, residência Rockembach.	125
Figura 29 – Planta baixa da Ficha 01, Moinho Richter.	126
Figura 30 – Planta baixa da Ficha 03, Museu Municipal.	127
Figura 31 – Planta baixa da Ficha 07, Salão Guth.	128
Figura 32 – Planta baixa da Ficha 11, Galpão Schneider.....	129
Figura 33 – Planta baixa da Ficha 12, Capitel Mariani.	129
Figura 34 – Residência Colognese, com ênfase em seu porão e seu pavimento térreo.	130
Figura 35 – Frente do panfleto.	134
Figura 36 – Verso do panfleto.	134
Figura 37 – Matéria do ABC Notícias	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características físicas do ambiente – região do município de Chapada	21
Quadro 2 – Espécies arbóreas fornecedoras de madeiras para a construção civil e suas características.....	22
Quadro 3 – Números da imigração italiana no Brasil – 1861 a 1970.....	34
Quadro 4 – Descrição e dados sobre os bens inventariados.....	54
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações.....	109
Quadro 6 – Fotografias que compõem a exposição.....	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso atual das edificações em estudo.....	98
Gráfico 2 – Uso das edificações.....	99
Gráfico 3 – Material utilizado na estrutura da estrutura (pilares)	100
Gráfico 4 – Material utilizado na vedação do subsolo.....	101
Gráfico 5 – Madeiramento das paredes das edificações	102
Gráfico 6 – Tipologias de esquadrias (janelas) encontradas nas edificações.....	104
Gráfico 7 – Percentagem de uso das esquadrias (janelas), englobando todas as edificações e suas esquadrias.....	105
Gráfico 8 – Número de folhas que as tipologias de esquadrias (portas) apresentam.	108
Gráfico 9 – Tipologia de esquadrias (portas) que as edificações apresentam	108
Gráfico 10 – Bandeiras nas esquadrias (Portas e janelas)	115
Gráfico 11 – Número de águas das coberturas	116
Gráfico 12 – formato da planta baixa das edificações	117
Gráfico 13 – Número de pavimentos das edificações.....	130
Gráfico 14 – Número de dormitórios	131
Gráfico 15 – Existência de banheiros no interior das edificações	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ART	Artigo
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
RS	Rio Grande do Sul
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICRUZ	Universidade de Cruz Alta
ES	Espírito Santo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	TEMA	14
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.3	HIPÓTESE	14
1.4	OBJETIVOS	15
1.4.1	Objetivo geral	15
1.4.2	Objetivos específicos	15
1.5	JUSTIFICATIVA	16
1.6	ESTRUTURA DA PESQUISA	16
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
2.1	A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL	17
2.2	A IMPORTÂNCIA DO INVENTÁRIO COMO ETAPA DE PRESERVAÇÃO DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS	19
2.3	A MATÉRIA-PRIMA	21
2.4	A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL	23
2.4.1	A arquitetura alemã e a organização rural das comunidades	26
2.5	A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL	32
2.5.1	A arquitetura italiana e a organização rural dessas comunidades	36
2.6	HISTÓRICO DE CHAPADA	40
3	MATERIAIS E MÉTODOS	46
3.1	O MÉTODO DE FICHAS A SEREM PREENCHIDAS PARA O INVENTÁRIO DE EXEMPLARES EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS	48
3.2	CRITÉRIO DE SELEÇÃO DAS EDIFICAÇÕES	53
4	INVENTÁRIO DE BENS EDIFICADOS NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL	57
5	ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS BENS INVENTARIADOS	97
6	PRODUTOS FINAIS	133
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	143

1 INTRODUÇÃO

Inventariar a arquitetura de um município é uma atividade de extrema importância, uma vez que, com esta ação, a memória e o modo de construir são preservados através de uma das tantas práticas preservacionistas existentes. Neste estudo, adotou-se o inventário como política de preservação, justamente por se entender sua eficácia no processo de salvaguardar a memória dos bens junto aos dados referentes a sua arquitetura.

A cidade de Chapada, localizada na região Norte do estado do Rio Grande do Sul, foi colonizada por imigrantes alemães e italianos provenientes de diversas regiões de seus países. Após anos no Brasil, essas famílias iniciaram um processo de migração dentro do território sul-rio-grandense, chegando, assim, na região de Chapada. As primeiras construções feitas pelos imigrantes eram em madeira. Entretanto, com o passar do tempo, algumas dessas construções foram desmanchadas e sua matéria-prima foi utilizada para a construção de novos locais.

A presente pesquisa, intitulada “Inventário de exemplares arquitetônicos em madeira no município de Chapada/RS: patrimônios de valor arquitetônico, histórico e cultural”, volta-se aos bens arquitetônicos edificados na cidade. Sabendo que esses locais sofreram influência indireta dos imigrantes e influência mais direta dos migrantes alemães e italianos, faz-se necessário manter viva a memória e a história de alguns desses locais. A vulnerabilidade desses locais se agrava quando a falta de políticas públicas municipais faz com que a população não veja a relevância e a importância dos bens que existem em suas propriedades.

Assim, o trabalho visa, acima de tudo, salvaguardar a memória e os dados relevantes acerca de exemplares da arquitetura em madeira do município de Chapada/RS, bem como dar visibilidade a esses locais e a suas características. Isso será possível, visto que a memória da arquitetura em madeira do município de Chapada sofrerá um processo de preservação, conhecendo o que os colonizadores deixaram de influências e como a população fez uso disso para construir suas moradias, entre outros quesitos.

Dentre todas as edificações existentes na área urbana e rural do município, classificou-se uma parcela destas para a realização do levantamento completo. Através da estimativa das edificações existentes realizadas para a pesquisa, com relevância arquitetônica em madeira, pode-se perceber que mais de 80% dessas

construções foram edificadas por imigrantes alemães e 20% sofreu influências italianas. Esses exemplares são datados desde o ano de 1915 até 1990, sendo que, em grande parte, a madeira utilizada era proveniente de outra edificação, que passara por processo de desmanche.

1.1 TEMA

A presente dissertação tem como temática um inventário da arquitetura em madeira da cidade de Chapada/RS.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A cidade de Chapada/RS foi colonizada por migrantes de origem alemã e italiana em processo de deslocamentos dentro do estado. Seus antepassados haviam emigrado de diversos locais de seus países de origem.

Devido à falta de políticas públicas municipais e pelo desconhecimento da importância de conservar, a população do município não dá devida importância aos bens edificados que existem em suas propriedades. Em decorrência disso, muitos locais estão se perdendo, sem que a sua história seja preservada de alguma forma.

As edificações ainda existentes no município e com relevância arquitetônica datam de 1915 até 1990, sendo que, em sua maioria, a madeira utilizada era proveniente de outro local já demolido, consagrando no mínimo mais 30 anos de uso ao material, além de muitas memórias e lembranças. Sendo assim, seria interessante que a população considerasse a preservação e a manutenção desses lugares, não só pela relação afetiva com seus bens, mas também pela relevância histórica dessas construções.

A partir do que foi exposto, esta pesquisa orienta-se pela seguinte questão: as edificações em madeira existentes em Chapada são passíveis de preservação?

1.3 HIPÓTESE

Sabendo das dificuldades que todo e qualquer patrimônio enfrenta nos dias atuais, particularmente no município de Chapada, algumas hipóteses de solução podem ser apresentadas de acordo com os maiores empecilhos identificados.

As pessoas não percebem a real importância dessas edificações, o quão relevante são e o quão importante é mantê-las. Sendo assim, deve-se despertar o interesse da população, criando um vínculo entre eles e demonstrando a importância da preservação dos bens, de sua memória e história. Demoli-los e esquecê-los não é o ideal, mas sim envolvê-los nas conversas, nos estudos e na dinâmica social. Também é papel do poder público “abraçar” a causa, envolver-se nesse contexto, como parceiro interessado. Políticas devem ser executadas e ações devem ser realizadas, diretamente com as pessoas que lidam com os locais.

Com o envolvimento do poder local e da comunidade, o melhor resultado é obtido. Para tanto, deve-se confeccionar materiais de fácil entendimento e manuseio, que possam estar no cotidiano da população, lembrando-as dos modos de execução mais adequados. O material oferecido deve comunicar e elucidar, a partir de informações e notícias, bem como deve também encantar as pessoas, através de narrativas que aproximam esses locais a suas realidades e histórias de vida. Essa ação dá mais visibilidade ao conteúdo e mais chances de ser aplicado.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Inventariar as edificações para salvaguardar a memória, a forma de fazer arquitetura e dados relevantes acerca de exemplares da arquitetura em madeira do município de Chapada/RS.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) Conhecer o que os colonizadores deixaram de influências e como a população fez uso disso;
- b) Contextualizar a história do município de Chapada de maneira clara e sucinta;
- c) Ampliar os conhecimentos acerca da arquitetura da imigração produzida no Rio Grande do Sul;
- d) Criar um produto (panfleto educativo) que possa ser utilizado em ações de educação patrimonial e uma exposição fotográfica.

1.5 JUSTIFICATIVA

A pesquisa se justifica quando a arquitetura em madeira está sendo perdida e desaparecendo progressivamente. Muitos são os exemplares, cada qual com as suas características e peculiaridades. Assim como o município de Chapada possui esses bens, inúmeros outros locais possuem também, de tal modo que este estudo pode servir como um incentivo para que práticas preservacionistas possam ser implementadas nesses locais.

Quando se demonstra interesse por tais edificações, as pessoas passam a dar mais atenção e, conseqüentemente, auxiliam na preservação. Desenvolver todos esses estudos e levantamentos tem como preceitos manter, conservar e conscientizar as pessoas sobre a importância de preservar as técnicas e as edificações como marcos da história da imigração na região.

Dessa forma, a pesquisa se justifica quando ela demonstra para a sociedade a beleza, a importância e a relevância desses locais e, conseqüentemente, faz com que outros locais (em madeira ou não) sejam mantidos.

1.6 ESTRUTURA DA PESQUISA

Para atingir os objetivos propostos, o conteúdo referente à dissertação está organizado em 06 (seis) capítulos, trazendo todos os históricos pertinentes, dados técnicos e, ao final, o resultado e o produto escolhido para representar a pesquisa.

O primeiro capítulo é composto pela Introdução, o problema que levou à escolha do tema, os objetivos e a justificativa. O capítulo seguinte abrange a revisão bibliográfica que aborda as temáticas do patrimônio, inventários, a madeira, o histórico das imigrações e o histórico da cidade de Chapada. O terceiro capítulo aborda os materiais e métodos, com o critério de seleção das edificações e a explicação acerca do modelo de fichas adotado. O quarto capítulo apresenta o resultado do inventário, ou seja, as fichas com todas as edificações estudadas e a discussão acerca de cada uma delas. O quinto capítulo apresenta um estudo, análises e comparações acerca das edificações e suas características arquitetônicas. O último capítulo é a conclusão da pesquisa, analisando todos os caminhos que a pesquisa perpassou e o que foi encontrado ao final deste ciclo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo busca explicar, em um primeiro momento, os conceitos acerca de temas que envolvem a dissertação, sendo eles, o patrimônio (cultural e material), o inventário e a preservação. Posteriormente, será apresentado o que está diretamente ligado ao tema da pesquisa, isto é, os históricos pertinentes aos imigrantes alemães e italianos e suas respectivas características arquitetônicas, o histórico da cidade de Chapada/RS e, ao final, a madeira (matéria-prima das edificações).

Contudo, a dissertação perpassa por todos os pontos fundamentais para a pesquisa. De início, aborda-se o que esses bens significam e como são classificados; na sequência, discute-se como os bens serão preservados, quem os fez e como se deu esse processo. Por fim, trata-se do local onde esses bens estão inseridos e, dessa maneira, contextualiza-se a arquitetura em madeira como um bem patrimonial no município de Chapada.

2.1 A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

A sociedade se desenvolveu e, concomitante a esse processo, ocorreram transformações linguísticas relativas à derivação de palavras e a união de novos termos, expressando novos pensamentos e significados. A palavra patrimônio vem de *pater*, que significa pai e tem origem no latim. Assim, patrimônio era uma palavra utilizada para designar aquilo que o pai transmite a seus herdeiros, os bens que uma família possui. Com o tempo, passou a ser conhecido por denominar locais com relevância para uma comunidade e para a sociedade. Já o termo cultura, utilizado para designar a intelectualidade de uma família ou demonstrar o quão culto se é, uniu-se ao termo “patrimônio” e criou-se a expressão “patrimônio cultural” – que passa a representar os bens de relevância na sociedade, em suas inúmeras vertentes.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão responsável pela administração dos patrimônios brasileiros, apresenta em seus registros que a ação de preservar ficou assegurada por lei com o Decreto-lei de nº 25 de 30 de novembro de 1937. Na época em questão, o órgão era conhecido como “SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, visto que, para o atual IPHAN, quando se tratava de patrimônios, deveria ser falado em todos os bens e

locais existentes no território nacional e de interesse do poder público. Entretanto, a Constituição Federal de 1988, no artigo 216, expandiu o conceito para “Patrimônio Cultural Brasileiro” e ampliou sua abrangência de conteúdo, considerando, além dos bens materiais, os bens imateriais, com a incorporação das comunidades no processo de preservação e conservação, sem ignorar a responsabilidade governamental. Assim, para elucidar a real abrangência e o contexto em que se enquadra, novos termos e formas de expressão foram empregados, como

[...] os modos de criar, fazer e viver; [...] as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 2011).

De acordo com Simão (2013), antes que o Brasil instituísse suas políticas de preservação, a Europa já estava desenvolvendo o processo e salvaguardando seus bens. Já no século XIX, executavam-se processos de preservação e conservação de bens e monumentos relevantes à cultura local, incentivados e seguindo o exemplo dos iluministas do século XVIII, que já alteravam a relação de bens arquitetônicos e as teorias estudadas. Entretanto, é no período pós-Revolução Industrial que realmente esse processo se inicia em maior escala, com mais adeptos e incentivadores na França.

Segundo Zanirato e Ribeiro (2006), o avanço dos anos fez com que as pessoas reconhecessem que o termo “patrimônio cultural” poderia designar não somente grandes templos e locais de significância geral, mas também locais relevantes a uma cultura ou região, abrangendo dessa forma um número maior de paisagens, expressões arquitetônicas, tradições e expressões específicas e significativas.

Ao longo dos anos, e de acordo com a evolução do processo de preservação, aconteceram inúmeros congressos, conferências e reuniões entre estudiosos de diversos países. Com isso, várias Cartas Patrimoniais foram desenvolvidas, cada qual com seu viés principal, fazendo com que os conservadores e demais estudiosos possuíssem um documento mais adequado de como deveria ser desenvolvida a preservação e os estudos para sua viabilidade.

O IPHAN, no seu papel de regente e instância maior na preservação brasileira, distingue e denomina as formas de separação de um bem a partir de categorias. Patrimônio cultural é a denominação acerca de todo e qualquer bem, de qualquer tipologia, visto que é dentro dessa categoria que acontecem as demais divisões. O

patrimônio material pode ser considerado móvel ou imóvel – pode ser imóvel: cidades, sítios arqueológicos e bens individuais; e móvel: coleções arqueológicas, acervos de museu, documental ou bibliográfico. Os bens imateriais são os conhecimentos de um ser, suas práticas e domínios do cotidiano, que podem ser demonstrados em saberes, ofícios e modos de realizar, em festas e celebrações, expressões culturais (plásticas, músicas e lúdicas), bem como em locais públicos, como mercados, feiras e santuários. O terceiro e último viés do patrimônio cultural são os bens arqueológicos, que podem ser locais com vestígios de habitação humana, como cemitérios, sepulturas, aldeamentos e os sítios arqueológicos propriamente ditos, sendo estes locais, áreas de memória significativa no processo histórico (IPHAN, 2019).

O inventário é o meio mais adequado de preservar e conservar um bem e a sua memória, mantendo-a viva. Junto a esse processo, desenvolvem-se técnicas de manutenção de um bem, como, por exemplo, o restauro, a conservação, a anastilose, a reciclagem, a rearquitetura, a reconstrução e o Retrofit, que ocorrem de acordo com o estado do local e suas reais necessidades (REZENDE et al., 2015).

2.2 A IMPORTÂNCIA DO INVENTÁRIO COMO ETAPA DE PRESERVAÇÃO DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Com o decorrer dos anos e com as inúmeras guerras que destruíram cidades e paisagens, perderam-se patrimônios relevantes em todo o mundo. Conseqüentemente, foi necessária a tomada de decisões e o asseguramento de práticas para a conservação daqueles patrimônios que ainda restavam. Nesse contexto, formas de preservar surgiram – sendo elas o inventário, o registro e o tombamento –, mas também ações indiretas passaram a ser executadas, como a educação patrimonial e a criação de roteiros turísticos (VALE, 2012 apud DIEL, 2015).

Ao redor do mundo, crescia o número de pessoas que tinham o intuito de salvaguardar bens e paisagens patrimoniais. Como já havia se perdido muito, o que sobrou e o que viria a ser edificado necessitavam de proteção. Foi nesse contexto que se deu início a práticas de preservação.

O Brasil não foi o pioneiro no processo de inventariar ou qualquer outra forma de proteção, entretanto, tal prática passou a ser assegurada por inúmeras leis, decretos, normativas, bem como na Constituição de 1988, conforme o IPHAN (2006). Dentre tudo que a Constituição assegura, ela diz em seu Artigo 23 – III que é dever do Estado

fazer a proteção de sítios, bens, documentos e demais obras passíveis de preservação.

Segundo o IPHAN (2019), a primeira carta patrimonial foi escrita em outubro de 1931 e ficou conhecida como “Carta de Atenas”. Subsequentemente, outros documentos do mesmo cunho foram escritos, como a “Recomendação relativa à salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios”, escrita em Paris no ano de 1962, que trata acerca da adoção de medidas para a melhor salvaguarda de todos os bens possíveis com relevância (naturais e arquitetônicos). Já em 1970 foi escrito e lançado o “Compromisso de Brasília”, que trata de temáticas como legislações defensivas, estudos e pesquisas, mas que não fala diretamente de inventários. Posteriormente, no ano de 1981, foi redigida a “Carta de Florença”, que expõe a necessidade de não somente preservar, conservar e restaurar bens arquitetônicos e jardins, mas também inventariar tais áreas em busca de garantias de sua preservação. As demais documentações deste cunho apresentam, da mesma forma, a conservação e a preservação, no entanto, não citam ou referenciam o inventário e as suas consequências de maneira direta.

De acordo com Rezende et al. (2015), criou-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1936, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, que era dirigido por Gustavo Capanema. Em 13 de janeiro de 1937, através da Lei nº 378, foi oficialmente instituído este órgão que rege os patrimônios no Brasil e, em 30 de novembro do mesmo ano, com o Decreto-lei nº 25, foram regularizados os tombamentos de bens móveis e imóveis. Em 1946, com o órgão já qualificado e após modificações, os cargos passaram a ser ocupados por pessoas capacitadas, podendo, assim, realizar pesquisas adequadas e inventários em todas as regiões do país. Já a Constituição Federal de 1988, no Art. 216, assegura todos os pontos referentes à preservação de bens patrimoniais, sejam eles de cunho material ou imaterial. O referido Artigo aborda questões como a atuação do poder público e da população na proteção de bens através de ações como o inventário, o registro, a vigilância e os tombamentos.

Ao inventariar o bem, ocorre uma preservação incomparável do mesmo; preserva-se uma história inimaginável em alguns casos. Edificações em madeira têm a possibilidade de serem refeitas, remodeladas e reconstruídas, pela versatilidade da matéria-prima, o que constitui um patrimônio sustentável e renovável no local.

2.3 A MATÉRIA-PRIMA

A ocupação territorial perpassava pelo desmatamento e pela exploração da madeira de forma desenfreada, para que as cidades pudessem ser construídas – além de a madeira também servir como combustível para os fogões. O Rio Grande do Sul passou por esse processo, principalmente durante a imigração, e essa tradição, passada através das gerações, persiste até a atualidade.

Cada bioma tem suas espécies nativas. Segundo Carvalho (2008), a região em que o município de Chapada está situado tem como bioma característico a Mata Atlântica. Sendo assim, o bioma da região é caracterizado pelos seguintes aspectos:

- a) Atinge regiões de montanhas, platôs, vales e planícies;
- b) Foi o mais rico e variado conjunto florestal da região sul-americana;
- c) É composto por florestas ombrófilas – ver Quadro 1 – (densas, abertas e mistas) e florestas estacionais (semidecíduais e decíduais);
- d) Foi o conjunto florestal que mais sofreu com os desmatamentos provenientes do período migratório.

Dessa forma, a região se caracteriza conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Características físicas do ambiente – região do município de Chapada

Bioma	Mata atlântica
Clima	Subtropical
Florestas Ombrófilas	Possui a presença de araucárias, com diferentes tipologias de flora e que é caracteristicamente pluvial.

Fonte: autora (2019) baseada em Carvalho (2008).

As espécies encontradas em edificações são araucárias, cedros, pinheiros, ipês, angicos e canafístulas. Há possibilidade dessas espécies serem empregadas em partes estruturais, detalhamentos ou esquadrias. Com base nos trabalhos de Carvalho (2008) e Paula e Alves (1997, 2003), apresenta-se o detalhamento dessas espécies com suas respectivas peculiaridades (Quadro 2).

Quadro 2 - Espécies arbóreas fornecedoras de madeiras para a construção civil e suas características

(Continua)

Nome Científico	<i>Araucaria angustifolia</i>	<i>Cedrela lilloi</i>	<i>Tabebuia alba</i>
Divisão	Pinophyta	Angiospermae	Magnaliophyta (angiospermae)
Ordem	Coniferae	Sapindales	Scrophylarides
Família	Araucariaceae	Meliaceae	Bignoniaceae
Gênero	Araucaria	Cedrela	Tabebuia
Espécie	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertoloni)	<i>Cedrela lilloi</i> C. de Caldolle	<i>Tabebuia alba</i> (Cromisso)
Nome Popular	Araucária, Pinheiro-do-Paraná	Cedro, cedrinho	Ipê-amarelo
Formação Botânica	A espécie pode atingir de 10 m a 35 m de altura, seu tronco é reto, colunar e quase cilíndrico. É uma planta dioica.	Árvore decídua, pode atingir 35 m de altura, seu tronco é reto e retilíneo. É hermafrodita.	Sua altura pode variar entre 3 m e 30 m, seu tronco é reto e cilíndrico. É uma espécie hermafrodita.
Característica da Madeira	É considerada densa, com a superfície lisa e lustrosa e textura fina.	É considerada uma madeira leve, utilizada em grande escala na construção civil, por sua qualidade.	É uma madeira densa, com coloração clara levemente rosada. É lisa ao tato, durável em intempéries. Muito usada na produção de assoalhos.
Nome Científico	<i>Parapiptadenia rígida</i>	<i>Peltophorum dubium</i>	<i>Myrocarpus frondosus</i>
Divisão	Magnaliophyta (angiospermae)	Magnoliophyta (angiospermae)	Magnoliophyta (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Fabales	Fabales
Família	Mimosaceae	Caesalpiniaceae	Fabaceae
Gênero	<i>Parapiptadenia rígida</i> (Bentham)	<i>Peltophorum</i>	<i>Myrocarpus</i>
Espécie	<i>Acacia Angico</i>	<i>Peltophorum dubium</i> (Sprengel)	<i>Myrocarpus frondosus</i> (Sprengel)

Quadro 2 – Espécies arbóreas fornecedoras de madeiras para a construção civil e suas características

(conclusão)

Nome Popular	Angico, Angico-amarelo	Canafístulas / Jacarandá	Cabriúva
Formação Botânica	Árvore comumente semidecidual, com altura entre 4 m e 20 m de altura. Seu tronco é cilíndrico pouco reto com a base reforçada. É uma planta hermafrodita.	A espécie perde as folhas durante o inverno, pode atingir de 12 m a 20 m de altura. Seu tronco é cilíndrico, achatado e com a base acanalhada. É uma espécie hermafrodita.	Essa espécie perde suas folhas no inverno, pode atingir de 10 m a 25 m de altura. Seu tronco é cilíndrico e irregular. É uma espécie hermafrodita.
Característica da Madeira	A madeira é densa, com 15% de umidade, sua superfície é irregular, possui alta durabilidade natural.	É uma madeira densa, tem coloração rósea-claro, sua superfície é grosseira. Tem resistência moderada ao apodrecimento.	É uma madeira densa, com 12% de umidade. A madeira é lisa e pouco lustrosa. Tem resistência ao ataque de patologias.

Fonte: autora (2019), baseada em Carvalho (2008) e Paula e Alves (1997, 2003).

De acordo com Rodrigues e Sales (2013), o tecido produzido pelas plantas lenhosas forma a madeira com o objetivo de promover a sustentação mecânica das vegetações. Esta é a parte da planta (tronco) utilizada para sustentação, pois é uma matéria resistente e consideravelmente leve. Entretanto, se não receber o tratamento correto e a manutenção devida, ela pode ser atingida por patologias, através de agentes físico-químicos, degradações biológicas e estruturais.

2.4 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

O desenvolvimento econômico, cultural, político e social do Rio Grande do Sul perpassa pela mão dos colonizadores alemães, que tiveram relevante participação na formação e na história do estado. Conhecer a história, a trajetória e o processo da colonização e desenvolvimento das famílias que imigraram de suas terras natais para um país desconhecido se faz necessário para o entendimento e um melhor desenvolvimento do Inventário dos Bens Edificados do município de Chapada/RS.

Segundo Boni e Costa (1982), o princípio da colonização no Brasil aconteceu para suprir necessidades e completar lacunas em pontos do território nacional. Para que isso fosse possível, a partir do século XIX, inúmeros povos não portugueses foram convencidos a fazer parte desse desafio. Isso também foi influenciado por fatores e elementos sociais do cotidiano da época, que possuíam relações também com os povos escolhidos, entretanto, sem ter relação alguma com o período escravocrata que o país vivia. Sendo que:

Em primeiro lugar, o capitalismo, que aos poucos ia impondo suas estruturas por todo o mundo. O capitalismo não admite a escravidão, porque esta não forma um mercado consumidor. [...] Em segundo lugar, havia a preocupação da elite burocrática portuguesa, vinda para o Brasil em 1808. Preocupava-se a transformação da colônia em um país e, para tanto, contava com a vinda de europeus. Enfim, o grupo de grandes proprietários rurais interessava-se, acima de tudo, em manter o status quo [...]. (BONI; COSTA, 1982, p. 25).

De acordo com Weimer (2005), no decorrer do século XIX, com o fim do domínio francês no território alemão, após longos anos de guerra, a situação para os populares tornou-se mais árdua. O trabalho era pesado e haviam cobranças financeiras por parte dos senhores/empregadores, as dívidas que somente aumentavam e as poucas terras que restavam para eles não podiam mais ser mantidas de maneira tranquila. As aldeias eram dominadas pelas classes nobres e burguesas (composta por militares e pessoas de posse), seguida pela classe popular, que consistia no restante da população, os trabalhadores.

No ano de 1729, aproximadamente, circulava dentro do governo português a pretensão de desbravar com novos povos áreas circuladas somente por militares, sem moradores fixos, no sul do Brasil. Aqueles ali chegados iriam receber uma porção de terras (dois quartos de légua), além de animais, para iniciar a vida e, futuramente, deveriam pagar ao governo esse investimento (CENNI, 2003).

Conforme Boni e Costa (1982), aqueles que aceitassem emigrar para terras brasileiras teriam assegurada liberdade religiosa, auxílio médico, financeiro e com animais. No entanto, esses imigrantes foram iludidos por uma propaganda fantasiosa. O maior objetivo, como se mostrou depois, era o recrutamento de homens ao exército, superando a ideia de colonizar as terras locais. A Figura 1 apresenta um grupo de imigrantes alemães em São Paulo – essas pessoas foram mal assistidas, em realidades desgastantes.

Figura 1 - Grupo de imigrantes alemães em São Paulo



Fonte: Governo do Estado de São Paulo (2018).

De acordo com Boni e Costa (1982), em 1824, os primeiros colonos imigrantes chegaram às terras do Rio Grande do Sul, falando inúmeros dialetos diferentes, em um continente longe da terra natal, sem ao menos saberem uma palavra da língua falada no país. As regiões alemãs de onde as pessoas migraram eram diversas, sendo elas conhecidas como: Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo, Hannover, Hunsrück, Palatinado, Pomerânia, Vestefália, Würtemberger, Boemia, entre outros pequenos povoados. Gertz (1995) afirma que, com a diferença linguística entre imigrantes e nativos, ocorria um estranhamento e a comunicação era mínima, provocando um não entendimento e dificuldade de integração.

Em 1830 já estavam no estado cerca de 5 mil alemães, iniciando uma nova vida, após uma longa e cara viagem, em uma terra com doenças e epidemias. Inúmeras profissões vieram na bagagem desses colonos – a maior parte deles dominava mais de uma arte, entretanto, poucos possuíam algum grau de escolaridade. Com um período de suspensão da imigração, aqueles que já estavam situados em território brasileiro foram valorizados, considerados como provenientes da colonização imperial, e passaram a migrar dentro do território e a adquirir terras particulares (BONI; COSTA, 1982).

Segundo Mauch e Vasconcellos (1994), comparando numericamente os vários povos que migraram para o Brasil, os alemães foram os que vieram em menor número, porém, foram pioneiros nessa prática e têm relevante participação no cenário local, bem como participação na formação ideológica da sociedade brasileira.

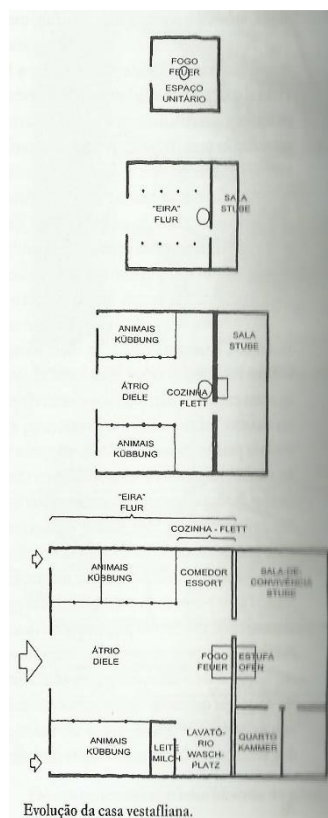
Conforme Boni e Costa (1982), a vida que os colonos levavam era inteiramente nova, em meio à selva, longe dos “centros” urbanos, sem contato direto com a sociedade. Dessa forma, a vida voltava-se muito mais ao interior da propriedade e da família; os homens eram responsáveis pelo trabalho mais pesado, o restante do serviço era de responsabilidade das mulheres. Na falta de párocos, alguém assumia esse papel nas cerimônias, visto que não existiam congregações luteranas para seus seguidores – isso fazia com que esses imigrantes, em certos casos, tivessem que se converter ao catolicismo. Em relação à educação, exercia o papel de educador aquele que mostrasse mais aptidão para essa tarefa.

2.4.1 A arquitetura alemã e a organização rural das comunidades

A arquitetura e o urbanismo originários do território alemão, conhecidos e dominados pelos seus populares, foram trazidos e introduzidos no território brasileiro. Dessa forma, com o passar do tempo, a arquitetura foi adaptada e modificada. Por isso, conhecer a maneira como se fazia arquitetura no passado nos faz observar, comparar, entender e conhecer os exemplares arquitetônicos e, até mesmo, o urbanismo que nossa sociedade apresenta atualmente.

Segundo Weimer (2005), a arquitetura passou por diversas alterações, como mostra a Figura 2. Essas transformações poderiam ser ocasionais ou programadas, influenciadas por diversas culturas ou de acordo com alguma necessidade. A influência alemã é mais visível, presente e influente nas zonas rurais, visto que um número considerável de colonos imigrou e poucos estabeleceram-se nas cidades. O espaço que a casa propriamente dita ocupava era de pequenas dimensões, na maior parte das situações era de aproximadamente 10,0 m x 12,0 m, cercadas por pisos em tijolos, que as famílias ocupavam para as tarefas diárias. Já as esquadrias eram dimensionadas para possuir a mesma altura, as janelas abriam para fora, as portas de acesso externo possuíam duas folhas muitas vezes ornadas e as portas internas eram de uma única folha e sem trabalhado algum.

Figura 2 – Evolução da casa Vestfaliana



Fonte: Arquitetura Popular da Imigração Alemã (WEIMER, 2005, p. 73).

Macedo (1987) destaca que a arquitetura desenvolvida no período colonial possuía diferentes categorias, distinta em períodos, sendo elas a arquitetura urbana e a arquitetura rural (essa distinta em duas fases). A arquitetura denominada urbana era voltada da frente aos fundos de um lote, podendo ser em fita. Já as casas rurais eram voltadas de sua frente a todos os lados e ao fundo, pela liberdade de distribuição no lote. As casas rurais eram edificações com grossas paredes, que tinham em um canto a cozinha com seu forno e para o outro lado os dormitórios em dimensões menores, sendo que o acesso principal acontecia, na maior parte das situações, pelo meio da edificação. As casas urbanas tinham sua cozinha ao fundo e os dormitórios para as laterais em um corredor, podendo, em alguns casos, ter dormitórios e dependências no sótão.

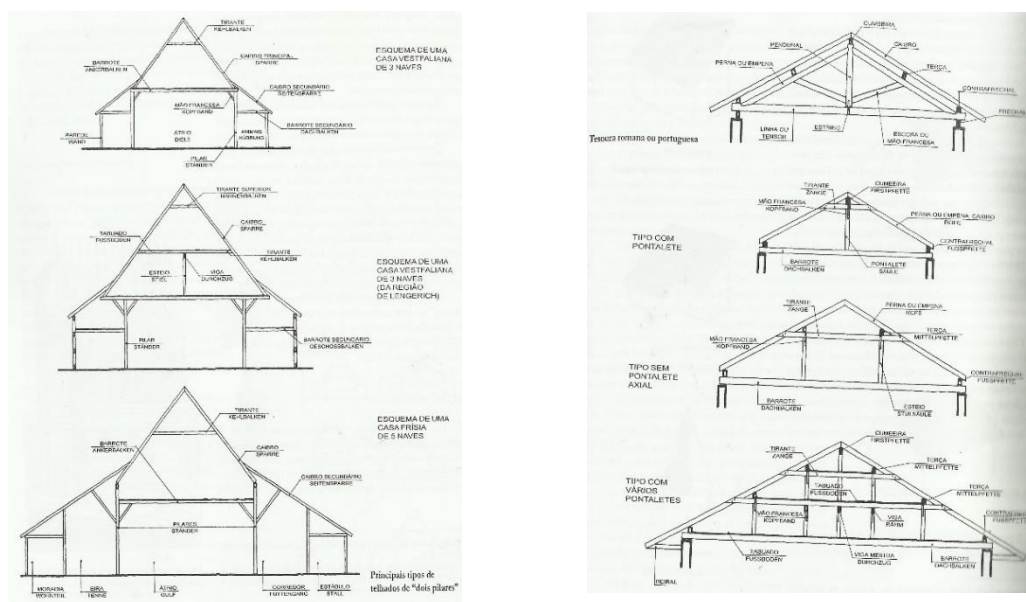
Para Weimer (2005), as vilas e aldeias formadas no Brasil pelos imigrantes – que, posteriormente, tornaram-se cidades – eram semelhantes às concentrações urbanas da Alemanha no período pré-colonização, com diferentes dimensões. Estes povoados possuíam casas muito próximas, entretanto, não geminadas. Ao fundo

estavam locadas a horta e o pomar, servindo também como barreira e proteção, porém, poderia interferir no crescimento do conjunto urbano. De acordo com Macedo (1987), somente após 30 anos do início da colonização que as residências “definitivas” começaram a ser construídas, quando já se conhecia e dominava as madeiras locais e se distinguia os melhores lugares para explorar as pedras. Essas pedras eram confeccionadas no mesmo local ou muito próximo da edificação anterior, que na maior parte dos casos eram grandes cômodos, onde se integravam dormitórios e áreas de convivência.

Para Weimer (2005), em todos os territórios, a origem projetual e de distribuição de espaços foi semelhante, uma vez que “havia paredes periféricas que sustentavam um telhado. Essa estrutura podia ser complementada por pilares internos, mas as paredes internas foram sendo agregadas ao longo do tempo” (WEIMER, 2005, p. 92). Sendo assim, as edificações consistiam em um único salão, dividido conforme as necessidades. As tipologias de telhados influenciadas pelos alemães são inúmeras. No Brasil ficou conhecido o telhado com tesouras, com poucas características daquilo que se produzia na Alemanha.

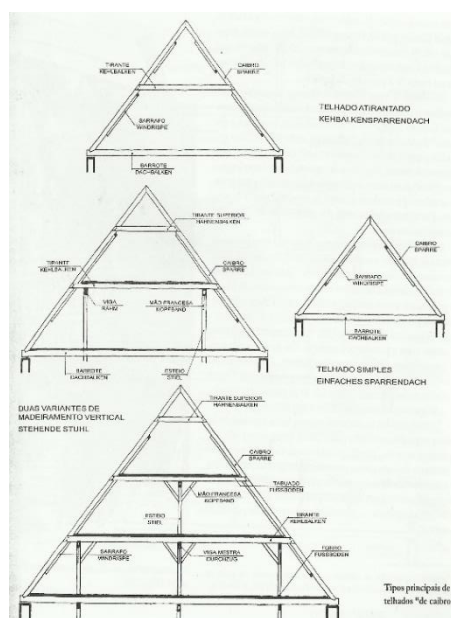
A Figura 3 apresenta as tipologias de telhados que eram empregados em território germânico. Observam-se neles influências e semelhanças de edificações brasileiras, apesar de Günter Weimer descrever que não se utilizavam as mesmas tipologias. A Figura 3 (A) mostra o telhado de tipo terças, no qual se observam semelhanças com as edificações residenciais. A Figura 3 (B) mostra o telhado de tipo caibros, com semelhanças com a tipologia construtiva de moinhos e edificações de maiores dimensões. A Figura 3 (C) apresenta os telhados de tipo pilares, semelhante às construções de galpões e construções de uso rural.

Figura 3 – Tipologia de telhados confeccionados na Alemanha – influenciando os imigrantes



A

B



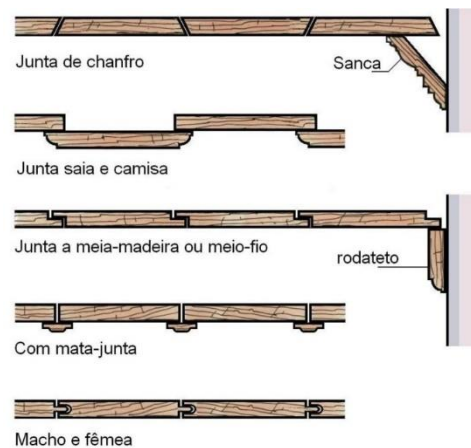
C

Fonte: Arquitetura Popular da Imigração Alemã (WEIMER, 2005, p. 93-97-100).

Para Macedo (1987), os detalhes em fachadas e demais áreas de um edifício evoluíram da mesma maneira que evoluiu a maneira de construir. As esquadrias em construções mais simples eram a única área ornamentada, podendo ser arqueada,

com vidros decorados e com formas variadas de abertura. Os forros ornados surgiram somente quando maquinários requintados foram importados, com a possibilidade de trabalhar com o sistema macho-fêmea. Anterior a isso, usava-se o sistema denominado saia-e-blusa (ou saia e camisa), conforme a Figura 4 apresenta.

Figura 4 – Sistemas de encaixe de madeira de forro



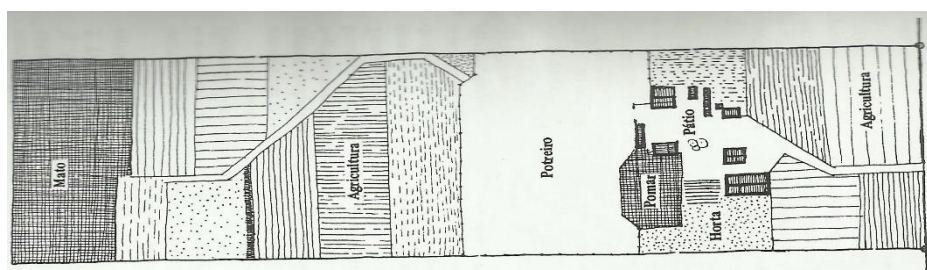
Fonte: Brooks (2017), editado pela autora (2019).

Segundo Weimer (2005), o desenvolvimento ao longo dos anos na arquitetura de imigração alemã aconteceu em diversos âmbitos, desde a distribuição no lote, composição das edificações até a maneira como se construía com a madeira. Inicialmente, colocava-se a madeira ligada diretamente ao solo, o que levava ao seu apodrecimento. Dessa forma, para que esse apodrecimento fosse evitado, era confeccionada uma base com pedras e a madeira era elevada do solo, ficando acima dessa base. Com isso, a durabilidade tornou-se maior, mas sua rigidez ficou reduzida e, assim, a arquitetura enxaimel teve espaço nas construções brasileiras como solução construtível.

De acordo com Weimer (2005), as denominações e terminologias empregadas nas colônias alemãs, na maior parte dos casos, não apresentam traduções objetivas para serem empregadas em português. São inúmeras as expressões existentes para representar situações diversas. Uma delas é conhecida no dialeto alemão como *hof* e designa o pátio que era uma ala, de extrema importância nas propriedades, sendo ele o conjunto de tudo que existia dentro de uma propriedade rural, como representa a Figura 5. A disposição desses edifícios dentro do pátio poderia ser de forma angular

reta ou livre, que era definido de acordo com a topografia local, bem como de acordo com o trabalho que fosse desenvolvido na propriedade, deixando sempre mais próximo da residência áreas como as hortas. A Figura 5 apresenta um modelo de distribuição de lote, sendo mais próximo da residência serviço como horta, seguido de lavouras e, ao final, área de mata.

Figura 5 – Distribuição de um lote rural – 2005



Fonte: Arquitetura Popular da Imigração Alemã (WEIMER, 2005, p. 341).

Para Roche (1969 apud WEIMER, 2005), as fases da arquitetura foram cinco, sendo que, destas, duas aconteceram posteriormente ao ciclo migratório e foram desenvolvidas pelos descendentes dos imigrantes. A arquitetura desenvolvida durante o ciclo migratório era semelhante ao do país de origem, adaptando-se para que fosse mais cômoda e segura nas condições regionais.

Da mesma forma que os alemães contribuíram para o crescimento e desenvolvimento regional, os italianos realizaram o mesmo, após a chegada e o estabelecimento no território nacional – tanto em áreas próximas aos descendentes alemães como em locais mais distantes – formando, assim, uma nova identidade na sociedade.

2.5 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

O desenvolvimento social, cultural, econômico, político e religioso do estado do Rio Grande do Sul teve influências de diversos povos imigrantes, entre eles, os originários da Itália, de onde trouxeram inúmeras experiências, ensinamentos e práticas em artes diversas. Fazer conhecida a história, a trajetória e o processo colonizador dos italianos tem relevante importância no desenvolvimento do Inventário dos Bens Edificados do município de Chapada/RS.

Para Boni e Costa (1982), existiam preferências pela origem dos povos que integrariam a população do território brasileiro, entretanto, com a dificuldade de convencer e trazer um número considerável destes, teve início uma remodelação no processo de imigração. Como a Itália sofria problemas e passava por um período de crise, em consequência de uma unificação do seu território, o povo italiano passou a ser aceito na política de migração, principalmente aqueles que viviam nas partes mais assoladas, que possuíam vontade de prosperar e trabalhar e não possuíam esperança em sua terra.

De acordo com Battistel e Costa (1982), os imigrantes de origem italiana passaram por inúmeras situações diferentes daquelas enfrentadas pelos alemães, visto que chegaram num território que já passava por processo de colonização. De tal modo, as pessoas que administravam já possuíam alguma experiência em coordenar esse processo. Por volta de 1870, o território italiano foi unificado: enquanto a parte norte do país estava fortalecida economicamente, pelas indústrias e pelas pessoas de posse, a região sul sofria com a fraca economia, devido à instabilidade da agricultura, o que preocupava e assolava a maior parte das famílias.

Segundo Boni e Costa (1982), o maior número de colonos veio de regiões como Piemonte, Lombardia e Vêneto – eram tanto homens sozinhos, com o intuito de preparar a vida para os familiares quanto famílias inteiras ou até mesmo grupo de amigos, vizinhos e parentes. Ao ingressarem em território sul-rio-grandense, os imigrantes italianos encontraram um processo um pouco mais organizado, em que a imigração e a colonização eram administradas e coordenadas por órgãos distintos. Os recém-chegados encontravam lotes de diversas proporções, sendo eles maiores em áreas de perau e difícil acesso e menores em superfícies planas, podendo também alterar as dimensões de tais lotes de maneira que todos possuíssem acessos a fontes de água. A Figura 6 mostra um grupo de imigrantes italianos em território brasileiro.

Em 1875, os primeiros navios vindos da Itália desembarcaram no Rio de Janeiro. Nessa época, os primeiros imigrantes seguiram em direção ao Rio Grande do Sul, em busca de uma nova vida, sem saber se o que estava em sua bagagem seria o necessário (BATTISTEL; COSTA, 1982).

Figura 6 – Imigrantes italianos em Vitória/ES – sem data



Fonte: Revista ES Brasil (2018).

Como contam Boni e Costa (1982), ao final do ciclo migratório italiano, que durou de 1861 a 1970, teve um somatório de aproximadamente 28 milhões de pessoas que vieram tentar uma nova vida no país. Eram, em sua maioria, agricultores – maior foco dos colonizadores. Alguns, todavia, ocultavam sua real profissão e, ao chegar no Brasil, exerciam outra profissão, não sendo a de agricultor, conforme o Quadro 3 apresenta.

Quadro 3 – Números da imigração italiana no Brasil – 1861 a 1970

ANOS DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL	NÚMERO DE PESSOAS QUE IMIGRARAM PARA O BRASIL (Nº DE PESSOAS)			
	BRASIL	TOTAL NA EUROPA	TOTAL - PAÍSES NÃO EUROPEUS	TOTAL NO MUNDO
1861 – 1870	-	99.272	21.768	121.040
1871 – 1880	3.722	90.549	27.047	117.596
1881 – 1890	21.555	92.920	95.000	187.920
1891 – 1900	58.022	128.800	154.673	283.473
1901 – 1910	30.336	251.201	351.468	602.669
1911 - 1920	12.588	169.645	213.162	382.807
1921 – 1930	7.656	136.242	118.822	255.064
1931 – 1940	1.250	41.422	28.843	70.265
1941 – 1950	5.073	127.698	97.846	225.544
1951 – 1960	8.557	176.712	117.029	293.741
1961 - 1970	716	212.821	51.878	264.699

Fonte: ISTAT (1976 apud BONI; COSTA, 1982), modificado pela autora (2019).

Segundo Cenni (2003), ao percorrer o país para chegar às novas terras, os adultos/idosos faziam o trajeto caminhando; quando possível, crianças e bagagens iam carregadas por animais, quando estes eram adquiridos. No momento da chegada às novas terras, as nomenclaturas escolhidas para aqueles locais tinham relação com a sua terra natal ou com alguma pessoa que os ajudou a chegar ao sul do Brasil. Posteriormente, os povoados poderiam receber um novo nome.

Conforme Battistel e Costa (1982) e Flores (2013), as primeiras duas colônias italianas criadas no Rio Grande do Sul foram Conde d'Eu (atual Garibaldi e Carlos Barbosa) e Dona Isabel (atual Bento Gonçalves). Depois foram criadas as colônias de Fundos de Nova Palmira (atual Caxias do Sul) e de Silveira Martins (região central do estado, Santa Maria) – ambas foram emancipadas em 1882 e 1884, respectivamente, por altos índices de corrupção. Assim, em 1885, criaram-se duas novas colônias – São Marcos e Antonio Prado – que não foram tão relevantes, uma vez que não foram utilizadas diretamente por imigrantes. Dos anos 1880 até, aproximadamente, 1900, as pessoas entravam e saíam dessas colônias, fazendo comércio com outras colônias e, conseqüentemente, desbravando novas áreas, com a possibilidade de sair do local em que estavam para iniciar novamente a vida em outro lugar.

Segundo Boni e Costa (1982), a diversificação linguística era relevante. Vindos de diversas áreas da Itália, os dialetos se mesclavam, afinal, não ocorria distribuição de colonos de acordo com sua origem. Desse modo, misturaram-se diversas formas de falar italiano, dando origem a outras formas, por sua vez, hibridizadas. Essa criação de novas linguagens era necessária para o melhor entendimento entre a comunidade, pela diferença léxica entre os povos, de tal forma que o italiano falado atualmente no Brasil é muito diferente do falado na Itália. Ressalta-se que a língua portuguesa foi introduzida de forma lenta e gradual entre os imigrantes.

Os recém-chegados encontravam os territórios cobertos de mato. Com a necessidade de abrir clareiras e estradas, parte das árvores retiradas era queimada e o restante era utilizado na construção das moradias e demais dependências. Pequenas indústrias de artesanato rural foram abertas, para facilitar a vida dos colonos, entretanto, com altos custos. Dessa forma, quem chegava enviava aos parentes e amigos que estavam saindo do seu país de origem recomendações, entre elas, trazer poucos utensílios pessoais, pois no Brasil havia a preços aceitáveis, e trazer o quanto fosse possível utensílios para lavoura e carpintaria e de cozinha. Outra recomendação era não esquecer de trazer mudas de árvores, videiras e sementes,

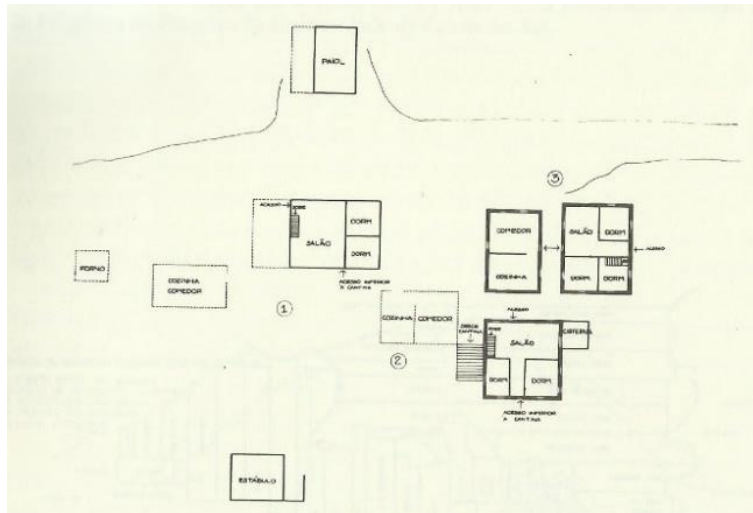
pois, segundo os colonos, as terras eram excelentes para o plantio (BATTISTEL; COSTA, 1982).

2.5.1 A arquitetura italiana e a organização rural dessas comunidades

O Rio Grande do Sul teve uma influência relevante dos colonizadores italianos, que construíram suas vidas e influenciaram a forma de vida da atual população em áreas distintas. A arquitetura desenvolvida nos grandes centros colonizados no Brasil possuía uma arquitetura refinada, edifícios projetados por profissionais, conhecida pelo termo de arquitetura erudita. Por outro lado, nas pequenas vilas e na área rural, esses profissionais não possuíam a mesma aceitação, até mesmo pelo estilo de vida. Por esse motivo, a arquitetura encontrada na área interiorana do Rio Grande do Sul é conhecida como arquitetura tradicional, caracterizada pela influência das lembranças da terra natal e das necessidades do dia a dia (POSENATO, 1997).

Segundo Cenni (2013), as edificações eram construídas com pedras e madeira – retirada do próprio lote e entorno –, pela dificuldade de encontrar areia e pelo custo oneroso de transportar cal até a região. Os telhados eram íngremes, facilitando o escoamento da neve, quando ocorria (influência da terra natal). Quando a residência não comportava mais confortavelmente os moradores, era transformada em galpão/depósito e uma residência maior e mais condizente com o estilo de vida atual era construída. Na maior parte das situações, essas construções eram elevadas e com porão semienterrado, como mostra a Figura 7, exemplo de evolução que aconteceu em Caxias do Sul/RS.

Figura 7 – Exemplo de evolução da distribuição arquitetônica das edificações italianas



Fonte: A arquitetura no Rio Grande do Sul (WEIMER, 1987, p. 138).

De acordo com Boni e Costa (1982), ao adentrar no lote, os colonos improvisavam as primeiras cabanas, abaixo de árvores, em cavernas ou com cabanas de lençol. Eles aprimoravam e construíam as casas posteriormente. Com o tempo e experiência, as clareiras eram abertas, a madeira era retirada e queimavam-se as demais vegetações (maneira mais rápida de limpar o lote). Essas ações eram realizadas somente no território onde seria necessário – para construção de moradia e demais dependências, lavouras, hortas e pomares. O restante do lote mantinha a cobertura vegetal.

As expressões arquitetônicas mais significativas da influência italiana são as arquiteturas religiosa, industrial, comunitária e residencial. O povo italiano possuía experiência com os materiais, o que eles desconheciam era o clima da região. Os materiais mais utilizados por todos os imigrantes eram a madeira, a pedra, a cerâmica (para tijolos e telhas), a terra (para a taipa, adobe e confeccionar fornos) e os materiais industrializados (vidro, ferro etc.). Posenato (1997) afirma que existiam seis características importantes entre a população italiana no Brasil, quando se fazia arquitetura, sendo elas:

- a) Base essencialmente artesanal, mesmo fazendo uso de materiais industrializados (vidro);
- b) Diversidade de soluções, sem um padrão estabelecido, executando da melhor maneira para aquela realidade;

- c) Disposição à aculturação, sem importar de qual cultura aquele elemento faz parte, sabendo que ele será útil, é utilizado;
- d) Uso de materiais do entorno, utilizando aquilo que a natureza oferece;
- e) Conforto ambiental, com a disposição de ambientes planejados e através dos materiais utilizados, tudo isso através da experiência pessoal;
- f) Integração com o meio, harmonizando com a natureza, tornando-se parte da paisagem.

Segundo Boni e Costa (1982), a escolha do local onde seria construída a moradia deveria atender a alguns requisitos: receber o sol matinal, em um terreno inclinado, o que possibilitava instalar um porão e próximo de uma fonte de água. As madeiras utilizadas nas construções eram serradas, inicialmente de forma manual, fazendo uso de instrumentos como os que a Figura 8 apresenta. Depois, passaram a ser serradas de maneira artesanal e, mais tarde, instalaram-se serrarias que desenvolviam essa tarefa.

Figura 8 – Serra utilizada para serrar manualmente a madeira – peça do acervo museológico de Chapada/RS



Fonte: Foto da autora (2018). Chapada/RS

Conforme Bertussi (1987), as casas de dormir e cozinhas possuíam diversas modulações e concepções. Após a implantação do cultivo de videiras, com a necessidade de estocar o vinho, as residências receberam modificações e ganharam porões, aumentando o número de pavimentos. As portas de acesso eram dispostas de forma distinta; enquanto a da residência ficava de um lado, a do porão se localizava do lado oposto. Os porões eram locais sem divisórias, possuíam somente as colunas de sustentação do pavimento térreo local, podendo ter acessos internos também. O pavimento da residência em si possuía uma ampla e ornada abertura de acesso, com uma sala principal ampla que dividia os dormitórios de uma possível cozinha interna. Na maior parte das situações, quando havia escadas internas, elas estavam

instaladas em um pequeno quarto transformado em dispensa. As dobradiças eram em couro cru, ou mesmo em ferro batido, confeccionadas em ferrarias, podendo ser em mais de uma modelagem.

De acordo com Boni e Costa (1982), as madeiras utilizadas nas vedações, pisos e forros eram as mesmas, entretanto, eram trabalhadas de forma diferenciada, visto que as madeiras das paredes, quando possuíam frestas, poderiam receber fechamento, já o forro não poderia ter aberturas entre as tábuas, pois este local poderia ser utilizado como um ambiente. Da mesma forma, o piso não deveria ter falhas, para não sujar os alimentos e objetos que eram depositados nos porões. Já as aberturas eram de uma madeira diferenciada, com a possibilidade de serem trabalhadas e ornadas – com vidros somente anos após o início da colonização, com dobradiças de ferro ou couro e, para fechamento, utilizavam-se tramelas.

A colonização italiana, para Posenato (1997), passou por fases, classificadas conforme a tipologia de arquitetura que se fazia:

- a) Construções provisórias: aquelas feitas logo na chegada, primeiros abrigos;
- b) Construções primitivas: feitas após os primeiros ciclos de colheitas, tendo pouco dinheiro, trabalhavam toda a madeira;
- c) Apogeu das construções: edificações grandes, com inúmeros cômodos, comprava-se madeiras para algumas etapas, auge das colheitas;
- d) Construções tardias: feitas pelas pessoas já nascidas no Brasil, sem influência direta das lembranças e convívio com arquitetura italiana.

Para Bertussi (1987), devido ao pouco domínio que o imigrante italiano possuía sobre a madeira, muitas vezes ocorria um dimensionamento excessivo. Exemplo disso era a utilização de toras de madeiras serradas ao meio para a sustentação de uma residência com aproximadamente 7 metros, o que é superdimensionado pelas cargas que o local receberia, como apresenta a Figura 9. As pilastras e vigas em madeira que sustentavam e ficavam aparentes nos porões eram mantidas “cruas”, sem um tratamento especial, porém, quando eram aparentes em um pavimento principal (o térreo), recebiam acabamentos mais precisos, tornando a madeira mais trabalhada.

Figura 9 - Tronco de madeira de sustentação de piso



Fonte: Autora (2018). Chapada/RS

As capelas, escolas, cemitérios e capitéis eram construídos de forma comunitária (BONI; COSTA, 1982). Todas essas construções poderiam receber o patrocínio de todas as famílias ou somente de algumas, de acordo com o que a família acreditava ser correto e “necessário”. Dessa maneira, faziam uso do local aqueles que o patrocinavam.

O município de Chapada foi construído dentro de um contexto imigratório, contendo em diversos pontos inúmeros elementos que a bibliografia apresenta acerca da influência desses colonos. A região constituiu-se como um conjunto, de onde a cidade se desmembrou e construiu seu destino, que será descrito no próximo item.

2.6 HISTÓRICO DE CHAPADA

Chapada está localizada no Planalto Médio do estado do Rio Grande do Sul, como mostra a Figura 10. Possui uma área territorial de 684.043 km² com aproximadamente 9.605 habitantes residentes. A cidade tem como municípios limítrofes ao Norte e Noroeste: Palmeira das Missões e Novo Barreiro, ao Sul: Santa Bárbara do Sul, a Sudeste: Carazinho e Almirante Tamandaré do Sul, a Nordeste: Nova Boa Vista e Barra Funda (PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA, 2015).

A economia local, de acordo com a Prefeitura Municipal de Chapada (2015), é baseada na agricultura (72,73%), em serviços (7,27%) e na indústria (4,36%). As principais culturas agrícolas do município são o milho, a soja, o trigo e a aveia. Já a pecuária trabalha com bovinos, suínos e aves.

Figura 10 - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, localizando Chapada/RS



Fonte: Site Wikipédia (2017).

Conforme Geovane Ebert (2009), a história do território pertencente ao atual município de Chapada teve início com as aglomerações e povoados indígenas. Entretanto, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes, por volta dos anos 1900, é que se inicia a construção de povoadamentos, aberturas de clareiras para agricultura e estradas na margem esquerda do Rio da Várzea.

A partir de 1915, segundo Taube (1984), o fluxo migratório se intensificou com a chegada de um considerável grupo formado por famílias alemãs, migrantes da colônia velha. Com o crescimento populacional do então vilarejo de Cairé, juntamente com a Linha Kaudebach, a região passou a ser um distrito de Palmeira das Missões, no ano de 1921 (EBERT, 2009). A área foi colonizada por Guilherme Sudbrack, que adquiriu terras do senhor Maceno Martins, tendo como intermediário-vendedor Nicolau Kasper. Guilherme e Nicolau, juntos com Eduardo Graeff, foram os responsáveis pela colonização de onde atualmente está a sede do município. Anteriormente, a área pertencia a uma família de uruguaios, os Garcia. As demais áreas colonizadas na época foram adquiridas e remanejadas por Miguel Matt.

De acordo com Ebert (2009), a área onde atualmente é a sede da cidade de Chapada surgiu de maneira planejada, como demonstra a Figura 11, para se tornar um vilarejo e, posteriormente, o maior conjunto urbano do distrito, pertencente a Palmeira (atual Palmeira das Missões/RS). Em 1º de dezembro de 1921, com o ato municipal de Palmeira das Missões de nº 41, foi criado o vilarejo de Chapada – a

denominação do local homenageia uma antiga fazenda que existia no local. Com a abertura de clareiras, foram construídos 15 quarteirões, com terrenos de 20m x 40m, dos quais quatro foram destinados como doações às comunidades religiosas (luterana e católica), para a sede da administração municipal e outro foi utilizado para construir uma pequena escola. O entorno dessa concentração urbana foi setorizado em 148 lotes e 30 chácaras, constituindo, assim, o princípio do povoado de Chapada, atual sede municipal. Os demais vilarejos, hoje distritos, também surgiram da mesma forma e com uma organização semelhante.

Figura 11 - Vista parcial do município de Chapada – 1968



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapada (2017).

Segundo Ebert (2009), foi em 1928 que as primeiras famílias de italianos chegaram, vindas da região serrana do Rio Grande do Sul. Essas famílias foram direcionadas a um local próximo ao conjunto formado pelos alemães e ali construíram suas residências em uma área de topografia acidentada, a qual denominaram Linha Westphalen – em homenagem ao agrimensor que mediu as terras e realizou a divisão de lotes. No local, as famílias iniciaram o cultivo de uvas e a construção de Capitéis e da igreja, em agradecimento à nova vida, além de escola e demais dependências.

Com o crescimento populacional e o desenvolvimento da região, iniciou-se em 1953 o processo de emancipação política administrativa. Após todo o processo legal necessário, no dia 12 de fevereiro de 1959, Chapada tornou-se oficialmente um município, desmembrando-se de Palmeira das Missões. No dia 3 de junho do mesmo

ano, o primeiro prefeito – Félix Antônio Porciúncula Sampaio – assumiu a gestão do município (EBERT, 2009).

Sendo muito devotos a suas religiões e fé, com a realização de missas e cultos, a população sempre manteve suas fontes religiosas impecáveis e ativas. A primeira comunidade religiosa a se mobilizar foi a Luterana, no ano de 1924, quando era conhecida como Comunidade Evangélica Alemã de Chapada. Nesse período, a comunidade construiu sua primeira igreja e uma escola para seus membros. Na década seguinte, em 1939, a Igreja Católica Apostólica Romana foi oficialmente criada no município, com sede no então distrito Cairé (atual Tesouras). De início, havia apenas uma capela em madeira; após anos, foi construída uma grandiosa e imponente igreja (EBERT, 2009).

Ainda segundo Ebert (2009), o atendimento de saúde no município de Chapada passou a ser preocupação e se tornou pauta em 1938, quando foi inaugurada a primeira casa de saúde local (Figura 12). A edificação em madeira somente comportava atendimentos de internações em casos graves e atendimentos de enfermagem. Nesse contexto, como ainda era mais presente a medicina popular, os casos que a casa de saúde não atendia eram tratados nas próprias residências, por meio de medicamentos naturais, benzedeiros e pessoas que possuíam o conhecimento e experiência popular – normalmente as pessoas de idade mais avançada desempenhavam esse papel.

Figura 12– Primeira Casa de Saúde do município – 1938



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapada (2017).

Conforme os registros das atas da Sociedade Beneficente São José de Chapada, em 2 de julho de 1950, um grupo de moradores das vilas de Cairé e Chapada reuniram-se na residência do senhor Osvaldo Hoss para oficializar a fundação da Sociedade Hospitalar (Figura 13). Na ocasião, ocorreu a eleição da primeira diretoria e do seu conselho fiscal. Ficou decidido que o presidente seria o Padre Nelson Friedrich e o vice seria o senhor Arthur Franke. Todas essas informações estão nas atas, redigidas por Félix Antônio Porciúncula Sampaio. As reuniões aconteciam de forma esporádica, quando necessária a tomada de decisões.

Figura 13 - Vista parcial do Hospital – 1958



Fonte: Prefeitura Municipal de Chapada (2017).

À medida que a cidade se desenvolvia, algumas atividades foram iniciadas e edifícios de diversas utilidades construídos (EBERT, 2009). A educação teve início no ano de 1923 com o professor Antônio Ott Filho, professor particular. Em 1936, surgiu o primeiro grupo de teatro municipal e a luz elétrica chegou, trazida por Germano Mattjie, que a utilizava em sua propriedade rural. Em 1939, a Congregação Notre Dame de Passo Fundo, administrada pelas freiras, instalou seu pensionato e escola no município. Já em 1962, as primeiras escolas públicas foram construídas e começaram a funcionar na cidade. Em 1965, a água passou a ser canalizada. O museu municipal foi inaugurado em 1982, na edificação que abrigou a primeira prefeitura.

Atualmente o município é subdividido na sede – Chapada – e em mais cinco distritos. Boi Preto, que foi palco de uma sangrenta batalha durante a Revolução

Federalista, que ficou conhecida como “Degola do Boi Preto”. Vila Rica foi a mais próspera localidade, com inúmeras indústrias e empregos. Santana é um dos maiores distritos do município, pois era por ele que passava a maior parte dos transportes intermunicipais que ligavam Chapada a toda a região. Tesouras foi a primeira sede e aglomeração urbana de Chapada – teve como denominações Cairé e Tesoura do Sul – e foi através deste local que o atual município se desenvolveu. São Miguel é a mais linda localidade e atrai inúmeros visitantes com suas belezas naturais.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O município de Chapada encontra-se em um momento de sua história em que as pessoas não compreendem a real necessidade de conservar e preservar os bens deixados pelos seus antepassados. Encontram-se no município inúmeros exemplares, tanto em madeira como em alvenaria, todavia, o número de edificações de madeira é consideravelmente maior e, ao mesmo tempo, mais passível de substituição, o que demonstra a necessidade de políticas e ações de proteção.

Levando em consideração que as ocupações territoriais e assentamentos iniciaram na região no ano de 1900, foi necessária a adoção de uma estratégia para a escolha das edificações. Realizar um recorte temporal seria de extrema dificuldade, visto que não existe um número considerável de edificações do início do período, bem como ocorre um espaçamento de tempo em algumas situações. Dessa maneira, optou-se por escolher as edificações pela relevância arquitetônica, através de elementos e singularidades.

O município não possui plano diretor e código de obras. Dessa forma, não existe nenhuma política pública que estabeleça a preservação e conservação de bens, dificultando a conscientização da população e a preservação dos locais. Apropriando-se do conhecimento metodológico investigativo, a pesquisa será de caráter exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa comporta saídas a campo e estudo bibliográfico.

A base de pesquisa e estudo acerca de dados locais, fotografias e informações sobre acontecimentos foi composta por livros municipais, plataformas do poder público e documentações e acervo de comunidades religiosas. A pesquisa desses materiais resultou na descoberta de fatos e informações relevantes acerca dos distritos locais e possibilitou a investigação em edificações dessas áreas.

O método adotado para implementar o estudo é constituído por etapas distintas, com a aplicação de um instrumento para a coleta de dados que se constituiu a partir dos elementos que a Figura 14 apresenta.

Figura 14 – Fluxograma da metodologia adotada



Fonte: autora (2019). Baseado em Silva (2015).

Para o fichamento das edificações e cadastramento de dados, fez-se uso da ficha de Sistema de Rastreamento Cultural (IPHAE, 2018), que cumpre com as necessidades e contém as informações que são necessárias.

3.1 O MÉTODO DE FICHAS A SEREM PREENCHIDAS PARA O INVENTÁRIO DE EXEMPLARES EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual do Rio Grande do Sul (IPHAE) faz uso de um fichamento para o cadastramento de seus bens e, dessa forma, auxilia os estudiosos do estado que necessitam desse documento. A ficha de Sistema de Rastreamento Cultural atualizada apresenta todos os itens que o projeto aborda, facilitando a explanação e apresentação de dados.

Em um primeiro momento, fez-se uso de fichas provisórias para o reconhecimento dos bens e para auxiliar na escolha dos locais. Posteriormente, confeccionou-se as novas fichas das edificações selecionadas, com visitas *in loco* aos locais, para maior acuidade dos dados selecionados. Com todos os dados e informações, pode-se realizar pesquisas bibliográficas específicas sobre detalhes e locais específicos.

O fichamento adotado para o estudo foi desenvolvido pelo IPHAE, contendo originalmente duas páginas. No entanto, pelas informações almejadas a integrar a pesquisa (plantas, corte, fachada e cobertura), foi necessário editar a ficha, totalizando três páginas de fichamento, em que não se alterou o conteúdo apresentado. Abaixo é possível observar o fichamento após alterações e como ele é apresentado no estudo. Ressalta-se que o método de fichas adotado deve suprir todas as necessidades do estudo e que informações adicionais serão apresentadas nas observações, bem como na forma textual, elucidando todos os pontos relevantes do bem.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município:

Ficha Nº:

Localidade:

Denominação do bem:

Endereço/Localização:

Proprietário:

Uso original e atual:

Latitude:

Longitude:

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma **Proteção Proposta:** inventário

Bens Móveis: nenhum

Valores estabelecidos ao bem:

Histórico:

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:

Imagens complementares (entorno, edificações)

Análise Arquitetônica:

Planta de situação atualizada

Croqui / planta baixa

Fontes:

Locais pesquisados:

Observações:

Responsável:

Data:

3.2 CRITÉRIO DE SELEÇÃO DAS EDIFICAÇÕES

A investigação acerca dos bens patrimoniais em madeira de Chapada/RS é baseada em locais de relevância histórica, arquitetônica e de memórias coletivas ou individuais. Concordamos com Oliveira (2010, p. 51):

Acreditamos nas pluralidades e na possibilidade de convivência dessas histórias/memórias no sentido de esclarecimentos e, por vezes, complementações. Somos levados a acreditar que os infindáveis segmentos componentes de uma determinada sociedade podem ser capazes de produzirem sua memória, e isto consiste em ter suas próprias referências, produzir suas próprias sacralizações, afinal, são várias as memórias em jogo.

O município nunca foi alvo de nenhum tipo de pesquisa acerca da arquitetura em madeira local e não possui registros sobre tais bens ou qualquer informação. Dessa forma, todas as informações colhidas resultam de conversas com a população local – que, mesmo sendo pessoas leigas no assunto (arquitetura e patrimônio), são conhecedoras da região e da localização desses bens.

Adotou-se como critério inicial um recorte temporal (1900-1970) na história local, sabendo-se que a história da colonização local tem aproximadamente 103 anos. Sendo assim, através de análises *in loco* e pesquisas bibliográficas, pode-se perceber os locais com maior relevância no contexto histórico local e, de modo mais amplos, destes bens em um contexto estadual.

Ademais, para serem inseridas no estudo, as edificações deveriam possuir algum detalhe arquitetônico distinto (lambrequins, cobertura, formato arquitetônico, disposição e colocação da madeira). Optou-se também por diversas tipologias arquitetônicas (usos diferenciados) para realizar comparações de disposição de esquadrias e formato da planta baixa. Além disso, nas residências, levou-se em consideração a disposição de ambientes, com alguma característica peculiar, inédita e relevante.

Dentro desse recorte temporal, visitou-se um considerável número de edificações (40), reduzindo-as dentro dos critérios de características analisadas, somando 13 ao final, que foram selecionadas para compor a pesquisa, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Descrição e dados sobre os bens inventariados

	EDIFICAÇÃO	ANO	ENDEREÇO	LOCALIZAÇÃO
1	Moinho	1948	Rua Getúlio Vargas	Área urbana
2	Residência Taube	1943	Rua Duque de Caxias	Área urbana
3	Museu municipal	1943	Rua Santos Dumont	Área urbana
4	Lotus Garden	1954	Esquina das ruas Alfredo Winck e Santos Dumont	Área urbana
5	Residência Bays	1962	Linha Diogo	Área rural
6	Residência Henz	1953	Santana	Área rural
7	Salão Guth	1968	Santana	Área rural
8	Residência Scheuermann	1928	Linha Góes	Área rural
9	Residência Pizzeta	1962	Linha Góes	Área rural
0	Residência Colognese	1962	Linha Westphalen	Área rural
1	Galpão Schneider	±1915	Linha Borges de Medeiros	Área rural
2	Capitel	±1931	Linha Westphalen	Área rural
3	Residência Rockembach	± 1928	Tesouras	Área rural

Fonte: autora (2019).

A relevância histórico-cultural considerou cada edificação em seu uso e contexto social, sabendo que cada uma delas tem suas particularidades. Esses locais não apenas fazem parte da memória individual, mas também compõem fatos da memória coletiva, do contexto social da comunidade, entrelaçando e contando detalhes do passado.

A cidade de Chapada conta com cinco distritos principais e mais 20 localidades que pertencem a eles – locais que foram agregados ao longo dos anos conforme ocupação populacional. A Figura 15 apresenta o mapa urbano com os bens edificadas no território. A Figura 16 apresenta o mapa da divisão territorial do município, segundo seus distritos, e a indicação dos bens rurais.

Figura 15 – Mapa urbano do município de Chapada



Fonte: Prefeitura municipal, modificado pela autora (2019).

Figura 16 – Mapa geral do município de Chapada



Fonte: Prefeitura municipal, modificado pela autora (2019).

Considerando o que foi exposto até aqui, observa-se que o estudo se justifica pela falta de políticas públicas de preservação, bem como pela falta de estudos e pesquisas acerca deste tema no município. Ainda que esses locais não sejam conhecidos por um grande número de pessoas, ou mesmo por não estarem localizados em grandes centros, não significa que não necessitem de preservação de sua memória e história. Com o objetivo de preencher parte desta lacuna, apresentamos na sequência os inventários realizados durante a investigação.

4 INVENTÁRIO DE BENS EDIFICADOS NO MUNICÍPIO DE CHAPADA/RS: PATRIMÔNIOS DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL

No contexto municipal, tanto na área urbana quanto na área rural, existe uma gama de edificações em madeira, que pertencem a diversas épocas pretéritas e que são passíveis de conservação, pois cada uma delas conta um período definido da história local. Após pesquisas minuciosas da história local, do entendimento e conhecimento acerca de suas questões, foi possível escolher, da maneira mais adequada, quais edificações iriam compor o estudo. Não se teve como referência a localização dessas edificações, mas sim o período em que foram construídas, características e peculiaridades que carregam e o que representam.

As literaturas pertinentes à temática, em sua maioria, fazem referência à relevância de um poder público que abraça seus bens e apresentam tal relevância em suas legislações. Entretanto, o município de Chapada não apresenta nenhuma normativa referente à salvaguarda, preservação ou tombamento. Portanto, toda e qualquer informação e coletas de dados aconteceu diretamente *in loco*, sem interferências da municipalidade.

Em relação à importância do inventário, Moreira (2014, p. 65) salienta que, “além de ser um instrumento jurídico de preservação, o inventário trará o suporte técnico necessário para nortear as ações do governo e instigará [...] a sociedade a movimentar-se em favor da busca e da preservação da sua identidade”. Dessa forma, com os resultados em mãos, é possível trabalhar de maneira mais abrangente os patrimônios na sociedade como um todo.

Sabe-se que a madeira é um material de fácil manuseio, não existe controle do que acontece com ela, bem como não se pode controlar a maneira como os proprietários a utilizam e manuseiam seus bens. Diante disso, o patrimônio em madeira do município encontra-se em risco iminente, sem controle de quanto tempo sobreviverá.

Os fichamentos que seguem trazem todas as informações referentes aos bens arquitetônicos estudados, conforme os quadros apresentam.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 01

Localidade: Centro/cidade

Denominação do bem: Moinho Richter

Endereço/Localização: Rua Getúlio Vargas

Proprietário: Família Richter

Uso original e atual: moinho - moinho

Latitude: -28.061054

Longitude: -53.066444

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: equipamentos e maquinários do moinho



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência histórica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico; potencial de reciclagem.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

O moinho Richter foi construído no ano de 1948 e serviu a comunidade até aproximadamente 2010, quando encerrou seus serviços. Um local construído pelos descendentes de imigrantes alemães, na área urbana, região central.

A edificação, totalmente em madeira, possui seus equipamentos também em madeira, montados através de encaixe em algumas partes.

No local se trabalhava principalmente com grãos de trigo, produzindo farinhas a granel. Atualmente ele se encontra desativado e fechado.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02



03

01 e 02 – Vistas frontais da edificação

03 – Vista interna do moinho e seus equipamentos

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

O moinho encontra-se na região central da cidade de Chapada, com três pavimentos, é uma imponente edificação. O local possui uma planta baixa quadrada, sem divisões internas, e todos os maquinários da indústria ainda instalados. A cobertura possui sobreposição de águas, pelo fato de se poder acessar e fazer uso do último pavimento. Os dois primeiros pavimentos são únicos, contendo a estrutura do moinho e seus maquinários, o último pavimento apresenta a sustentação destes.

Cobertura – atualmente a cobertura é em fibrocimento (não se sabe desde quando). A sustentação da cobertura é feita em tesouras de madeira, apoiadas nas paredes externas e pilares internos dos ambientes.

Tipologia – estrutura de alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira (possui alvenaria somente na base de sustentação diretamente ligada ao solo). As paredes da edificação são todas simples, com fechamento no exterior, internamente visualiza-se toda a estrutura de sustentação da mesma. A edificação como um todo possui o mesmo sistema de madeiramento, algo que se assemelha ao sistema chanfro, entretanto, com as madeiras retas e fixadas em vigas, pilares ou estrutura semelhante.

Esquadrias – Janelas

A edificação contém três tipologias de janelas. Nas áreas de maquinário do moinho, as esquadrias possuem 03 folhas, cada uma com 08 vidros. O sótão possui aberturas sem folhas de fechamento e na elevação que existe nesta área da edificação, as esquadrias possuem 02 folhas com 08 vidros em cada. A colocação do vidro é padrão em todas as janelas, em ordem vertical, da seguinte forma: dois vidros pequenos, um vidro inteiro, dois vidros pequenos, um vidro inteiro e dois vidros pequenos.

Esquadrias – Portas

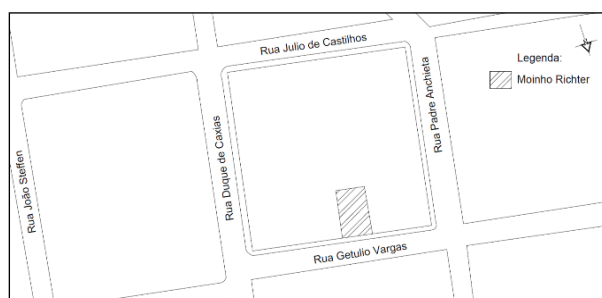
A edificação contém duas tipologias de portas. Uma de acesso ao anexo dos fundos, com duas folhas maciças e lisas. Já a porta de acesso principal da edificação é de duas folhas, que se abrem ao interior, ornada com sancas, sendo que na área superior é dividida em duas estruturas, com detalhes verticais assim como na parte inferior. Já no centro da estrutura existem duas estruturas com sancas horizontais.

Estado de conservação – heterogêneo, somente a cobertura não é original.

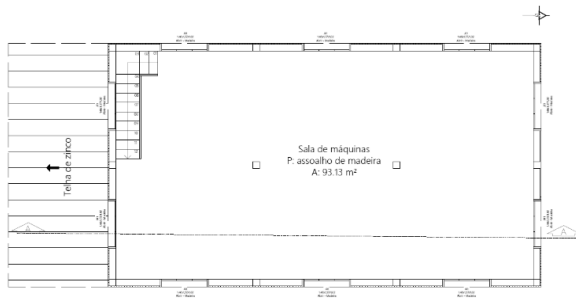
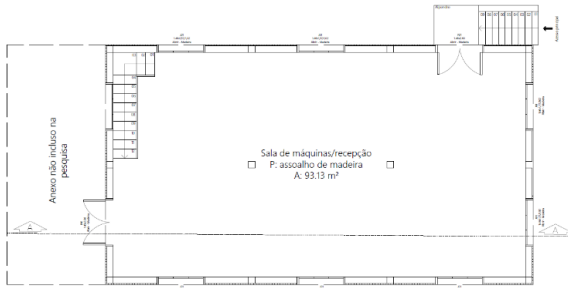
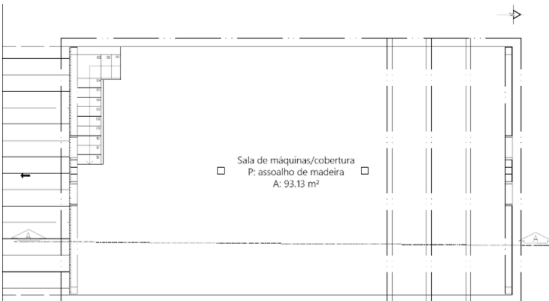
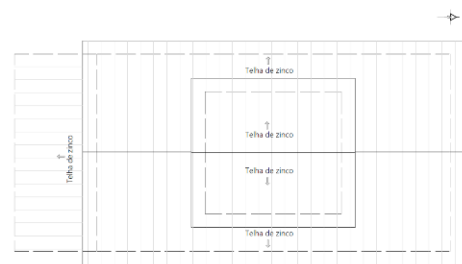
Estado físico - o estado do edifício excelente, pois não apresenta nenhuma patologia, somente sujidades pela falta de uso.

Entorno imediato – a edificação está localizada na região central do município, entretanto, em uma rua vicinal, não recebendo movimentos muito intensos.

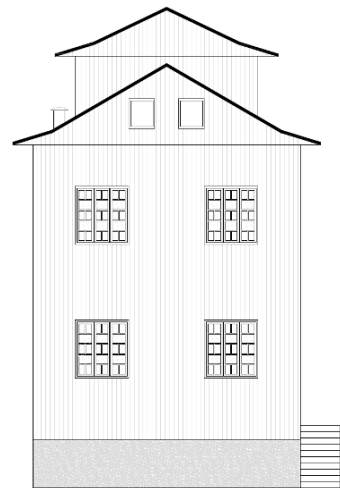
Planta de situação atualizada



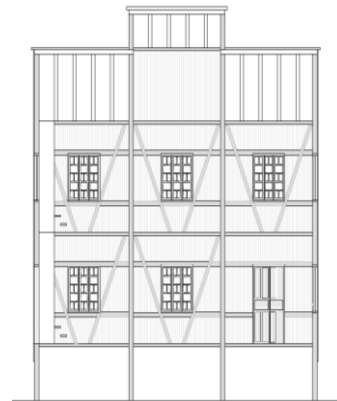
Planta de situação, 2019.

Croqui / planta baixa**Planta Baixa primeiro pavimento****Planta Baixa segundo pavimento****Planta Baixa terceiro pavimento**

Planta de Cobertura



Fachada principal



Corte AA'

Fontes:

Conversas com Elka Schirmer e Tarciso Richter

Locais pesquisados:

Análise *in loco* e conversas com Tarciso e Tarso Richter.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:

Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 02

Localidade: centro/Cidade

Denominação do bem: Residência Taube

Endereço/Localização: Rua Duque de Caxias

Proprietário: Maria Taube

Uso original e atual: residencial

Latitude: -28.062147

Longitude: -53.065569

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

A edificação foi construída por Aloisio Hofer numa área de chácara que hoje é parte da rua Duque de Caxias e um quarteirão. O lote possuía 9 hectares e foi adquirido em 1934 da família de Carlos Elias Mattjie. A construção foi erguida por Aloisio e o construtor Leplein, em madeira chanfrada. No ano de 1939, a família passou a morar no local. O sótão era utilizado como uma pequena biblioteca pelo proprietário, entretanto, com a perseguição aos alemães, todos os livros foram confiscados e o acesso a este pavimento retirado.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

01 e 02 – Vistas frontais da edificação

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A edificação foi idealizada por uma família de descendentes de alemães, em uma área privilegiada no centro da cidade. A residência possui alpendre de acesso, com acessos principais distintos (cozinha e sala de estar). Pelo período de sua construção, a edificação conta com rotas de fuga nos dormitórios. Mesmo com a troca de proprietário, o local nunca sofreu alterações de estrutura. Dessa maneira, a edificação conta com os seguintes cômodos: alpendre, sala de estar, sala de jantar, cozinha, área de serviço, 04 dormitórios, despensa. Em área externa e mais afastada estão o banheiro e uma lavanderia.

Cobertura – a cobertura da edificação é em telha francesa, originais da construção, com alguns problemas em calhas. A estrutura da cobertura é em tesouras de madeira, que se distribuem em 08 águas.

Tipologia estrutural - estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira, sendo em alvenaria a estrutura do piso e os pilares das varandas. As paredes de madeira são duplas externamente e simples no interior, com o sistema macho e fêmea. Já os pisos do interior da residência e os forros são no sistema junta de chanfro (retos).

Esquadrias – Janelas

A residência conta com duas tipologias de janelas, sendo que a única diferença entre tais modelos é que as localizadas nas varandas não possuem venezianas, ao contrário daquelas que estão diretamente no exterior. Estas são de duas folhas com bandeira (com 02 vidros grandes), cada folha possui 08 vidros, sendo 04 de maior dimensão e 04 menores.

Esquadrias – Portas

A edificação conta com duas tipologias de aberturas. As portas internas e as que acessam ambientes externos são simples, de uma folha sem detalhes ou bandeira. Já as portas principais da edificação (duas no acesso principal e uma aos fundos) são duplas, com bandeira (com 05 vidros intercalados entre pequenos e médios) com os seguintes ornamentos: entalhes triangulares na área superior, quadrados no centro e retângulos com sancas abaixo.

Estado de conservação – homogêneo.

Estado físico – muito bom, somente apresenta patologias em local específico, pelo fato de haver uma calha mal dimensionada despejando diretamente sobre a madeira.

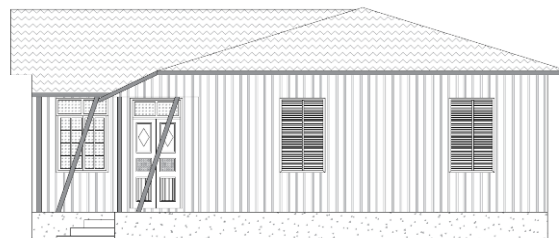
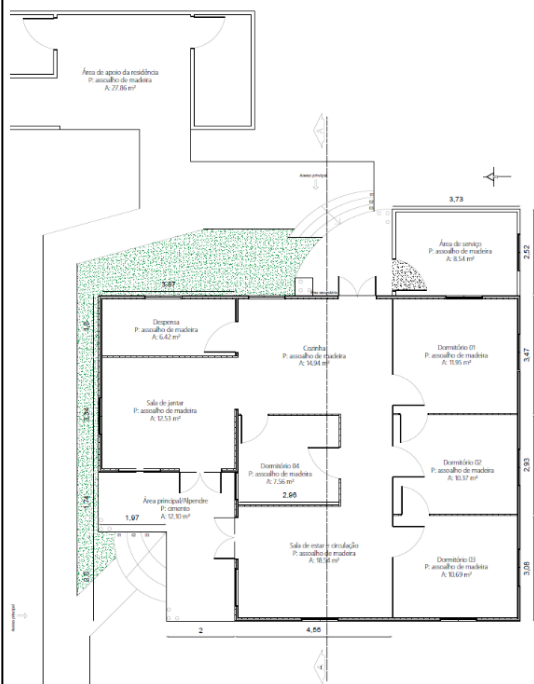
Entorno imediato – a edificação está localizada na região central do município, em um lote grande e com vegetações de médio e grande porte; possui alto tráfego de veículos pesados no entorno e muita trepidação.

Planta de situação atualizada



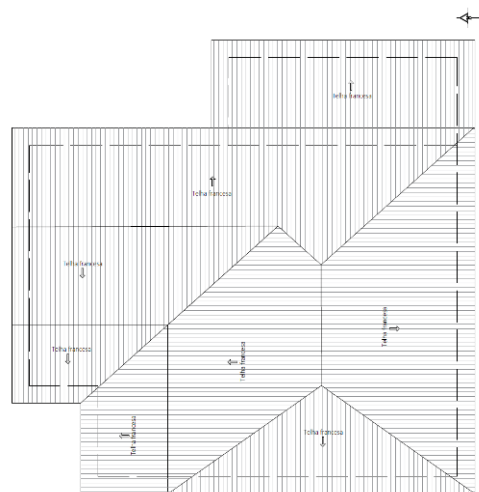
Planta de situação, 2019.

Croqui / planta baixa



Fachada principal

Planta baixa



Planta de cobertura



Corte AA'

Fontes:

Conversas com Elka Schirmer e Jorge Hofer.

Locais pesquisados:

Análises *in loco*, conversa com Nair Taube.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 03

Localidade: Centro/Cidade

Denominação do bem: Museu Municipal de Chapada

Endereço/Localização: Rua Santos Dumont

Proprietário: Prefeitura Municipal de Chapada

Uso original e atual: centro administrativo – biblioteca pública - museu

Latitude: -28.057600

Longitude: -53.067960

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma **Proteção Proposta:** inventário

Bens Móveis: acervo do museu (458 itens)



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico: O local abrigou a subprefeitura e, posteriormente, a prefeitura municipal. Quando se iniciou a obra da nova sede da prefeitura, uma servidora municipal demonstrou interesse em inaugurar ali um museu e solicitou ao vigário (que já possuía um museu privado e sem acesso do público) se ele doaria seu acervo. Com a negativa, ela solicitou ao prefeito um carro junto com um motorista que falasse o dialeto alemão. Ambos percorreram durante dois anos a zona rural em busca de objetos e fotos que foram limpos e expostos posteriormente, entretanto, sem datas definidas. Atualmente, o museu possui um acervo religioso, não se sabe se o vigário doou o seu depois.

Documentação Iconográfica: o acervo municipal conta com 458 peças, sem qualquer proteção, sendo que as peças se distribuem de tal maneira:

- Acervo antropológico e etnológico: 16 itens; - Acervo arqueológico: 08 itens; - Acervo de ciência e tecnologia: 10 itens; - Acervo histórico: 22 itens; - Acervo de imagem e som: 202 itens.

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

01 – Visão externa

02 – Visão interna

Imagens complementares (entorno, edificações)

Observa-se ao fundo dependências da prefeitura.

Análise Arquitetônica:

A edificação que atualmente sedia o museu municipal já abrigou a administração pública local. Localizada na região do município, a edificação, que é simples, possui cobertura de quatro águas e não possui repartições internas.

Cobertura – a cobertura é em telha francesa, com inúmeros problemas, apoiadas em tesouras de madeiras já comprometidas pela infiltração.

Tipologia estrutural – estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira, sendo em alvenaria a estrutura e o acesso principal. O restante do local é em madeira, sendo as paredes duplas, implantadas externamente no sistema mata-junta e internamente no sistema chanfro (entretanto, reto), assim como o piso e o forro são do mesmo sistema.

Esquadrias – Janelas

A edificação apresenta duas tipologias de janelas. Uma delas é com bandeira (com 04 vidros maiores e um pequeno ao meio), veneziana externamente e duas folhas internas com vidro, sendo cada folha composta por 05 vidros. A outra esquadria possui bandeira (com 07 vidros, sendo 02 pequenos em cada extremidade, seguido por um pequeno e ao meio um maior), veneziana externamente, três folhas internas com 05 vidros em cada.

Esquadrias – Portas

A edificação possui 03 portas, todas da mesma maneira – uma folha com bandeira (com quatro vidros maiores, divididos nas extremidades e um menor ao meio), maciça e sem detalhes.

Estado de conservação – homogêneo.

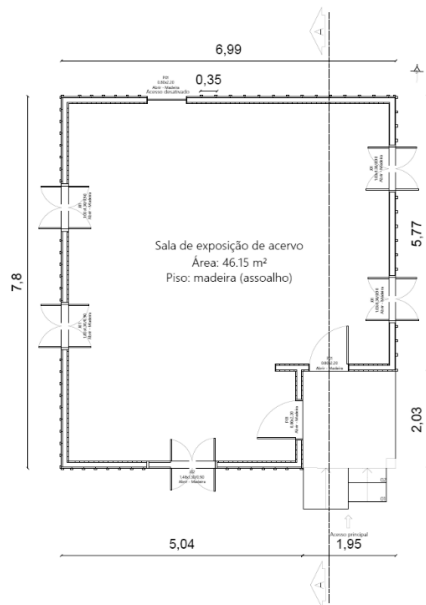
Estado físico – o local apresenta um considerável número de patologias pela ação da água, como apodrecimento de madeiras do forro e piso, empenamento do forro e ataque de cupins. Tudo isso ocorre pelo fato de existirem telhas quebradas e deslocadas na cobertura.

Entorno imediato – a edificação está localizada na região central do município, ao lado da atual prefeitura municipal em uma rua vicinal, sem movimento intenso de veículos pesados.

Planta de situação atualizada

Planta de situação, 2019.

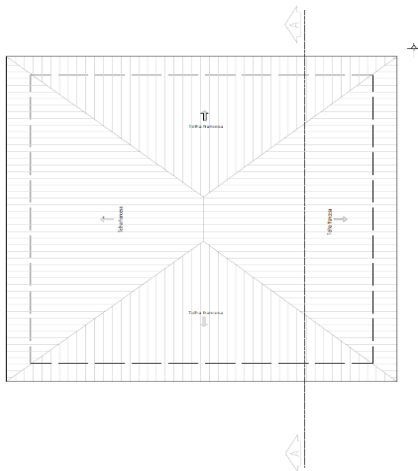
Croqui / planta baixa



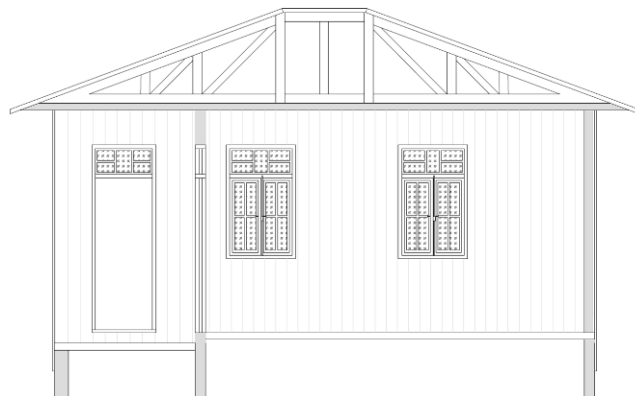
Planta baixa do Museu



Fachada principal



Planta de cobertura



Corte AA'

Fontes:

Dóris.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 04

Localidade: centro/Cidade

Denominação do bem: Edificação Auler

Endereço/Localização: Rua Santos Dumont, esquina com Rua Alfredo Winck

Proprietário: Eloy Arly Auler

Uso original e atual: Residencial/comercial

Latitude: -28.057667

Longitude: -53.068401

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico: a edificação, construída em 1954, foi utilizada como residência até o ano de 2016, quando passou por uma requalificação e tornou-se um comércio posteriormente. Localizada na área central da edificação, localizado ao lado do museu municipal, a edificação faz parte do desenvolvimento desse entorno.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

01 - Visão geral da edificação

02 - Visão do alpendre

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A residência, construída na região central da cidade, pertence a uma família de descendentes alemães. O bem foi construído para abrigar uma residência e possui traços de arquitetura germânica, com uma planta baixa quadrada. Atualmente, os ambientes dividem-se em área de venda, caixa, depósito e preparo de flores, entretanto, pode-se dizer que o local possui os seguintes ambientes: sala de estar, cozinha, 02 dormitórios e externamente despensa e varanda. A varanda frontal do bem é decorado com lambrequins triangulares.

Cobertura – a cobertura da residência é em telha francesa, originais, divididas em sete águas e sustentadas por tesouras em madeira que se sustentam nas madeiras periféricas da edificação.

Tipologia – estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira, apresenta alvenaria somente na sustentação do local e nas áreas (frontal e fundos). Todas as paredes são duplas, no sistema mata-junta. Já o piso e o forro são formados por pranchas de madeira, no sistema junta de chanfro, reto.

Esquadrias – Janelas - A edificação conta com duas tipologias de janelas, todas elas têm os vidros direcionados ao exterior e interiormente existem “venezianas” formadas por duas folhas de madeiras, que se fecham por uma tramela. A janela que fica no alpendre possui bandeira com quatro vidros (vidros maiores nas extremidades e menores no meio) e é no formato guilhotina, com seis vidros em cada área da mesma. Já as demais janelas não possuem bandeira e são no mesmo modelo guilhotina, com os doze vidros (seis em cada parte).

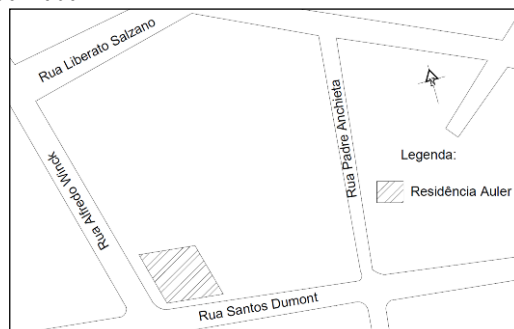
Esquadrias – Portas - A residência apresenta três tipologias de portas. Os dormitórios possuem portas de uma folha formadas por chapas de madeira, sem detalhamento algum. Já a porta que acessa a parte dos fundos do lote é em duas folhas com bandeira de seis vidros intercalados (um vidro pequeno, um maior, dois pequenos, um grande e outro pequeno), as folhas são maciças com ornamentos em relevo, um retângulo grande, um quadro mediano e outro retângulo (da parte superior a inferior). Já as duas portas que acessam o alpendre principal possuem bandeira (da mesma tipologia da outra porta), comportas por duas folhas, cada uma possui quatro vidros no espaço superior e na parte inferior as portas são entalhadas com um quadrado e um retângulo (das mesmas características da outra abertura).

Estado de conservação – homogêneo.

Estado físico – ruim, apresenta muitas patologias decorrentes da má conservação do telhado, que possui telhas deslocadas e quebradas, causando infiltrações e apodrecimento de muitas madeiras, bem como falta de pintura e remoção de tinta, que causa descascamentos. Existem muitas madeiras empenadas e manchas de bolor, também causadas pela água.

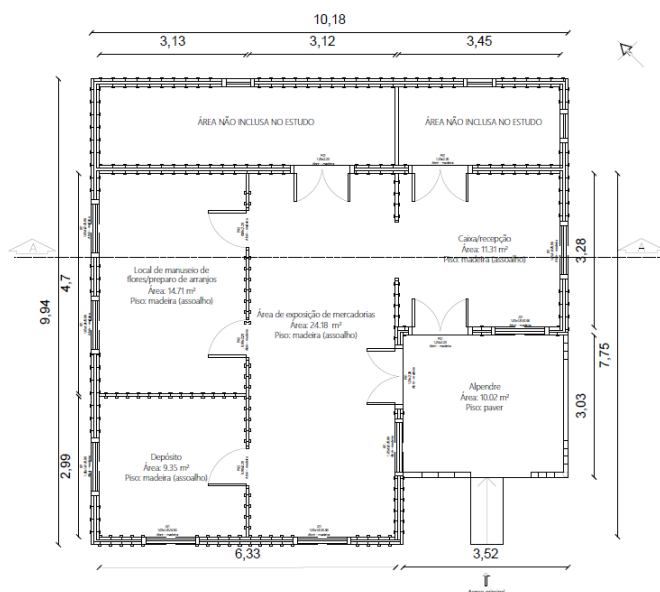
Entorno imediato – a edificação está inserida no centro da cidade, em via de intenso tráfego de veículos, ao lado da prefeitura municipal, sendo uma área supervalorizada. Porém, muito próxima a um posto de combustíveis, acarretando alguns riscos ao local.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

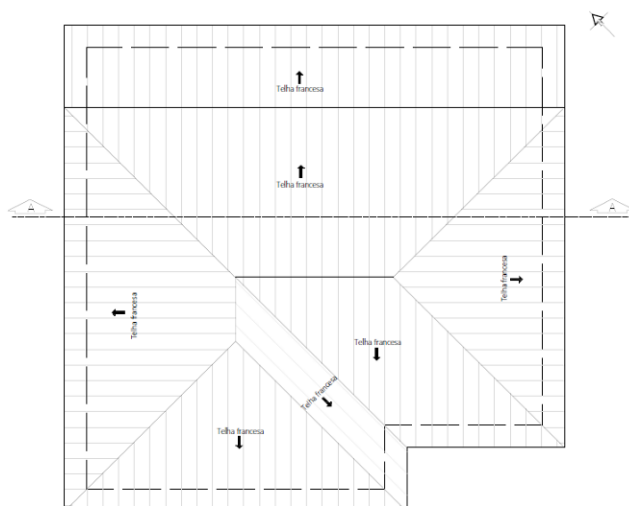
Croqui / planta baixa



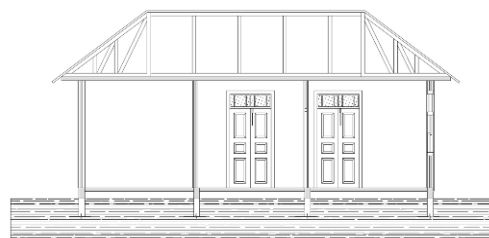
Planta Baixa



Fachada principal



Planta de cobertura



Corte AA'

Fontes:

Conversas com Elói Auler.

Locais pesquisados:Análise *in loco*.**Observações:** A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.**Responsável:** Amanda Schirmer de Andrade**Data:**
Setembro e outubro/ 2018.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 05

Localidade: Linha Diogo

Denominação do bem: Residência Bays

Endereço/Localização: Linha Diogo – zona rural

Proprietário: Mário Bays

Uso original e atual: Residencial

Latitude: -28.056310

Longitude: -53.082900

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: mobiliários



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: raridade na técnica construtiva e materiais.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

A edificação foi construída em 1962 pelos pais de Mário Bays e seus vizinhos da época. Durante a construção, muitas são as lembranças dos moradores (Mário e Hildegarth), que na época eram crianças e acompanharam todo o processo.

Hildegarth Rohr Bays é filha de um casal vizinho que auxiliou no processo da construção, casou-se com o filho dos proprietários e, posteriormente, herdaram a residência. O local é marcante e significativo em seu contexto pela sua forma arquitetônica e cores. Recebe constantes reparos e manutenções, mantendo-se sempre íntegro.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

Imagem 01 – área frontal da edificação

Imagem 02 – área lateral da edificação

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A residência, construída por descendentes de imigrantes alemães, possui o formato de “H”, com um número alto de águas na cobertura, em sua composição de ambientes ocorre o rebatimento de cômodos e aberturas. Seu acesso principal é refinado e, assim como a edificação, destaca-se. A edificação é composta pelos seguintes ambientes: sala de estar, sala de jantar, cozinha, 05 dormitórios, banheiro, 02 despensas, 02 varandas. Externamente: garagem, banheiro e despensa.

Cobertura – é composta por telhas francesas, distribuídas em 19 águas, apoiadas em tesouras em madeira que são sustentadas pelas paredes externas, bem como pelas paredes internas.

Tipologia – estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira, mas com a estrutura em contato com o solo. A garagem, a área de apoio externa e um banheiro interno construído posteriormente são em alvenaria. Todas as paredes da edificação são duplas. Toda e qualquer parede direcionada ao interior possui as madeiras no sentido vertical com o sistema mata-junta, já as paredes que estão no exterior são horizontais no sistema meio-fio. O forro e assoalho da edificação são no sistema meio-fio.

Esquadrias – Janelas

A edificação apresenta quatro tipologias de janelas. Nos dormitórios e despensas são encontradas janelas com 02 folhas de abrir internas com 06 vidros em cada; externamente, elas possuem venezianas. As esquadrias das salas de estar e jantar são compostas por 03 folhas de abrir, cada folha apresenta 06 vidros. Já as janelas encontradas na cozinha são internamente no estilo guilhotina, sendo cada folha destas compostas por 09 vidros, externamente o fechamento é por venezianas. As janelas do banheiro interno e das dependências externas são do tipo basculante, compostas por 02 vidros; a do banheiro interno e as demais possuem 04 vidros.

Esquadrias – Portas

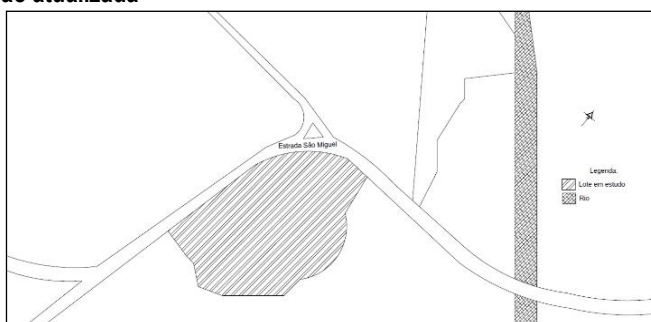
A edificação apresenta quatro tipologias de portas. As portas encontradas nos dormitórios são de uma folha, no sistema meio-fio vertical. A porta de acesso à cozinha é de duas folhas de correr, sendo a metade superior envidraçada (vidro único). As portas das salas de estar e de jantar são iguais, sendo elas de duas folhas de dimensões diferentes, com a parte superior composta por vidro único e, na parte inferior, a esquadria é entalhada com “sulcos”. A porta de acesso externo da cozinha é de duas folhas maciças, semelhante as demais portas externas.

Estado de conservação – heterogêneo, por passar por manutenções constantes.

Estado físico – íntegro, não apresenta nenhum tipo de patologia.

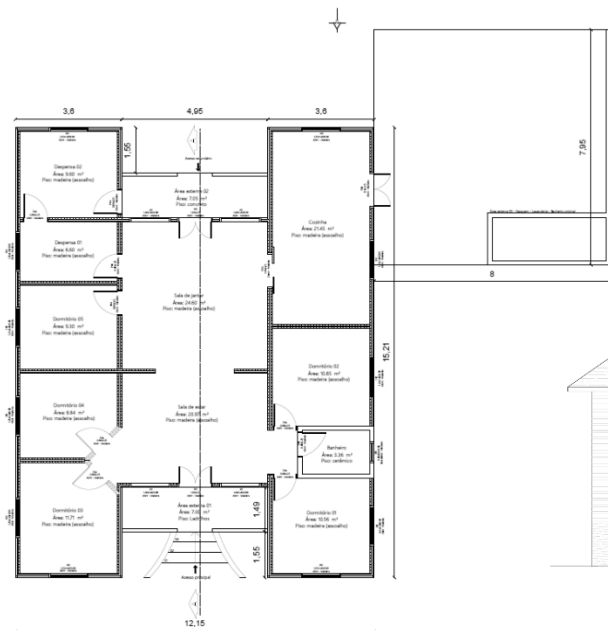
Entorno imediato – o entorno da construção possui vegetações de médio e grande porte, na zona rural e muito próximo a uma estrada com alto tráfego de veículos pesados.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

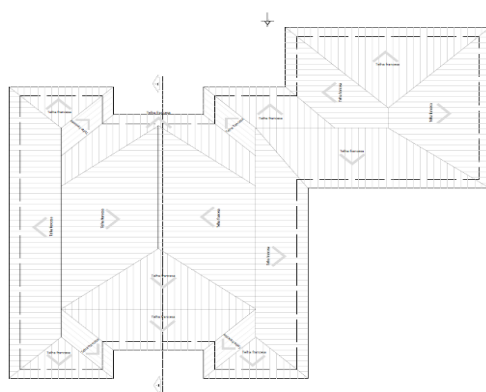
Croqui / planta baixa



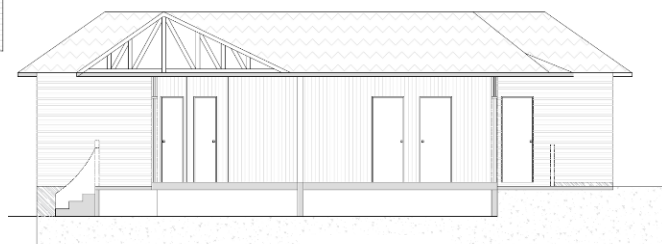
Planta baixa



Fachada Principal



Planta de cobertura



Corte AA'

Fontes:

Conversa com Hidegard Bays.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 06

Localidade: distrito de Santana

Denominação do bem: Residência Henz

Endereço/Localização: Rua Olinda Keen (Distrito, zona rural)

Proprietário: Família Henz

Uso original e atual: Residencial

Latitude: -27.990654

Longitude: -53.092614

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial, conjunto de unidade, cenário.

Histórico:

A residência, construída aproximadamente em 1953, na vila do distrito de Santana, está muito próxima ao Salão Guth. O local abrigou uma família de descendência alemã. Anteriormente o local abrigou outra construção.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

01 – Imagem externa

02 – Imagem interna

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A edificação construída muito próximo ao Salão Guth, no distrito de Santana, localiza-se em uma encruzilhada, em uma estrada de movimentos intensos e que está na vista de todos. O local abrigou uma família com importante representatividade no município. A edificação conta com os seguintes ambientes: cozinha, sala de estar, três dormitórios, banheiro, despensa.

Cobertura – a cobertura da edificação é dividida em seis águas em telha francesa, muito bem conservadas. Todas as águas, que são divididas em duas estruturas, são suportadas por tesouras em madeira.

Tipologia estrutural – madeira (predominante) e alvenaria.

Materiais – a edificação passou por uma ampliação (banheiro). A estrutura da edificação em si é em madeira, já o banheiro e seu entorno possuem estrutura em alvenaria. As paredes são simples (para o exterior) no sistema mata-junta. Interiormente, pode-se observar o sistema estrutural da edificação (pilares, pilares diagonais e vigas).

Esquadrias – Janelas

A edificação conta com duas tipologias de esquadrias, uma delas com variações. As tipologias de janelas com maior número são as que, interiormente, são no estilo guilhotina, com seis peças de vidro em cada parte. Estas são encontradas solo, bem como acompanhadas de duas folhas de venezianas, ou então acompanhadas de duas folhas (tipo veneziana). O banheiro apresenta esquadria do tipo basculante.

Esquadrias – Portas

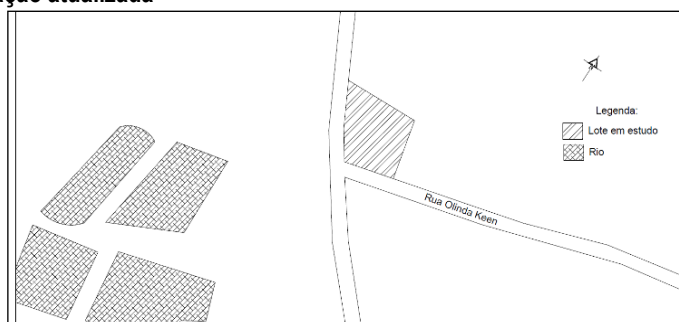
A edificação apresenta três tipologias de esquadrias. A porta principal da edificação é formada por duas folhas de abrir, com oito vidros na parte superior de cada uma delas, ao meio está um retângulo horizontal com detalhes em relevo no interior (pontilhamentos) e na área inferior está um retângulo vertical, com sulcos em alto relevo. A porta da cozinha em direção ao fundo da edificação é de uma folha maciça de correr. Já as portas dos demais ambientes são formadas por uma folha maciça.

Estado de conservação – heterogêneo, passou por intervenções de estrutura e fundação.

Estado físico - íntegro, não apresenta nenhum tipo de patologia.

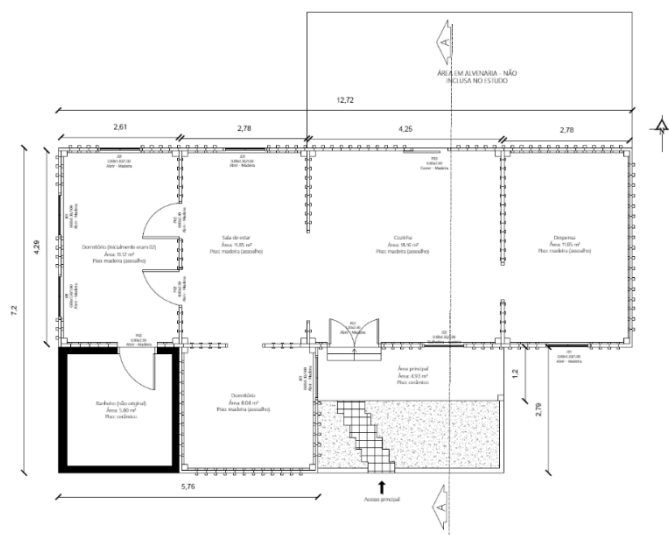
Entorno imediato – o entorno da construção possui vegetações de médio e grande porte, localizada na zona rural. A estrada que passa ao lado é de alto tráfego de veículos pesados, já a estrada em sua frente é de tráfego baixo.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

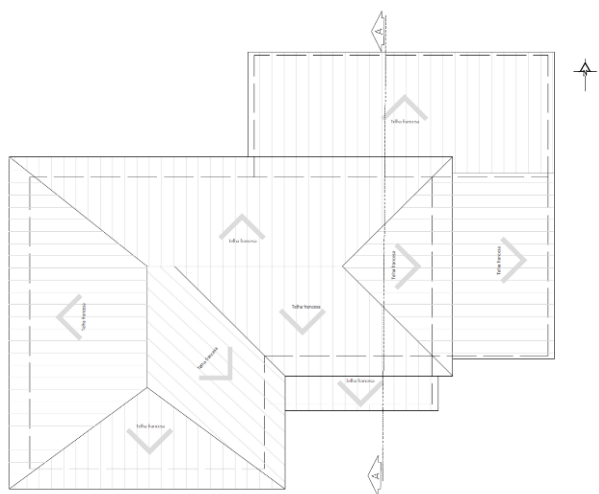
Croqui / planta baixa



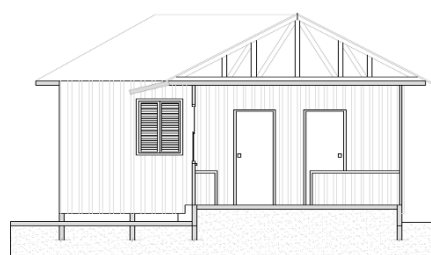
Planta baixa



Fachada principal



Planta de cobertura



Corte AA'

Fontes:

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 07

Localidade: distrito de Santana

Denominação do bem: Salão Guth

Endereço/Localização: Rua Alberto Grethe (distrito, zona rural)

Proprietário: Tancredo Guth

Uso original e atual: Salão de baile

Latitude: -27.991453

Longitude: -53.092782

.Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

O salão, construído no ano de 1968, foi erguido ao lado de onde se localizava o antigo salão de baile, por uma família de alemães em um entorno urbano movimentado (ao lado dos comércios e igrejas). A construção é utilizada até os dias de hoje.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

Imagem 01 – Vista frontal do salão

Imagem 02 – Vista interna do salão

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A edificação sedia um salão de festas, que resiste aos anos de uso, desde sempre com a mesma finalidade. O local remete ao estilo industrial pela sua cobertura. A planta baixa do local é retangular com inúmeros anexos e acrescimentos para a lateral e fundos. O bem ainda possui um porão, no qual se depositam rações e animais, o térreo conta com o salão, banheiros e uma pequena residência em anexo.

Cobertura – a cobertura da edificação é em telha francesa, dividida em doze águas, estruturadas em tesouras de madeira que se apoiam nas paredes das extremidades e pilares/vigas do interior da edificação.

Tipologia estrutural – estrutura em madeira e alvenaria.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira, sendo em alvenaria somente os pilares de sustentação do pavimento subsolo, o restante da edificação é em madeira. O subsolo é fechado com tábuas de madeira. O pavimento principal possui paredes duplas, com o sistema de fechamento mata-junta. O piso e o forro do local são no sistema junta de chanfro, reto.

Esquadrias – Janelas

A edificação apresenta duas tipologias de janelas. As janelas presentes no salão possuem somente abertura para o externo, no estilo veneziana, compostas por 03 chapas de madeira. Já a janela da copa e as presentes na residência possuem as mesmas tipologias de fechamento externo e internamente possui fechamento do tipo guilhotina com 08 vidros em cada parte.

Esquadrias – Portas

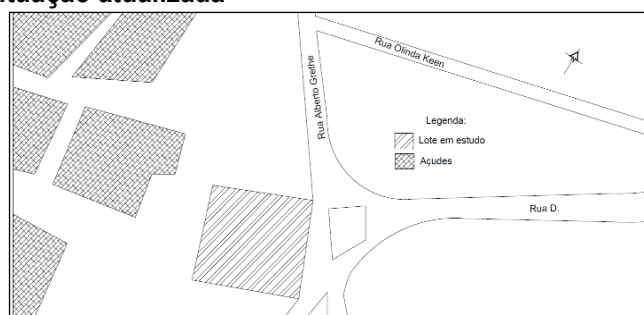
Destaca-se somente a porta principal do salão, pela sua significância. As demais portas são todas da seguinte maneira: compostas por no mínimo 03 pranchas de madeiras plainas. A porta principal é de duas folhas, cada qual compostas por 02 pranchas largas de madeira.

Estado de conservação – heterogêneo, pois algumas áreas do piso não são originais.

Estado físico – a edificação está parcialmente bem conservada, apresenta patologias em áreas de piso, pelo uso, bem como no subsolo, pelo contato com os animais, falta de manutenção e contato com a terra.

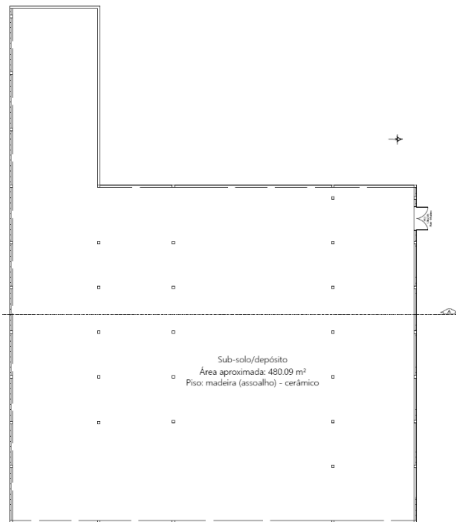
Entorno imediato – a edificação se localiza em um local de extremo tráfego de veículos pesados, na área urbana do distrito de Santana, assim como convive com a trepidação causada por um som alto, pelo fato de abrigar festividades musicais.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

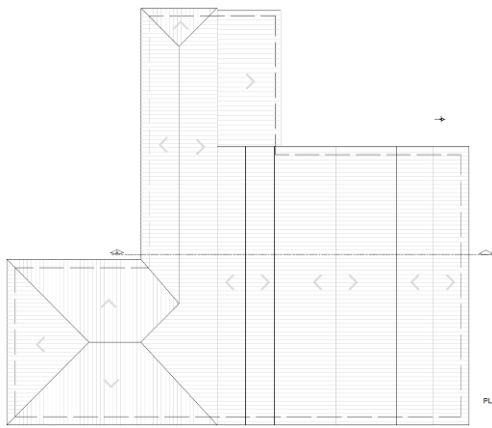
Croqui / planta baixa



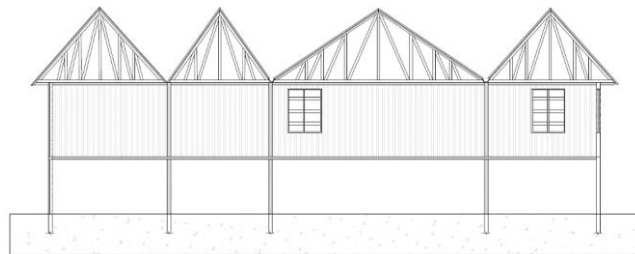
Planta baixa porão



Planta baixa térreo



Planta de cobertura



Corte AA'



Fachada principal

Fontes:

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:

Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 08

Localidade: Linha Góes

Denominação do bem: Residência Scheuermann

Endereço/Localização: Linha Góes (Zona Rural)

Proprietário: Celmira Lampert

Uso original e atual: Residencial

Latitude: -28.017846

Longitude: -53.083134

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana; potencial de reciclagem.

Histórico:

A edificação foi construída, aproximadamente, em 1928, pela família de Helmut e Hema Scheuermann, que eram agricultores. A edificação está localizada em um ponto importante e de extrema visibilidade, visto que, desde sempre, a estrada em sua frente foi rota de passagem e travessia em sentido à cidade de Chapada.

A família proprietária era conhecida por toda a população e a casa ainda hoje é lembrada pelo sobrenome dos primeiros proprietários e por ter sido cenário das filmagens de comerciais de televisão.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02



03

Foto 01 – Vista frontal da edificação, vista da estrada

Foto 02 – Vista do acesso principal da edificação

Foto 03 – Esquadrias – vista interna da edificação

Imagens complementares (entorno, edificações)



Análise Arquitetônica:

A edificação está localizada na zona rural, muito próxima de uma estrada com alto tráfego de veículos pesados, bem como de nascente de água. A residência foi construída há aproximadamente 90 anos e está em estado consideravelmente bom de conservação. Sua cobertura assemelha-se ao que se encontra em outras regiões colonizadas por colonos alemães. Internamente, a edificação possui circulação total, ou seja, possui um corredor interno – secundário – que faz este acesso. A edificação conta com os seguintes ambientes: varanda, cozinha, sala de estar, circulação, 03 dormitórios, área lateral (interna e sem uso) e banheiro/despensa.

Cobertura – em telha francesa, até onde se sabe, original da construção, somente com reparos e manutenções ao longo dos anos. A estrutura da cobertura é em tesouras em madeira, apoiadas nas paredes das extremidades.

Tipologia estrutural – estrutura em madeira.

Materiais – a edificação é majoritariamente em madeira desde sua fundação (possui alvenaria no banheiro e pavimentação externa, não sendo original da construção). As paredes internas da edificação são simples (formadas por chapa única) e as externas são duplas (com duas chapas que formam uma estrutura), todas construídas no sistema de mata-junta. As madeiras do forro são no sistema mata-junta; na sala de estar e corredor e nos demais cômodos, o sistema utilizado é o meio-fio. O corte das madeiras das paredes é irregular, não seguindo uma medida padrão.

Esquadrias – Janelas

São três tipologias distintas de aberturas. A janela interna (entre sala e cozinha) é do estilo guilhotina com 09 vidros na área superior e 09 no inferior e conta com bandeira com 03 vidros (dois maiores nas laterais e o intermediário de menor dimensão). As janelas da cozinha, sala e dormitórios são do estilo guilhotina com 09 vidros na área superior e 09 no inferior, estas contam com bandeira com 03 vidros (dois maiores nas laterais e o intermediário de menor dimensão) e venezianas na parte externa. Na área lateral esquerda da edificação, as esquadrias são somente com batentes, sem as folhas.

Esquadrias – Portas

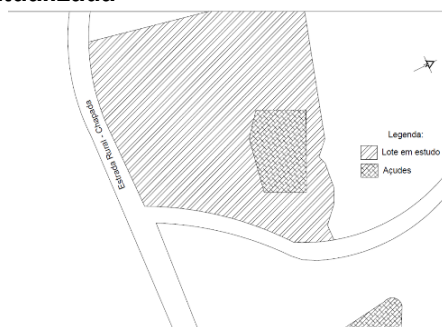
São encontradas na edificação três tipologias de portas, sendo que as dos dormitórios, despensa e banheiro possuem aberturas com única folha, compostas por três lâminas de madeira. O acesso entre a sala e a cozinha é realizado por uma abertura (batente sem folha), composta por bandeira envidraçada (com 03 vidros, dois maiores nas laterais e o intermediário de menor dimensão). As portas principais (sala de estar e cozinha) possuem bandeiras do mesmo modelo das demais encontradas na edificação, são compostas por duas folhas de abrir (para o interior), as folhas apresentam detalhes, observados nas imagens.

Estado de conservação – homogênea a estrutura física da edificação.

Estado físico – patologias por ação do tempo, da água (por estar próxima a nascentes) e tábuas de piso soltas.

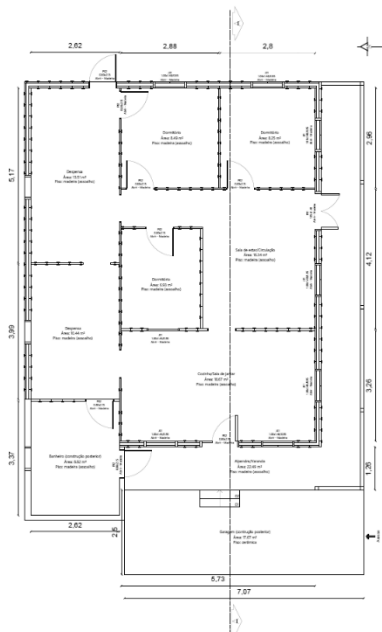
Entorno imediato – a edificação está localizada na zona rural, com um considerável volume de vegetação no entorno, próximo a pequenos volumes de água e ao lado de uma estrada de alto tráfego de veículos pesados.

Planta de situação atualizada

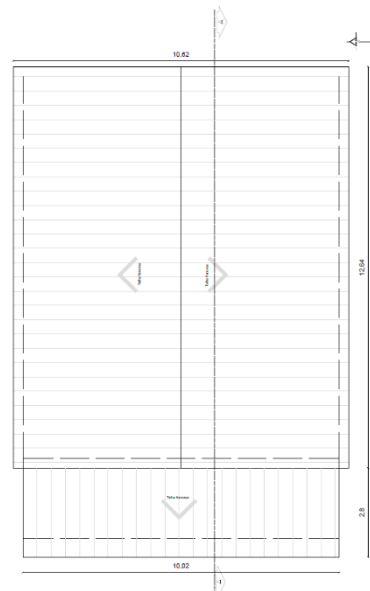


Planta de situação, 2019

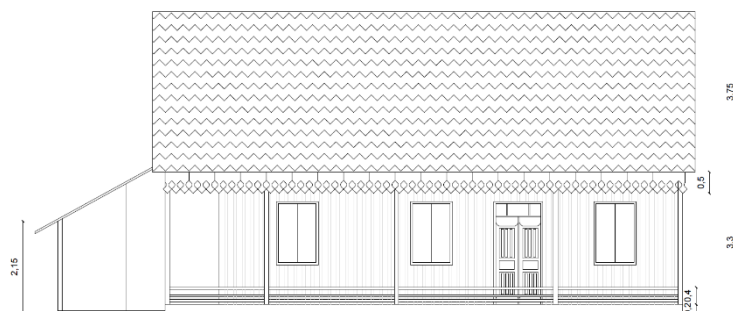
Croqui / planta baixa



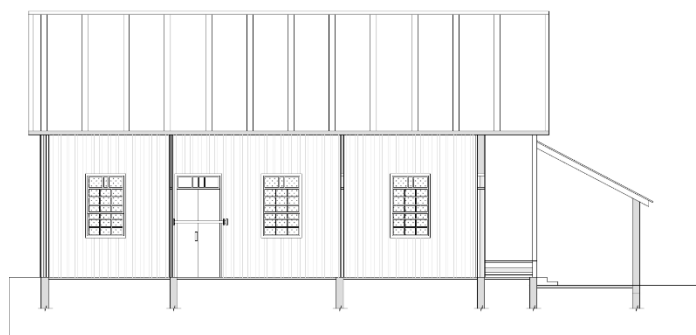
Planta baixa



Planta de cobertura



Fachada principal



Corte AA'

Fontes:

Laerte Biensfeld e Elka Schirmer.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*, conversa com Laerte Biensfeld.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 09

Localidade: Linha Góes

Denominação do bem: Residência Pizzeta

Endereço/Localização: Linha Góes – zona rural

Proprietário: Darcilo Pizzeta

Uso original e atual: residencial

Latitude: - 28.028650

Longitude: -53.071613

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana; potencial de reciclagem.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

A residência foi construída no ano de 1962 por descendentes de alemães. O local sempre abrigou descendentes da mesma família. Em frente à construção passa um rio, o que indica a decisão estratégica para a moradia. Afastada da estrada, a residência possui ainda ao lado um galpão, mais antigo que a construção em estudo, o que pode representar que a madeira da atual construção tenha pertencido à casa primitiva ou até a outra construção utilizada pelos moradores.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02

Imagens 01 e 02 – fachada frontal da edificação

Imagens complementares (entorno, edificações)



01

02

01 – Vista frontal e entorno imediato / 02 – vista lateral (pela janela dos dormitórios)

Análise Arquitetônica:

A edificação foi construída por uma família descendente de alemães. Não contabiliza uma idade grandiosa, entretanto, a maneira em que se trata e utiliza a maneira é diferenciada do que comumente é visto. Um local de dimensões consideravelmente medianas, porém, que possui uma boa setorização e um porão em alvenaria. A edificação conta com os seguintes ambientes: alpendre, cozinha, sala de estar/jantar, três dormitórios. Externamente a edificação possui uma área de serviço de fundos e banheiro.

Cobertura – a cobertura da edificação é em telha francesa, dividida em seis águas e um anexo ao fundo com telhas de polipropileno em duas águas. A estruturação de toda cobertura é em tesouras de madeira, sendo as da edificação principal (foco do estudo) apoiadas nas paredes das extremidades.

Tipologia estrutural – estrutura em madeira.

Materiais – a edificação tem seu porão estruturado em pilastras de madeira e fechado por tijolos cerâmicos. O pavimento térreo do edifício é em madeira, sendo que, na área exterior, as madeiras são colocadas de forma horizontal e com as tábuas lisas. Internamente as paredes tem as madeiras no sentido vertical, tendo elas nove sulcos, aproximadamente. O forro possui os mesmos detalhes das paredes e o piso é em tábuas. Todas as paredes são duplas, com tábuas no sistema macho e fêmea.

Esquadrias – Janelas

A edificação apresenta somente uma tipologia de janelas da edificação principal. Todas elas possuem duas folhas de venezianas voltadas ao exterior e internamente são duas folhas com cinco vidros em cada uma delas. O anexo do edifício apresenta janelas de correr metálicas.

Esquadrias – Portas

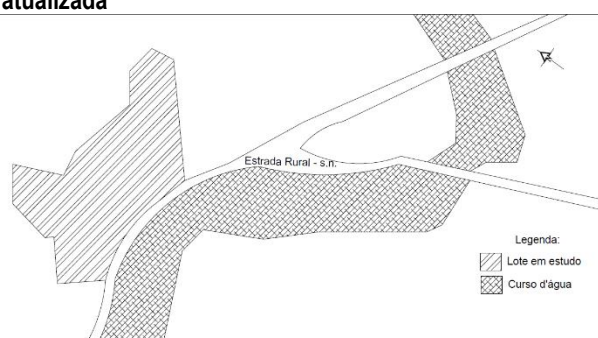
A edificação principal conta com três tipologias de aberturas. A porta principal possui duas folhas, cada uma possui cinco vidros na parte superior. Inferiormente, ela possui uma sobressaliência que é sulcada. A porta de acesso à sacada frontal possui duas folhas maciças, que possuem dois retângulos entalhados na vertical, na parte superior, e dois na área inferior; na área meridional, existe um retângulo na horizontal. As portas dos dormitórios são de uma folha, formadas por três chapas de madeiras cada. O anexo dos fundos conta com aberturas metálicas.

Estado de conservação – heterogêneo, pois passou por manutenções e requalificação na área dos fundos.

Estado físico – muito bom. Por receber manutenções constantes, o local não conta com patologias em nenhum de seus setores e ambientes.

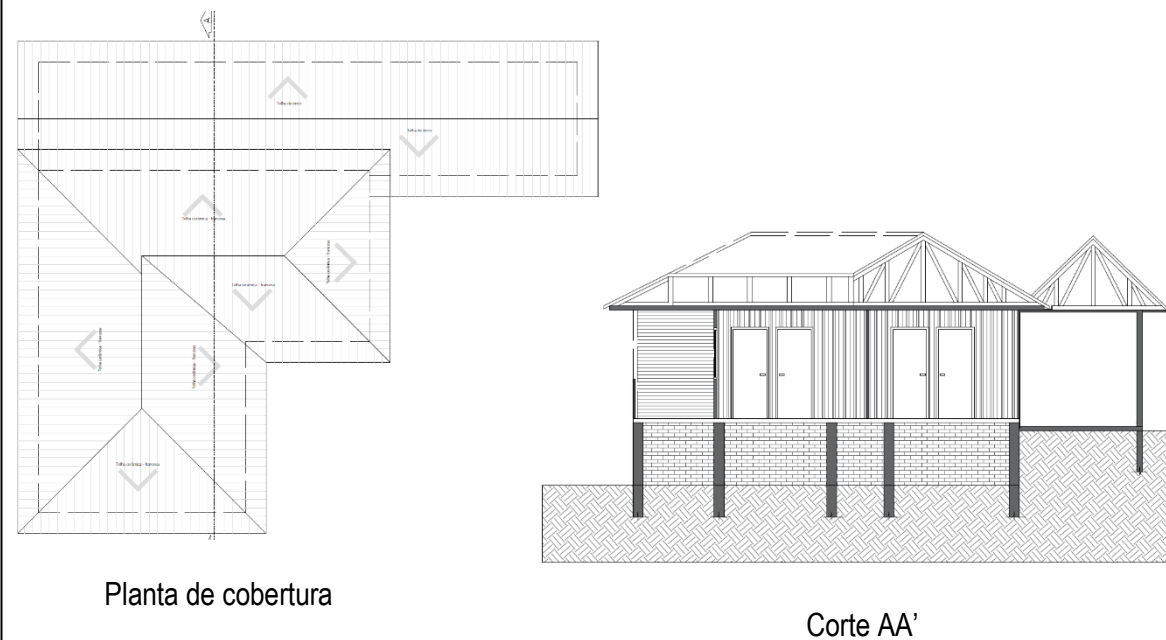
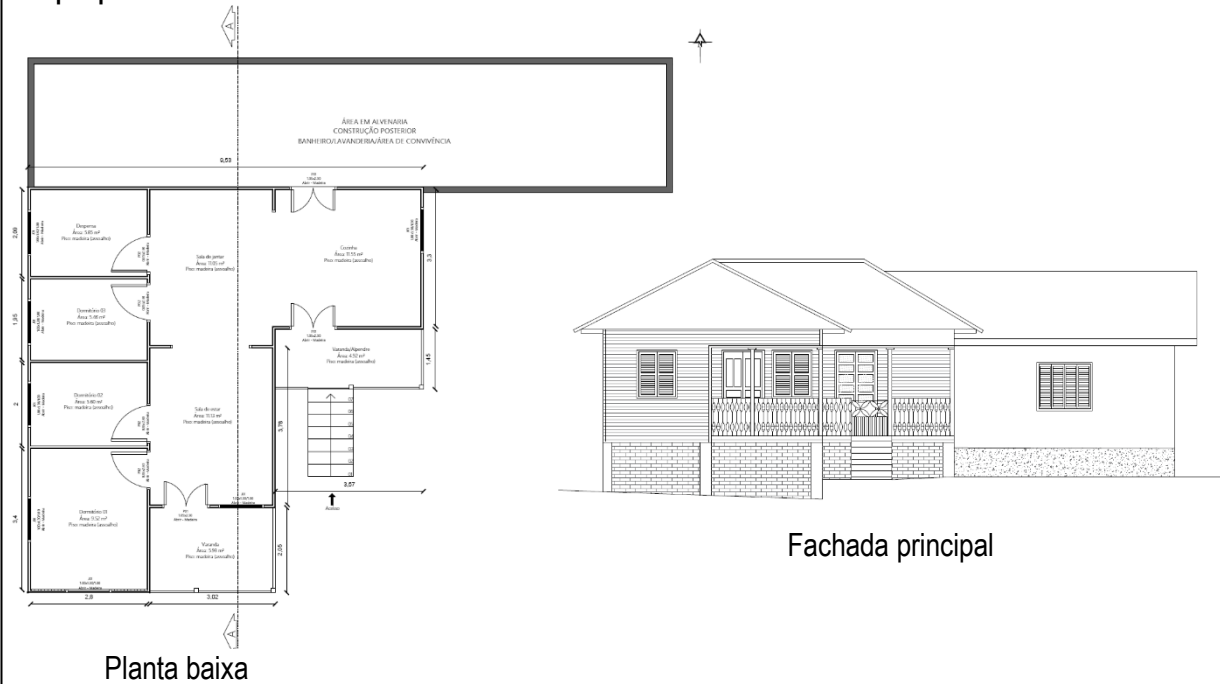
Entorno imediato – a edificação está inserida na zona rural, em uma área muito próxima a um rio, todavia, isso não prejudica a sua estrutura. Da mesma forma, situa-se muito próxima a uma estrada com tráfego moderado, o que não interfere no estrutural.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

Croqui / planta baixa

**Fontes:**

Conversa com Marlei Pizzeta.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:

Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 10

Localidade: Linha Westphalen

Denominação do bem: Residência Colognese

Endereço/Localização: Linha Westphalen – zona rural

Proprietário: Família Colognese

Uso original e atual: residencial

Latitude: -28.051993

Longitude: -53.031752

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: mobiliário



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana; potencial de reciclagem.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana.

Histórico:

A edificação foi construída no ano de 1962, apresentando a atual formulação. Os proprietários, netos e bisnetos de imigrantes italianos, residem no local. Diz-se que antigamente a residência possuía maior dimensão e que, no ano em questão, o local foi remodelado (diminuído). Quando chegados no local, os moradores plantaram uma árvore, que hoje possui mais de 6 metros de altura. Ao lado da edificação residencial existe um forno de barro, ainda original, porém não mais utilizado.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01

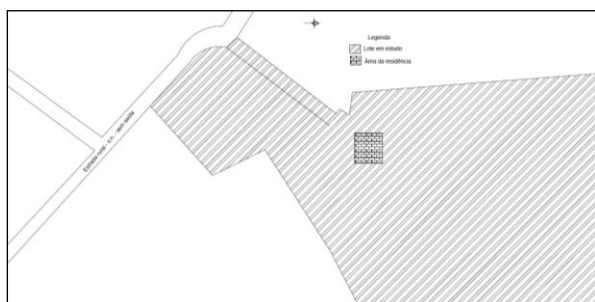


02

Imagem 01 – vista área frontal

Imagem 02 – vista do porão

Imagens complementares (entorno, edificações) e planta de situação



01



02

01 - Planta de situação, 2019.

02 - No entorno do bem predominam vegetações, plantações e este forno a lenha.

Análise Arquitetônica:

A edificação tem muitos anos de história, abrigou algumas gerações em seu interior e, junto a isso, passa seus anos ao lado de uma árvore centenária plantada pelos primeiros colonos ali chegados, marcando o princípio de toda essa história. Ao ser construída, tal edificação possuía uma dimensão consideravelmente maior. Ao longo dos anos e por motivos desconhecidos, ela foi diminuída, mantendo sua essência. Construída por uma família de descendência italiana, o local possui uma varanda ampla, calçadas em todo seu entorno e um amplo porão. Ao lado da edificação, original da mesma época, encontra-se um fogão a lenha para a confecção de pães. A edificação, em sua configuração atual e ainda assim antiga, conta com os seguintes ambientes: varanda, sala de estar, sala de jantar, cozinha, lavanderia, banheiro, três quartos e uma sala de costura.

Cobertura – a cobertura da edificação é dividida em dois níveis. A residência em si possui quatro águas com telhas francesas, já a varanda principal e a saída dos fundos possuem águas distintas e mais baixas em relação à original; estas são em polipropileno. Toda a estruturação da parte alta é em tesouras estruturadas nas paredes das extremidades. Os telhados baixos não possuem tesouras de estrutura, somente ripamentos apoiados em pilares.

Tipologia estrutural – estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação possui um porão com as paredes e pilares das extremidades em tijolos de cerâmica queimados, já os pilares centrais são em madeira assentados direto ao chão. O ambiente não tem piso, sendo de chão batido o local. O pavimento principal tem suas paredes externas no sistema mata-junta, com as madeiras no sentido vertical. Já na varanda e no interior da edificação, as madeiras estão assentadas no sentido vertical, no sistema macho e fêmea, tendo pequenos sulcos esculpido no centro e na lateral direita de cada chapa. No mesmo modelo é o forro da edificação. O piso é de tábuas de madeiras pregadas em vigotas que são apoiadas em um grande tronco e nas paredes do porão.

Esquadrias – Janelas - A edificação conta com três tipologias de janelas. No porão, encontram-se janelas de abrir (para fora) com duas folhas, cada qual contendo dez vidros (sendo eles colocados dois maiores, três menores, dois maiores e três menores contados no sentido vertical). As janelas encontradas no térreo são de abrir, com venezianas no exterior e interiormente elas possuem bandeira com três vidros (grandes nas laterais e um menor no meio) e duas folhas com dez vidros em cada (do mesmo sistema encontrado no porão). Já o banheiro possui uma janela basculante com dois vidros.

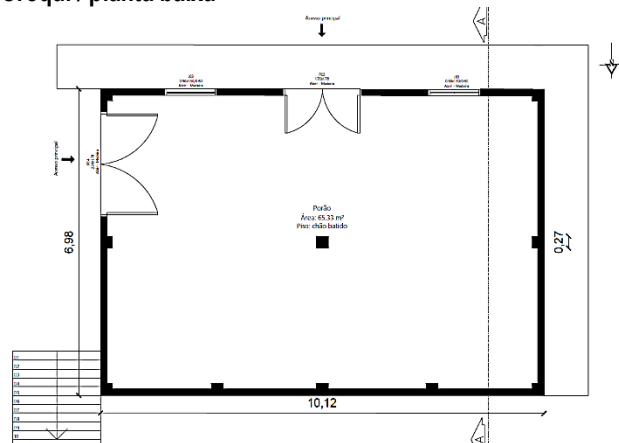
Esquadrias – Portas - A edificação apresenta três tipologias de aberturas. O porão apresenta portas grandes, com duas folhas em madeira formadas por chapas verticais. A porta principal da edificação é monumental, possui bandeira com cinco vidros (intercalando vidros pequenos e grandes) e duas folhas, cada uma delas com dez vidros na parte superior (com o mesmo formato das janelas); interiormente, nesta parte, há uma portinhola de madeira; exteriormente, na parte baixa, existe um relevo com sulcos talhados; no interior, nesta área, a porta é lisa e não apresenta detalhes. Já as portas dos ambientes internos são de uma folha e sem bandeiras, compostas por chapas verticais.

Estado de conservação – heterogêneo, passou por intervenções e troca de madeiras em locais específicos.

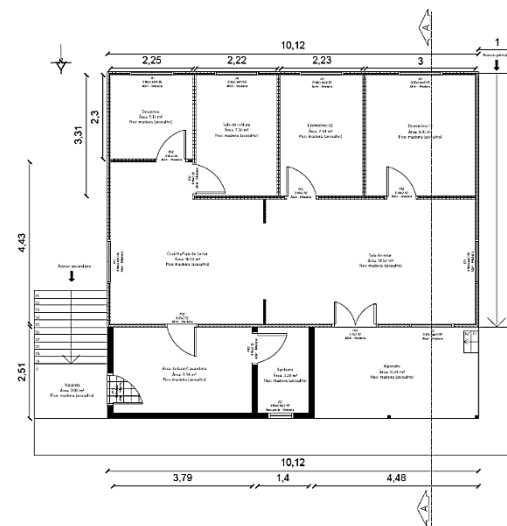
Estado físico – ótimo, pois passou por requalificação.

Entorno imediato – a residência fica localizada na zona rural, longe de estradas de alto tráfego, em um local tranquilo e em meio a vegetações de médio e grande porte. Localizada em um terreno íngreme, a residência compõe com a região que se encontra.

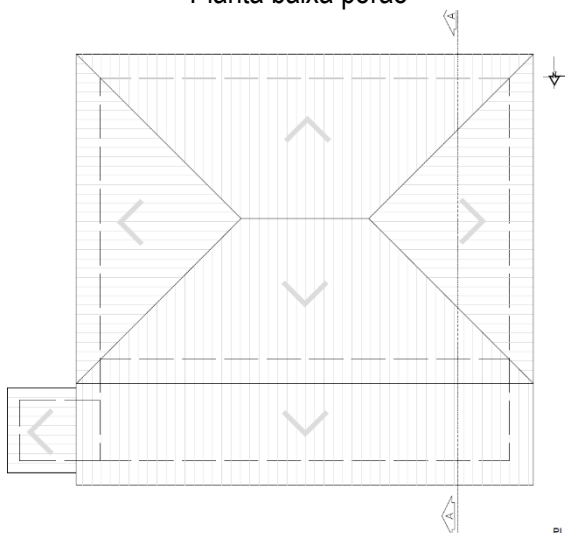
Croqui / planta baixa



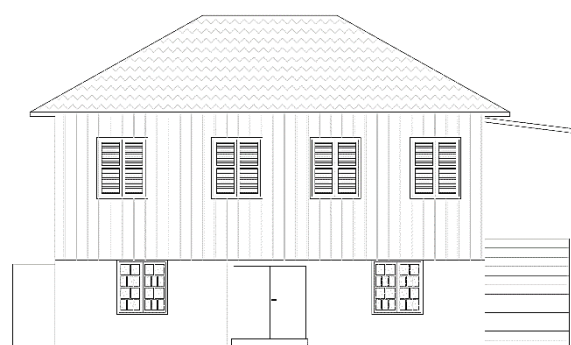
Planta baixa porão



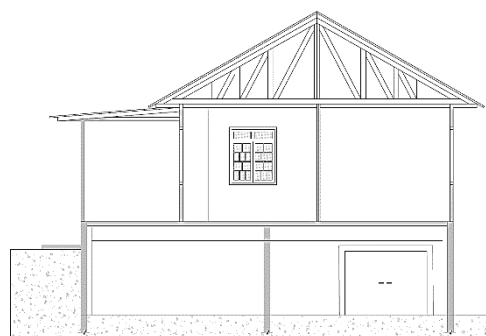
Planta baixa térreo



Planta de cobertura



Fachada principal



Corte AA'

Fontes:

Conversa com Olives Colognese.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 11

Localidade: Linha Borges de Medeiros

Denominação do bem: Galpão Schneider

Endereço/Localização: Linha Borges de Medeiros (Zona Rural)

Proprietário: Família Schneider

Uso original e atual: Galpão rural

Latitude: -28.067360

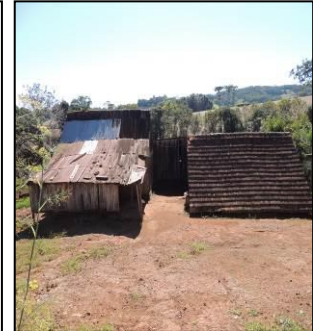
Longitude: -53.054809

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: valor de antiguidade.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância técnica: estado de conservação, raridade na técnica construtiva e material.

Histórico: A edificação foi construída em torno do ano de 1915, com a formatação que apresenta anteriormente, sempre serviu como galpão de armazenamento e serviço. Entretanto, anterior a este ano, a edificação era em outro local, passando por um processo de desmanche e transferência. Por não haver registros disso, não se pode comprovar documentalmente esse fato, o que se sabe é que as madeiras apresentam fixação por encaixe em sua maior parte dos locais.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



Vista frontal das edificações

Imagens complementares (entorno, edificações)



01

02

01 – Vista para os fundos dos galpões / 02 – Vista em frente aos galpões

Análise Arquitetônica:

O galpão em estudo é uma edificação muito antiga, com usabilidade diária e que, até onde os relatos apresentam, no princípio não estava localizado neste local. Portanto, em um ponto de sua história, foi transferido e reconstruído. A edificação não possui ambientes setorizados e é utilizada para armazenar pássaros, rações e mantimentos. Ademais, o local é dividido em dois blocos, sem ligação, mas que compõem um único prédio.

Cobertura – cada bloco possui cobertura distinta. Elas mesclam telhas francesas e telhas zinco, cobrindo locais em que haviam telhas danificadas. Sua estruturação é feita em tesouras em madeira.

Tipologia estrutural – estrutura em madeira.

Materiais – a edificação é totalmente em madeira, desde sua fundação. A estrutura (vigas e pilares), em muitos casos, é fixada por encaixe, sem pregos e parafusos, já o fechamento de todo o local é através de tábuas largas verticais, que são fixadas na estrutura do local.

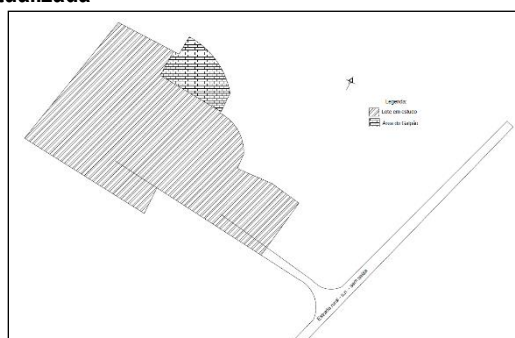
Esquadrias – somente o maior bloco possui uma abertura, uma porta de madeira com duas folhas, que são formadas por tábuas verticais.

Estado de conservação – homogêneo.

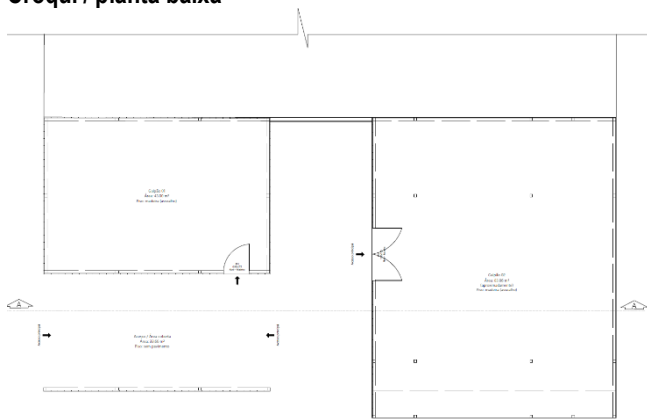
Estado físico – mediano, o local nunca passou por um processo de manutenção considerável e, como está em contato direto com animais e ação do tempo, possui problemas.

Entorno imediato – o local está inserido longe de estradas, em uma área com topografia acidentada, onde se criam aves de diversas espécies.

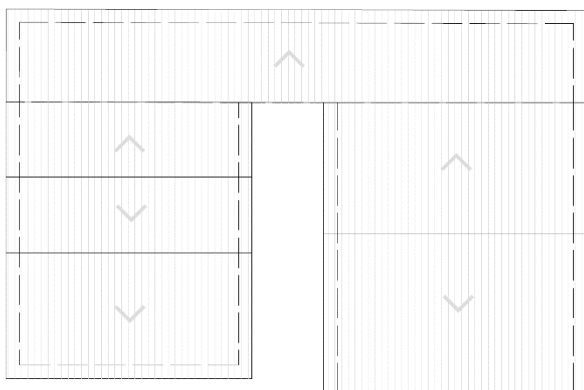
Planta de situação atualizada



Planta de situação. 2019.

Croqui / planta baixa

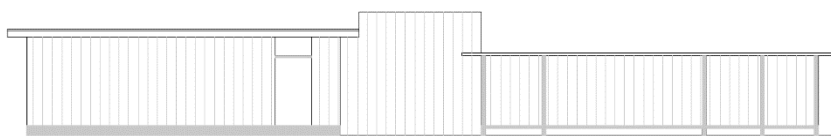
Planta baixa



Planta de cobertura



Fachada principal



Corte AA'

Fontes:**Locais pesquisados:**Análise *in loco*.**Observações:** A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.**Responsável:** Amanda Schirmer de Andrade**Data:**

Setembro e outubro/ 2018.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 12

Localidade: Linha Westphalen

Denominação do bem: Capitel Mariani

Endereço/Localização: Linha Westphalen – zona rural

Proprietário: Família Mariani

Uso original e atual: Capitel - religioso

Latitude: -28.070483

Longitude: -53.038219

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma **Proteção Proposta:** inventário

Bens Móveis: Imagem Sacra da Nossa Senhora Aparecida



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico: O capitel está instalado na Linha Westphalen, localidade que foi habitada a partir de 1928 por imigrantes italianos, vindos de cidades como Garibaldi, Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Farroupilha.

Com o desenvolvimento local e a necessidade de expressar sua fé, os moradores da localidade decidiram realizar a passagem de envelopes para a escolha da padroeira local. Eram opções a Nossa Senhora do Rosário e a Nossa Senhora Aparecida. Aquela que recebesse a maior quantia de dinheiro, seria consagrada. Através de uma pequena “discórdia” entre duas famílias, por poucos contos de réis, a família de Antonio Cobalchini pagou 205.000 contos de réis e teve a chance de escolher a santa da comunidade (Nossa Senhora do Rosário).

Descontente com a decisão e sem chances de ter um abrigo religioso para sua santa, os senhores Emílio Mariani, Vítório Mariani, Armando Mariani e Luís Mariani decidiram edificar um capitel para a N. S. Aparecida. Assim, no ano de 1931, o Capitel é construído e passa a atender as necessidades religiosas da família, cumprindo até a atualidade. Mesmo passando por uma intervenção (reforma), o local possui ainda suas características originais.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



01



02



03

Foto 01 – vista frontal / Foto 02 – vista de fundo / Foto 03 – vista interna

Imagens complementares (entorno, edificações)



Foto 01- vista frontal com entorno (vegetações e residências ao fundo)

Análise Arquitetônica:

A edificação é influenciada pela arquitetura religiosa italiana, pelo fato de ter sido construída por imigrantes. A cobertura possui duas águas frontais e duas águas secundárias (ao fundo). A planta baixa da edificação comporta um único ambiente (o capitel com seu altar). O ambiente possui somente a porta de acesso e duas aberturas seculares nas laterais (para ventilação). Na fachada principal existem lambrequins. A construção é elevada do solo por pilastras em madeira.

Cobertura – a cobertura é composta por telhas francesas (originais) e não possui tesouras de cobertura, apoiando as cargas diretamente nas paredes adjacentes.

Tipologia estrutural – estrutura em madeira.

Materiais – a edificação é inteiramente em madeira, sendo as paredes da nave com fechamento simples (para o exterior) deixando assim aparente pilares e vigotas; já o altar possui fechamento duplo. Todas as paredes são com o sistema mata-junta. Não existindo tesouras na edificação, o telhado é protegido por um forro com seu formato, com o madeiramento no sistema mata-junta. Já o piso do local, como um todo é no sistema meio-fio.

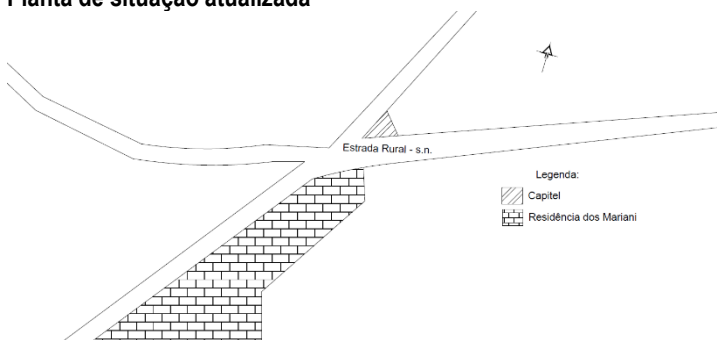
Esquadrias – o capitel não possui janelas. Já a porta da edificação possui duas folhas que se abrem para dentro. As folhas são iguais, com 03 vidros da mesma dimensão, logo abaixo um retângulo com sancas entalhadas.

Estado de conservação – homogêneo.

Estado físico – a edificação apresenta patologias em algumas madeiras do beiral (apodrecimento), pois as mesmas estão em contato direto com a água devido o deslocamento de 01 telha, bem como, a escada está totalmente destruída pela ação do tempo e constante tráfego de pessoas.

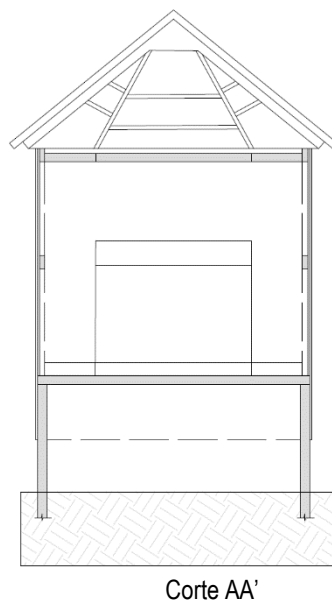
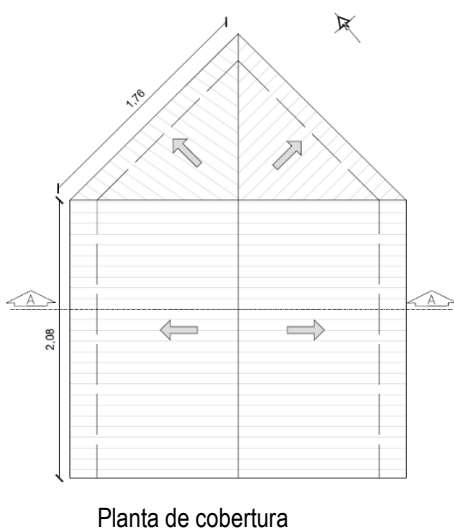
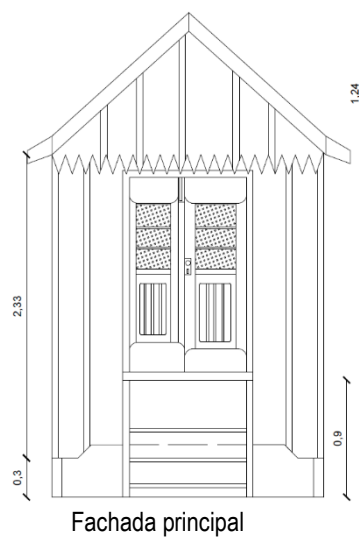
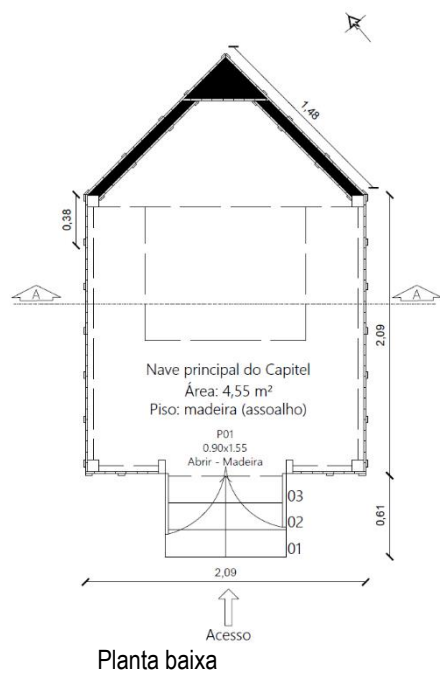
Entorno imediato – o entorno da construção é com um elevado número de vegetações de pequeno e médio porte, na zona rural, muito próximo a uma encruzilhada com alto tráfego de veículos pesados.

Planta de situação atualizada



Planta de situação, 2019.

Croqui / planta baixa



Fontes:
EBERT (2009); GIRELLI; FIOREZI (2009);
Paulina Mariani; Dionísio Colognese

Locais pesquisados:
Análise *in loco*, família Mariani;

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: Chapada/RS

Ficha Nº: 13

Localidade: distrito de Tesouras

Denominação do bem: Residência Rockembach

Endereço/Localização: Rua Germano Boeni (distrito, zona rural)

Proprietário: Darcio Rockembach

Uso original e atual: religioso - residencial

Latitude: -28.110230

Longitude: -53.067113

Erro Horizontal: -

Proteção Existente: nenhuma

Proteção Proposta: inventário

Bens Móveis: nenhum



Valores estabelecidos ao bem:

Instância histórica: referência historiográfica; valor de antiguidade; significado social; memória coletiva.

Instância morfológica: valor arquitetônico.

Instância funcional: compatibilização com a estrutura urbana.

Instância técnica: estado de conservação.

Instância paisagística: compatibilização com a paisagem urbana; elemento referencial.

Histórico:

A residência, com sua formatação original, foi construída no ano de 1928, aproximadamente, tendo como uso residencial. Porém, não se sabe exatamente quem era seu proprietário. Diz-se que, antes deste ano, o local abrigou uma canônica, tendo dois pavimentos em madeira. Após, o local foi modificado e demolido e passou a ter a formatação original. Não existem indícios que o local possuía dois pavimentos, nem documentos. Há poucos anos, o local foi comprado pelos atuais proprietários.

Documentação Iconográfica: nenhuma

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada principal

Imagens complementares (entorno, edificações)



Esquina das Ruas Germano Boeni com Adolfo Hassler

Análise Arquitetônica:

A edificação residencial, até onde se sabe, já foi utilizada como sede da Igreja Católica na região. Por esse motivo, sua formatação arquitetônica é diferenciada. O local conta com duas salas de estar, uma sala de jantar, cozinha e dois dormitórios. Na lateral, posteriormente, construiu-se garagem e banheiro. O acesso principal se dá por uma sala de estar. O local é elevado do chão, havendo um pequeno porão que é acessado pelos fundos.

Cobertura – a cobertura é composta por telhas francesas, suas tesouras são apoiadas nas paredes periféricas, sustentando quatro águas.

Tipologia estrutural – estrutura em alvenaria e madeira.

Materiais – a edificação é madeira, sustentada por uma estrutura de alvenaria. As madeiras são aplicadas duplas, interna e externamente, no sistema mata-junta. O piso da residência e o seu forro são no sistema meio-fio.

Esquadrias – Janelas – a edificação conta com uma tipologia de esquadria, sendo ela de abrir com vidros internamente (três vidros por folha) e externamente são venezianas.

Esquadrias – Portas – a edificação apresenta três tipologias de portas. A principal possui duas folhas com três vidros na parte superior e retângulos com sancas na área inferior. As portas internas são de uma folha, simples e compostas por três chapadas de madeira. A porta da garagem é metálica.

Estado de conservação – homogêneo.

Estado físico – a edificação apresenta patologias em decorrência de cupim e umidade, em paredes da área frontal. Internamente, somente é observado problemas decorrentes de falta de manutenção, como pintura.

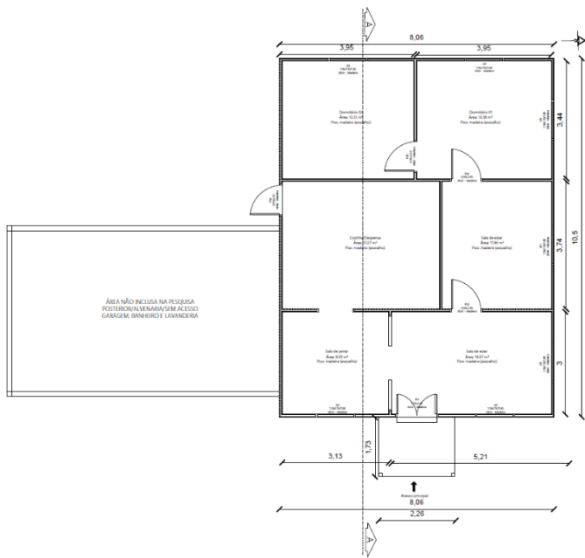
Entorno imediato – a edificação é localizada na região central do vilarejo, em frente à praça. O trânsito é moderado no local.

Planta de situação atualizada

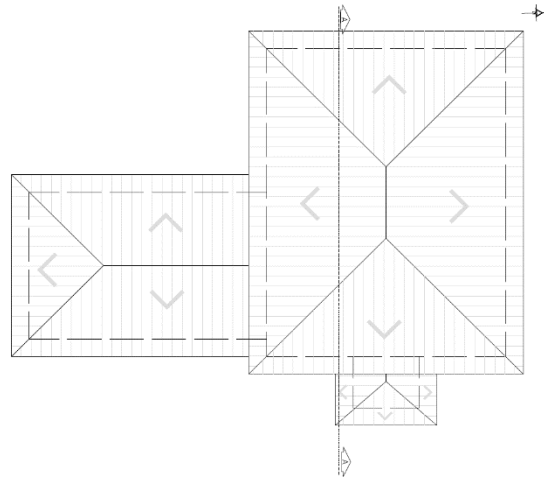


Planta de situação, 2019.

Croqui / planta baixa



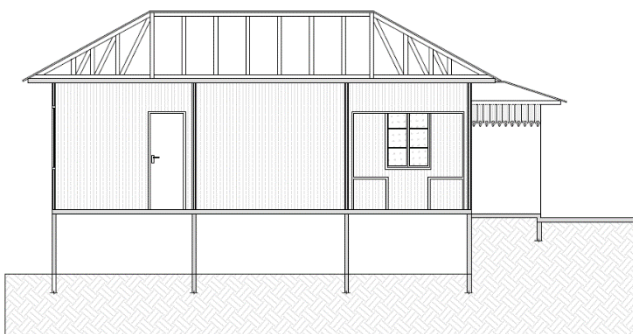
Planta baixa



Planta de cobertura



Fachada Principal



Corte AA'

Fontes:

Conversa com Darcisio Rockembach.

Locais pesquisados:

Análise *in loco*.

Observações: A estrutura da cobertura não foi levantada por completo, supondo que seja assim.

Responsável: Amanda Schirmer de Andrade

Data:
Setembro e outubro/ 2018.

5 ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS BENS INVENTARIADOS

A construção dessas edificações se deu em um contexto de migração de descendentes de alemães e italianos, que chegaram ao Brasil em meio a um período de transformações. Segundo Boni e Costa (1982), foi no século XIX que o governo de Portugal iniciou medidas para que ocorresse a ocupação de terras ociosas, principalmente na região sul do país. Em decorrência da crise que afetava o território alemão (com o fim do domínio francês), esse povo, junto com outros da região, passou a ser considerado para o processo de migração. Assim sendo, no ano de 1824, os primeiros alemães desembarcaram no país, concomitante ao desembarque de pessoas de outras nacionalidades também aceitas nessa primeira etapa.

Com o passar dos anos, a dificuldade de imigrar as etnias escolhidas aumentou, em virtude da falta de aceitação das pessoas. Diante disso, o governo português passou a aceitar novas nacionalidades – incluídos nesse novo grupo estavam os italianos, que iniciam, assim, seu processo de emigração para o Brasil.

Boni e Costa (1982) relatam que, no momento que esse processo de emigração de italianos começou a ocorrer, desencadeava-se uma profunda crise no território local. Os moradores da região sul da Itália foram os mais atingidos pelo colapso e, por conta disso, foram inseridos no processo imigratório. Havia, no entanto, uma predileção pelos agricultores. Em 1875, os primeiros navios que transportavam esses imigrantes italianos aportaram no Brasil.

Já instalados no Brasil, esses povos passaram a desenvolver a arquitetura de acordo com suas experiências e com as necessidades que a vida no país exigia. Inicialmente, a arquitetura era precária e bastante básica. No decorrer dos anos e com a estabilidade, as edificações passaram a ser qualificadas e ampliadas. A cada nova geração, a arquitetura também se modificava. Assim, o povo que escolheu viver no território chapadense possuía bagagem e experiência arquitetônica considerável.

Em um momento histórico em que não existiam empresas que tratavam a madeira ou produziam tijolos, a autoprodução de matéria-prima era a solução que as pessoas possuíam para construir suas casas e demais dependências. Segundo Weimer (1987), utilizavam-se machados e cunhais para talhar a madeira, em pedaços curtos que respeitavam a fibra natural do material.

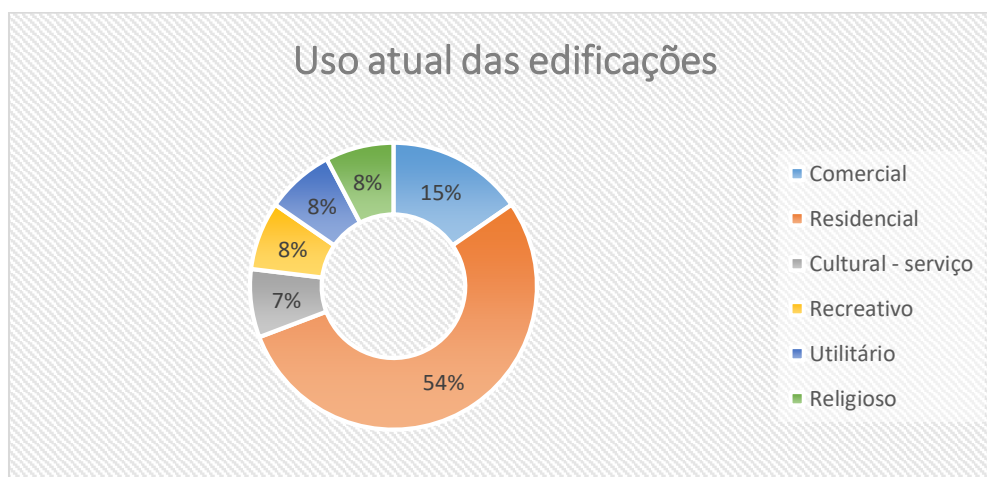
Já para adquirir tijolos, as pessoas produziam de maneira manual e secavam em fornos feitos para essa finalidade (WEIMER, 1987). Entretanto, após a década de

1950, difundiu-se a presença de indústrias, como as olarias, nas quais se produziam tijolos em grande escala, tornando o material mais acessível a todos.

As edificações, mesmo com suas variações de usos e particularidades, são comparadas em inúmeros elementos. Assim sendo, em determinados pontos este estudo não considerará a atividade realizada na edificação, mas sim como ela é composta, para que seja possível compreender como as pessoas solucionavam as necessidades impostas pela atividade do local.

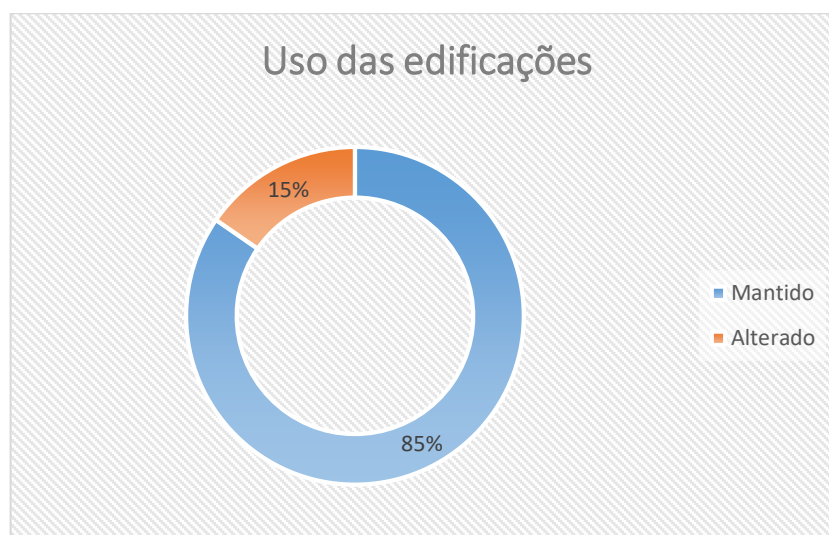
As edificações em estudo apresentam usos distintos, como pode ser visto no Gráfico 1, sendo que muitos destes se preservam desde a construção. A usabilidade encontrada varia desde comercial até religiosa. Das edificações estudadas, nem todas mantiveram seu uso original, como o Gráfico 2 demonstra – 15% das edificações tiveram o uso modificado e 85% mantém ainda o uso original. Esses números, tão distintos, mostram a relevância das edificações, pois, mesmo alterando o uso, não se pensou em demolir o local e construir algo novo; ao mesmo tempo que, nos locais onde não se modificou a usabilidade, não se considerou dar uma nova função para as edificações.

Gráfico 1 – Uso atual das edificações em estudo



Fonte: autora, 2019.

Gráfico 2 – Uso das edificações

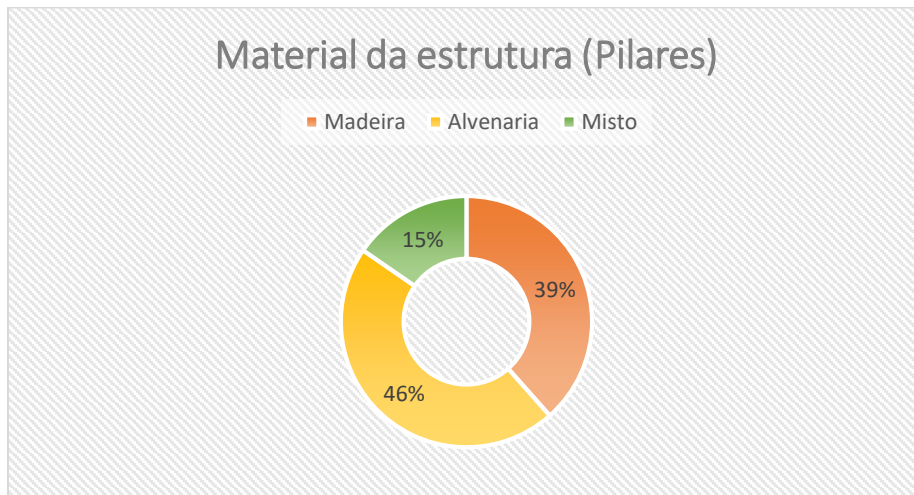


Fonte: autora, 2019.

Os imigrantes, com o passar dos anos, adquiriram conhecimentos e passaram a entender a melhor forma de utilizar a matéria-prima encontrada nas regiões em que habitavam. Entendeu-se que, quando elevada do solo, a madeira possuía uma durabilidade muito maior. A madeira era posta normalmente acima de pedras empilhadas, o que, entretanto, comprometia a rigidez. Dessa maneira, novas soluções tiveram que ser adotadas, como o melhor dimensionamento das peças (WEIMER, 1987). Nas edificações em estudo, percebe-se que a elevação das construções não ocorre sobre pedras, mas sim sobre tijolos, bem como sobre a própria madeira.

Todas as edificações, sem exceção, são elevadas do solo, sustentadas por pilares. O Gráfico 3 apresenta os materiais que compõem esses pilares – encontrados em porões usados ou simplesmente áreas elevadas. Consideram-se como mistos os porões que são elevados por pilares em madeira, bem como em alvenarias; assim como também são encontrados somente pilares diretamente alocados no chão em alvenaria ou em madeira. As madeiras utilizadas nas edificações foram todas retiradas do entorno. No início, eram tratadas pelos próprios proprietários, mas, com o passar dos anos e com a abertura das primeiras madeireiras, esse trabalho passou a ser feito nessas empresas. O mesmo aconteceu com os tijolos – inicialmente produzidos nas próprias construções e, posteriormente, confeccionados em olarias.

Gráfico 3 – Material utilizado na estrutura da estrutura (pilares)



Fonte: autora, 2019.

Todavia, não é regra o uso do mesmo material nos pilares e na vedação do pavimento de elevação/porão. O Gráfico 4 apresenta os dados computados nas edificações, acerca do material utilizado no subsolo. Assim como existem locais que somente possuem pilares de elevação e não apresentam vedação nesse setor (15% das edificações estudadas), encontram-se edificações (16%) que possuem o seu fechamento em madeira, muitas vezes, com o mesmo recorte das que são encontradas no pavimento principal, mas com um tratamento menos aprimorado. O restante dos edifícios (69%) tem seu fechamento em alvenaria. Nesses casos, ocorre variação do que é encontrado, podendo ser tijolos cerâmicos brutos, com camadas de chapisco e reboco, bem como com colocação intercalada, formando “cheios e vazios” entre elementos, característica que facilita insolação e ventilação do ambiente.

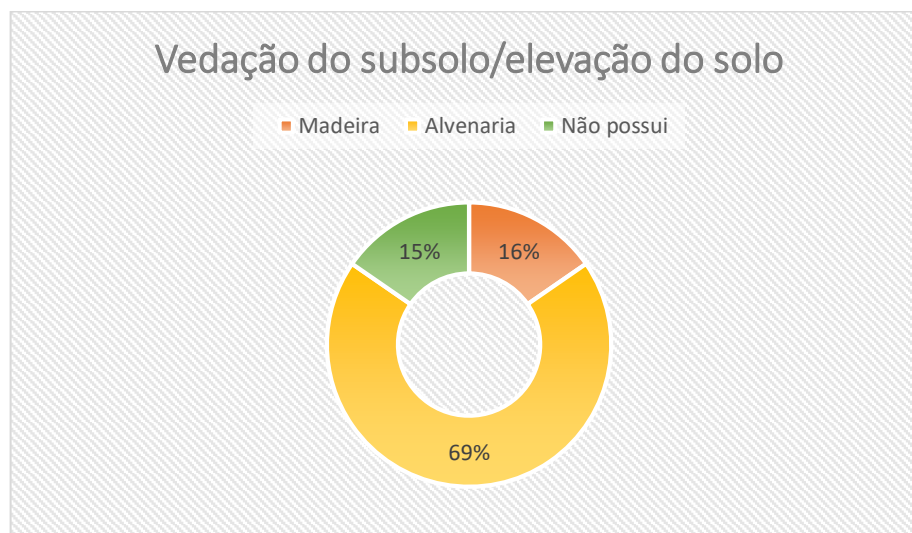
A Figura 17 apresenta o porão encontrado na Residência Colognese (Ficha 10), com variação de materiais dos pilares e paredes, destacando que duas dessas paredes são utilizadas como muro de arrimo; as demais possuem acesso ao exterior. Segundo Weimer (1987), os porões construídos nesse contexto eram espaços livres, sem ambientes compartimentados, somente com os pilares em madeira na área central, que faziam sustentação do pavimento principal. O chão não recebia nenhum pavimento especial, deixando a terra somente compactada.

Figura 17 - Porão com pilares em alvenaria e madeira e paredes em alvenaria.



Fonte: autora, 2018.

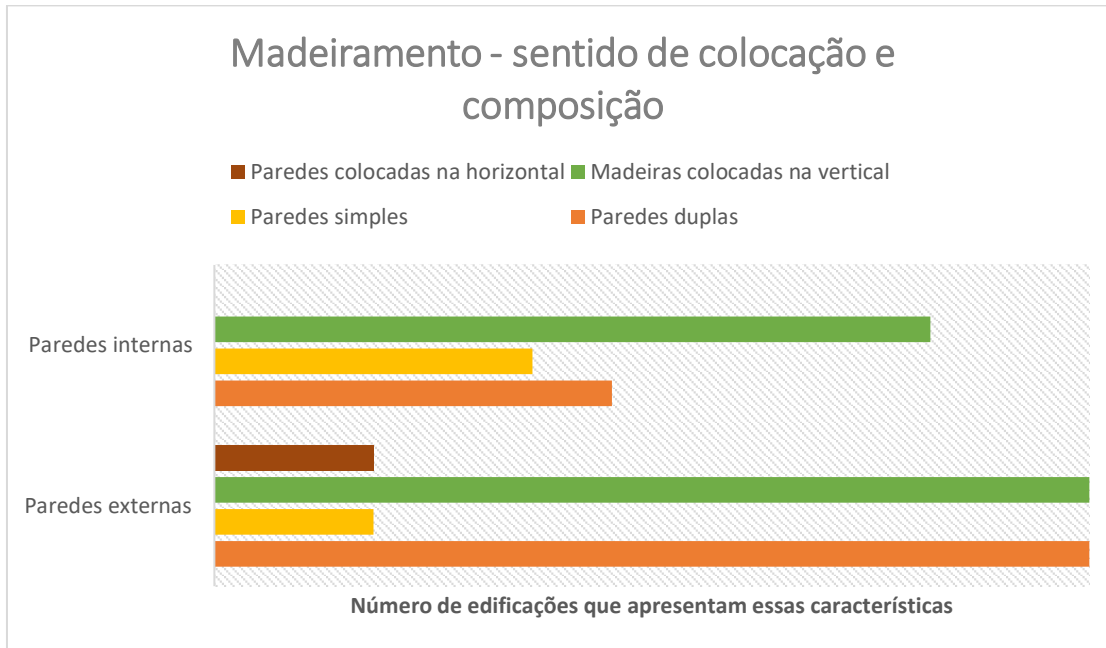
Gráfico 4 – Material utilizado na vedação do subsolo



Fonte: autora, 2019.

Nas edificações em estudo, são encontradas diferentes formas de implementação da madeira (dimensão das tábuas e colocação). O Gráfico 5 apresenta informações do madeiramento das paredes, diferenciando-as entre externas e internas, pelo fato de muitos locais possuírem alteração entre uma área e outra, como se pode observar. Destaca-se que quatro edificações não possuem repartições (setorização interna de ambientes) o que pode ser observado no somatório de resultados apresentado.

Gráfico 5 – Madeiramento das paredes das edificações



Fonte: autora, 2019.

Segundo Weimer (1987), na região dos Países Baixos, desenvolveu-se um sistema conhecido como baixo-saxão, o qual é composto por vigas baldrames e frechais contínuos – que são horizontais – assim como os esteios que aparecem como elementos verticais. Todos esses elementos se sustentam mutuamente e eventualmente são inseridas peças inclinadas, que ficam entre os esteios. Segundo o autor, os espaços que existiam entre os esteios eram utilizados para a colocação de esquadrias. Tais características são encontradas em algumas das edificações em estudo, como, por exemplo, no Moinho Richter, conforme a Figura 18.

Figura 18 – Moinho Richter, destaque ao sistema construtivo.



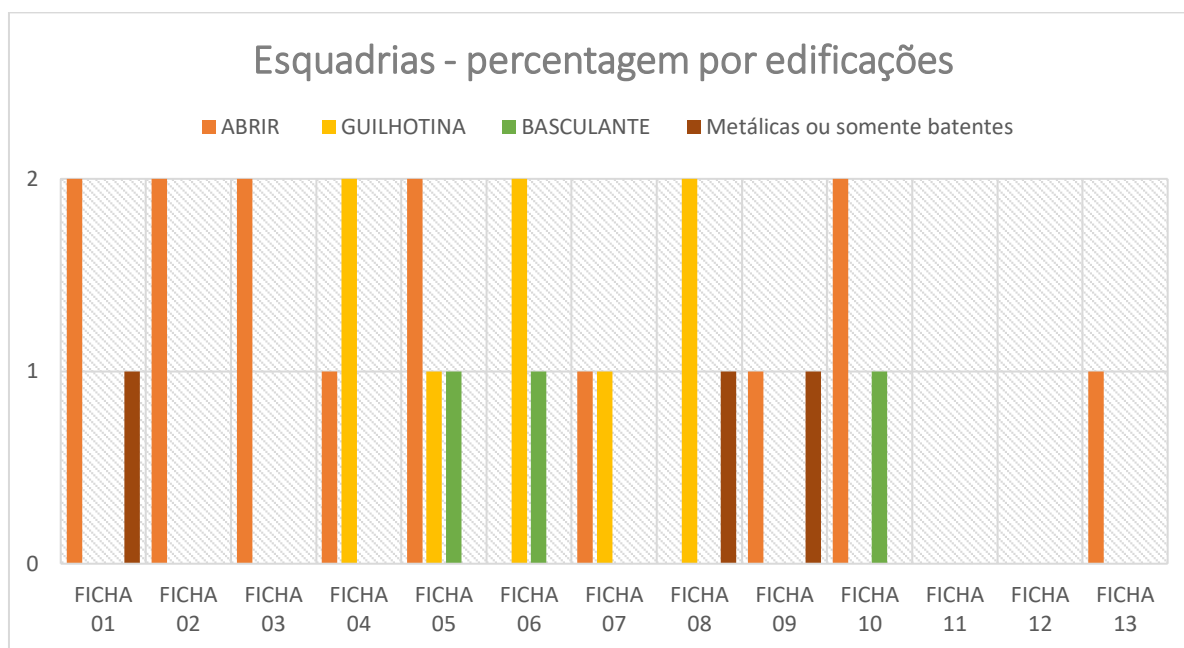
Fonte: autora, 2018.

Nos madeiramentos das paredes, encontrar chapas no sentido horizontal é raro – quando ocorre, é somente em paredes voltadas ao exterior. Ademais, considerou-se como parede simples aquelas que possuem a madeira em um único lado, sendo do lado oposto possível visualizar toda a estrutura, como, por exemplo, no Moinho Richter, que possui o madeiramento voltado ao exterior e, em seu interior, vê-se a estrutura (detalhe que pode ser observado na Figura 18).

As esquadrias encontradas nas edificações são semelhantes em dimensões, forma de abertura, colocação e dimensão de vidros. O Gráfico 6 apresenta as esquadrias (janelas), separadas por edificação. Observa-se que dois locais não possuem janelas, o Capitel Mariani e o Galpão Schneider. A falta de janelas explica-se, no capitel, pela pequena dimensão do local (ainda que apresente duas pequenas aberturas nas paredes laterais) e, no galpão, por não ser necessário no uso do local (armazenamento de grãos e abrigo de animais) a existência desse tipo de abertura.

Em seguida, analisa-se as tipologias de esquadrias que são encontradas: as janelas de abrir aparecem em nove edificações e as janelas guilhotinas, em cinco. Essas tipologias são consideradas as primordiais, por estarem no corpo principal das construções. Os demais modelos (basculante e metálica) aparecem nos anexos e banheiros construídos posteriormente.

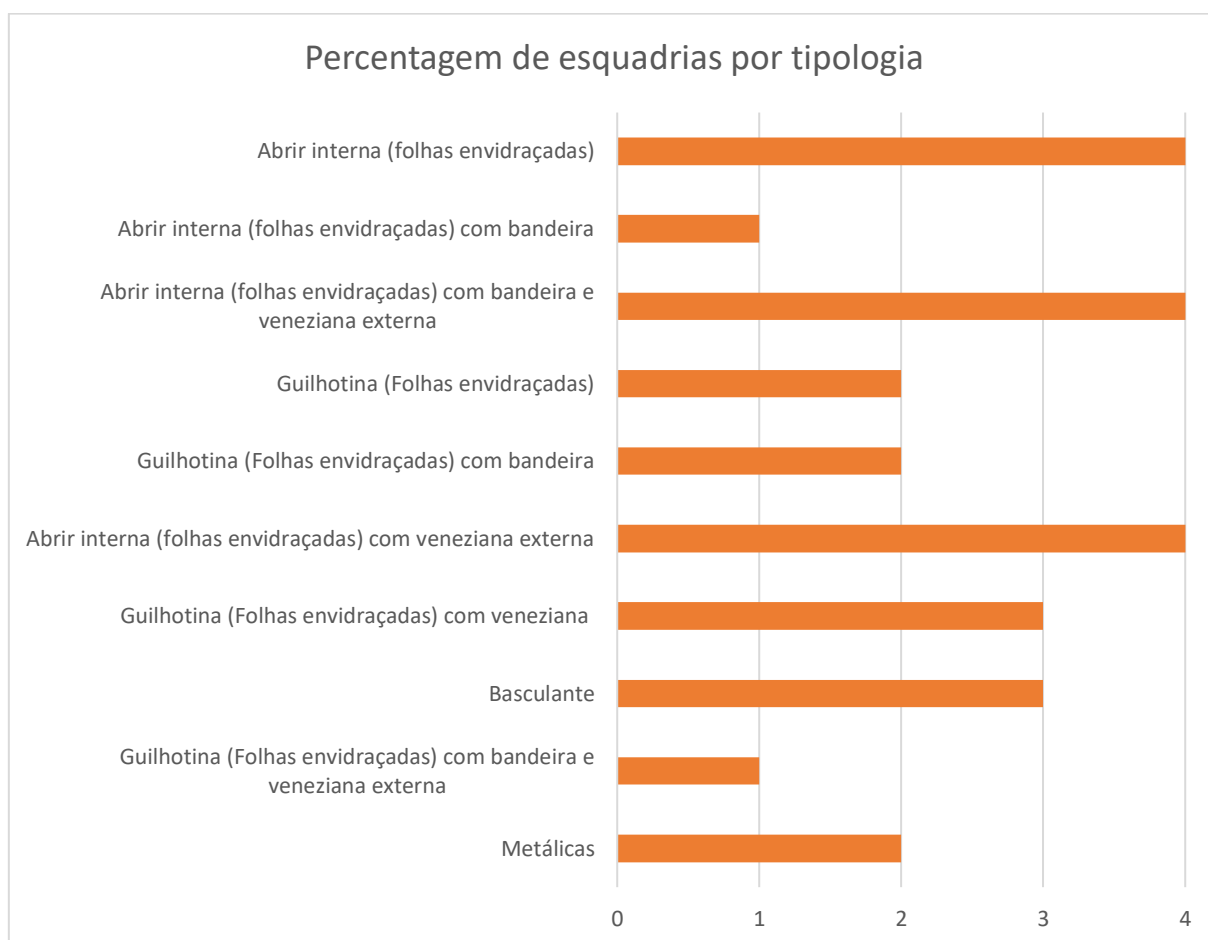
Gráfico 6 – Tipologias de esquadrias (janelas) encontradas nas edificações



Fonte: autora, 2019.

Mesmo sendo limitados os modelos de esquadrias encontrados nas edificações – abrir, guilhotina, basculante e metálicas –, eles possuem diversas composições. O Gráfico 7 elucidada de que maneira as esquadrias se apresentam. Numericamente, percebe-se a hegemonia das esquadrias de abrir, podendo ter: somente folhas com vidros, folhas envidraçadas com venezianas e essas mesmas formulações juntamente com bandeiras em vidro. Do mesmo modo, as esquadrias com abertura no estilo guilhotina podem ser encontradas de formas arranjadas (com ou sem venezianas ou com bandeiras). Ainda que em uma mesma edificação apareçam fechamentos de abrir e guilhotina, todas as janelas sempre apresentam o mesmo número de vidros.

Gráfico 7 – Percentagem de uso das esquadrias (janelas) – englobando todas as edificações e suas esquadrias.



Fonte: autora, 2019.

Destaca-se que nas janelas do Museu Municipal (Ficha 03), as folhas compostas por vidros têm aberturas para o exterior, ao passo que uma janela do local possui três folhas. Além disso, todas as janelas encontradas no Moinho Richter (Ficha 01) possuem aberturas com três folhas (na área com vidros). A Figura 19 apresenta os exemplos citados. Todas as folhas dessas esquadrias abrem, apresentando uma maior área de insolação e ventilação, qualificando as propriedades do ambiente. No caso do moinho, isso facilita no trabalho, dispensando o uso de luz elétrica, assim como facilita na circulação do ar, diminuindo o acúmulo de sujidades derivadas da matéria-prima.

Figura 19 – Janelas do Museu Municipal e do Moinho Richter, respectivamente, com suas três folhas de abertura.



Fonte: autora, 2019.

Weimer (2005) afirma que nas áreas influenciadas por povos oriundos da região da Vestfália, principalmente, predominavam as edificações enxaimel, com esquadrias guilhotinadas. Essas janelas possuíam tampos de tábuas para fechamento do lado externo e folhas guilhotinadas com vidros como fechamento interno, entretanto, nos frontões/alpendres, as janelas não possuíam os fechamentos com as tábuas, tendo somente a área com vidros. A cada par de folhas da guilhotina (uma fixa e outro móvel), sua divisão era de 3x4, ou seja, três partes de vidro na horizontal e quatro partes na vertical (duas por folha).

Assim, nas edificações residenciais que possuem alpendre, ressalta-se que as janelas voltadas para este não possuem fechamento maciço, ao contrário das janelas que estão diretamente expostas ao tempo. A Figura 20 apresenta a Residência Taube, onde é encontrada essa diferenciação de esquadrias, destacando que todas possuem igualmente a área interna, com bandeira e duas folhas de guilhotina, diferenciando somente seu fechamento externo.

Figura 20 – Residência Taube, ênfase nas esquadrias



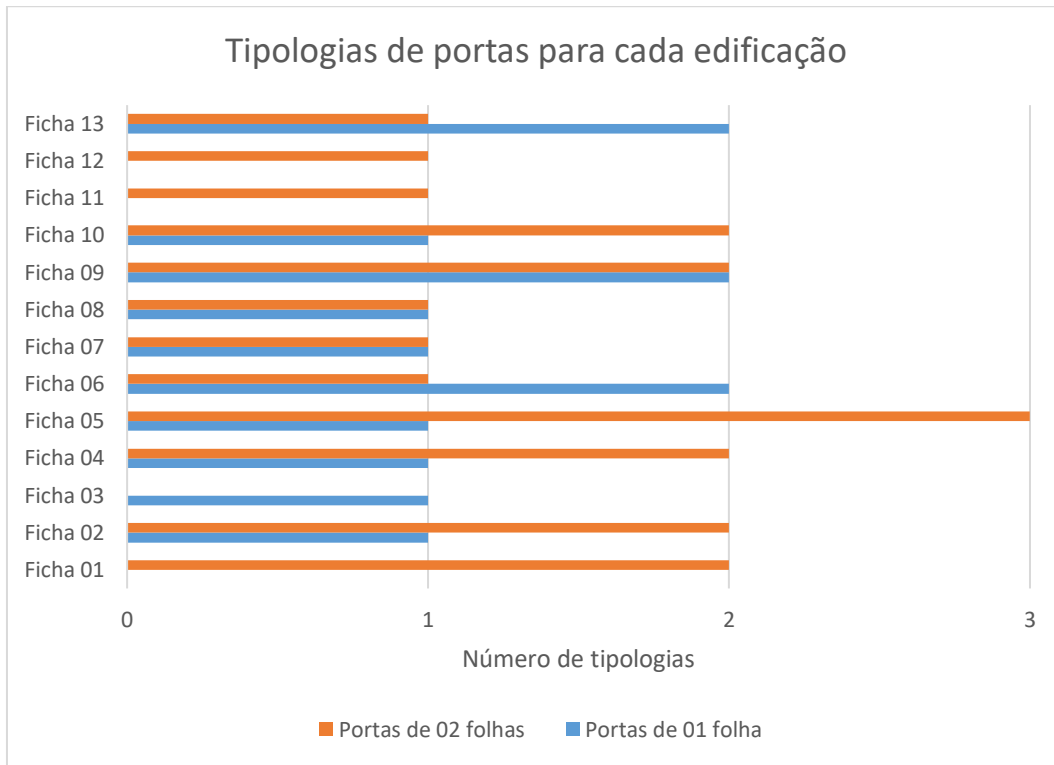
Fonte: autora, 2019.

Nas treze edificações em estudo, são encontradas portas iguais e/ou semelhantes – as internas são de uma única folha formada por três chapas de madeiras verticais; as portas de acesso externo, na maioria dos casos, possuem duas folhas e são detalhadas (com áreas com frisos talhados, retangulares ou partes com vidros).

O Gráfico 8 apresenta dados sobre o número de folhas das esquadrias. Em nove edificações, encontram-se duas tipologias de esquadrias (de uma ou duas folhas); nas restantes (quatro edificações), há somente uma tipologia de abertura. Em 10 edificações, observa-se que existem aberturas de uma folha e, em 12, existem portas com duas folhas. A quantidade de exemplares para cada tipologia varia, não somente pelo número de folhas encontradas, mas também pela dimensão que os exemplares apresentam. Por esse motivo, computam-se em algumas fichas mais tipologias de uma mesma dimensão.

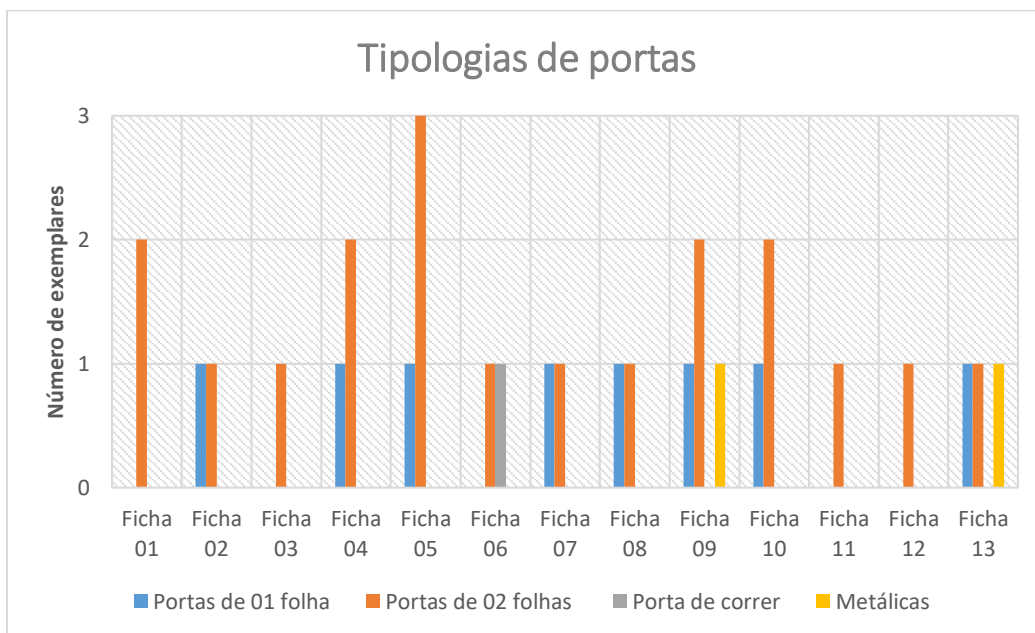
Weimer (2005) diz que é possível encontrar, na maior parte das edificações construídas por imigrantes e descendentes, portas com duas folhas sendo utilizadas como acesso principal das edificações – conhecidas também como portas vestfalianas, pela influência de uso que elas apresentam. Essas aberturas normalmente também possuem bandeiras com vidros fixos e/ou móveis e suas folhas são almofadadas e até mesmo “trabalho escultórico”.

Gráfico 8 – Número de folhas que as tipologias de esquadrias (portas) apresentam.



Fonte: autora, 2019.

Gráfico 9 – Tipologia de esquadrias (portas) que as edificações apresentam



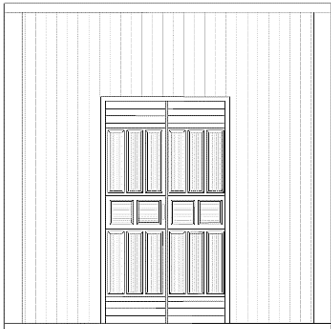
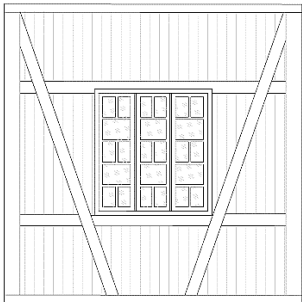
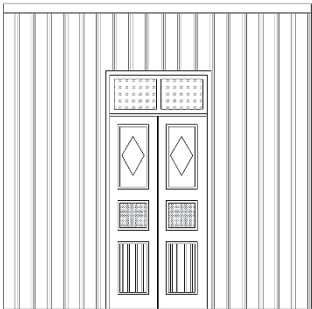
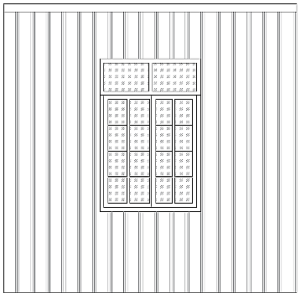
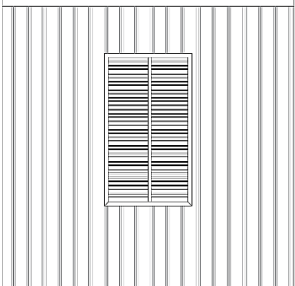
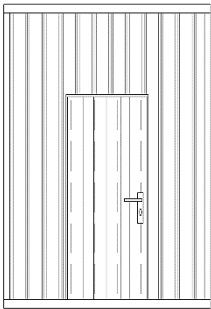
Fonte: autora, 2019.

Já o Gráfico 9 detalha os dados encontrados no Gráfico 8, no qual se observa que as portas encontradas são de abrir (de uma ou duas folhas), correr (uma folha) ou metálicas (sendo de várias formulações, dimensões e tipologias e implantadas exclusivamente nas áreas novas e externas, construídas posteriormente). Mesmo sendo poucas as esquadrias de correr e metálicas, é relevante a distinção desses dados para que se apresente a existência dessas esquadrias.

Sabendo da vasta gama de esquadrias que as edificações em estudo apresentam, o Quadro 5 exhibe as esquadrias das áreas principais das edificações, divididas entre portas principais, janelas e portas internas.

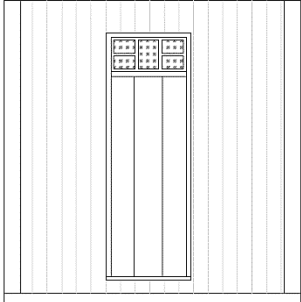
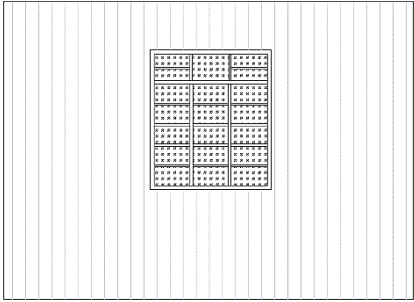
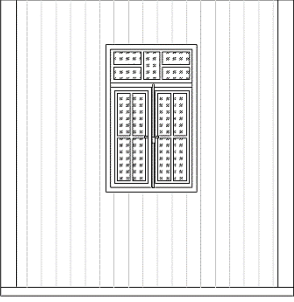
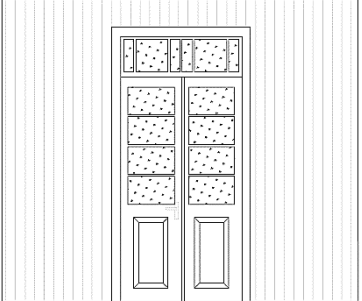
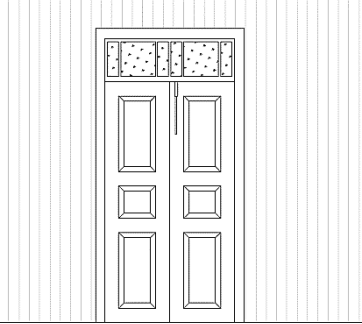
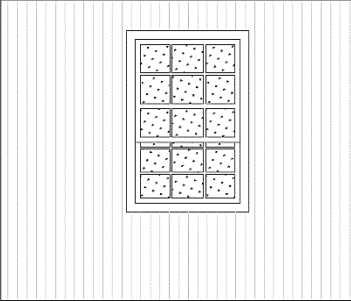
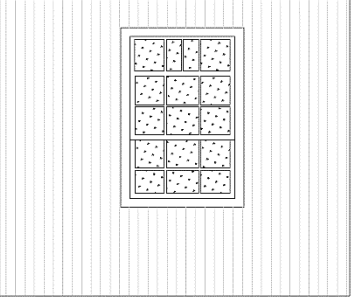
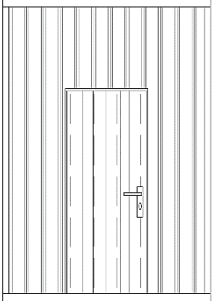
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

(Continua)

EDIFICAÇÃO 01 – Moinho Richter		
Porta principal	Janelas	
		
EDIFICAÇÃO 2 - Residência Taube		
Porta principal	Janelas	Portas internas
	 	

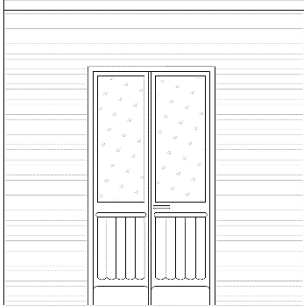
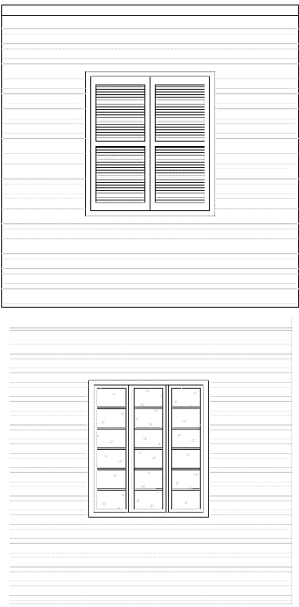
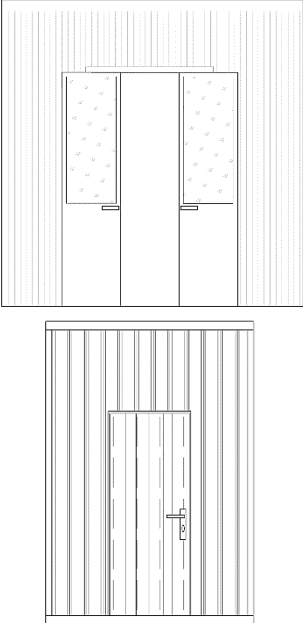
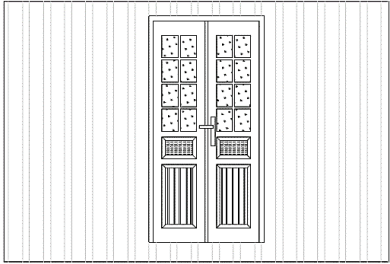
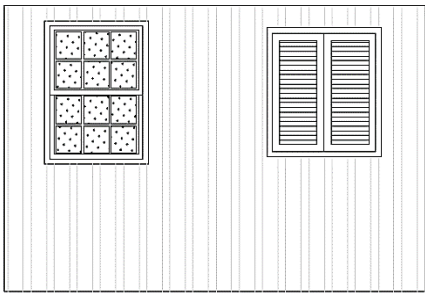
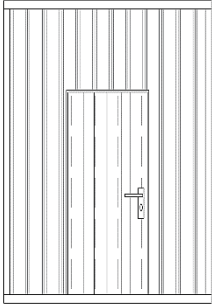
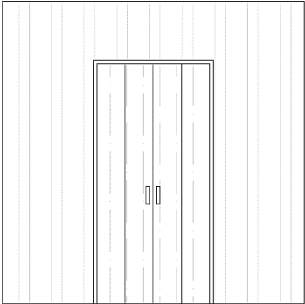
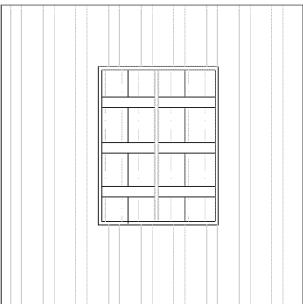
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

(Continuação)

EDIFICAÇÃO 3 – Museu Municipal		
Porta principal	Janelas	
	 	
EDIFICAÇÃO 4 – Residência Auler - Lotus		
Porta principal	Janelas	Portas internas
 	 	

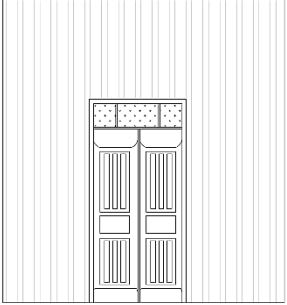
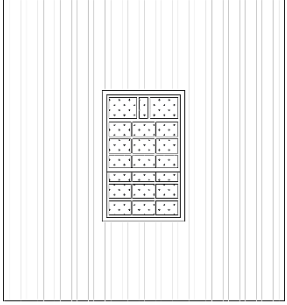
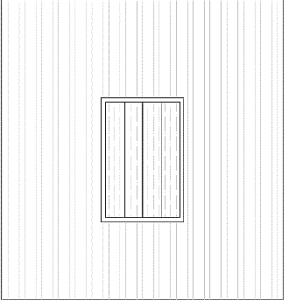
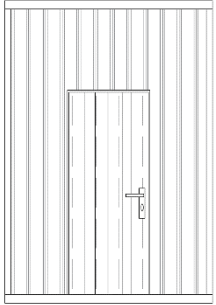
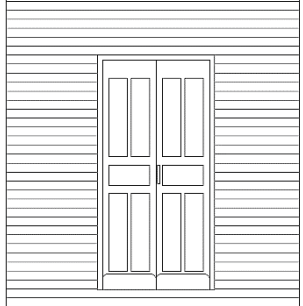
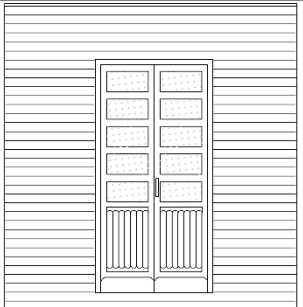
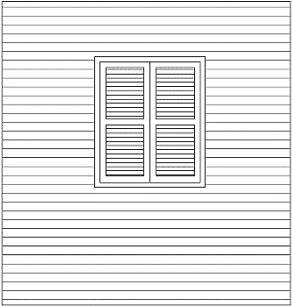
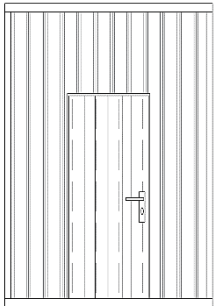
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

(Continuação)

EDIFICAÇÃO 5 – Residência Bays		
Porta principal	Janelas	Portas internas
		
EDIFICAÇÃO 6 - Residência Henz		
Porta principal	Janelas	Portas internas
		
EDIFICAÇÃO 7 – Salão Guth		
Porta principal	Janelas	
		

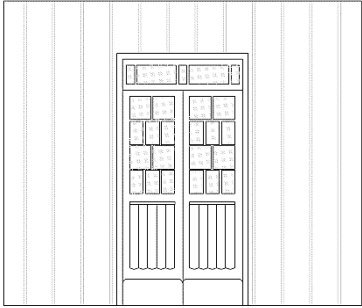
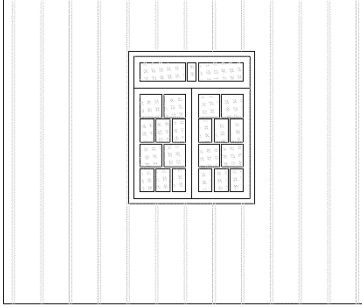
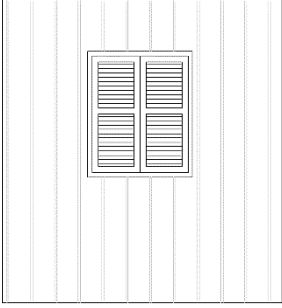
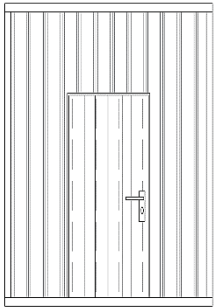
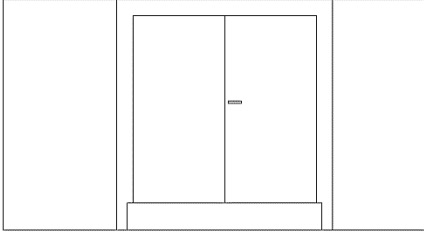
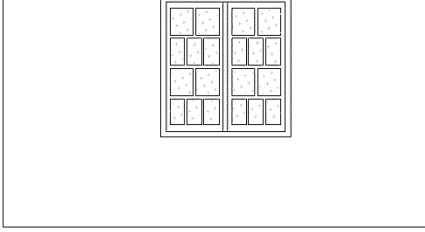
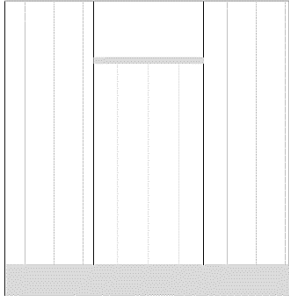
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

(Continuação)

EDIFICAÇÃO 8 – Residência Scheuermann		
Porta principal	Janelas	Portas internas
	 	
EDIFICAÇÃO 9 – Residência Pizzeta		
Porta principal	Janelas	Portas internas
 		

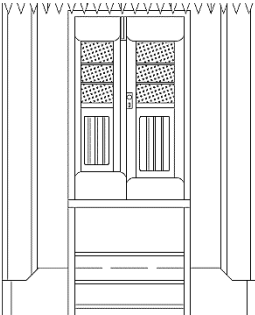
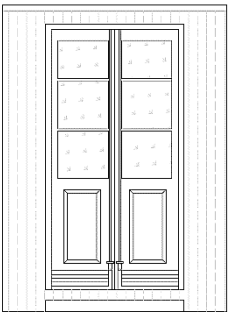
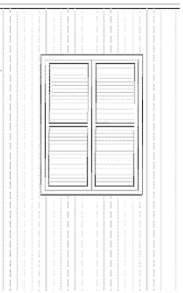
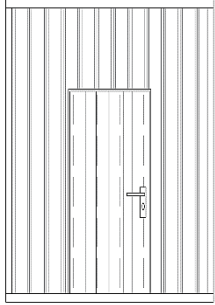
Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

(Continuação)

EDIFICAÇÃO 10 – Residência Cologne		
Porta principal	Janelas	Portas internas
	 	
Esquadrias porão		
		
EDIFICAÇÃO 11 – Galpão Schneider		
Porta principal		
		

Quadro 5 – Esquadrias existentes nas edificações

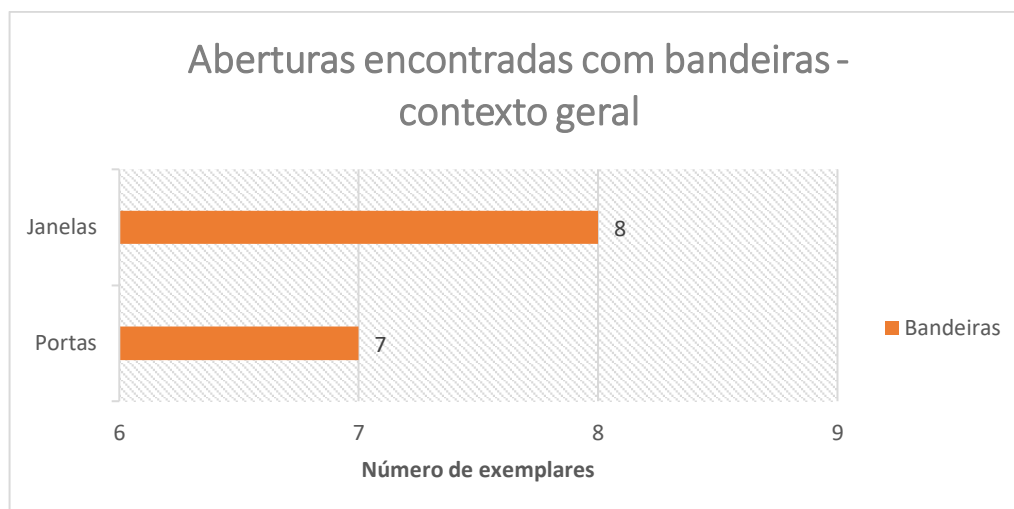
(Conclusão)

EDIFICAÇÃO 12 – Capitel Mariani		
Porta principal		
		
EDIFICAÇÃO 13 – Residência Rockembach		
Porta principal	Janelas	Portas internas
		

Fonte: autora, 2019.

Sabe-se que existem variações de esquadrias mesmo dentro de uma mesma edificação, podendo variar também os elementos e dimensões. Dessa forma, o Gráfico 10 apresenta os números relativos às esquadrias que apresentam bandeiras, sendo oito modelos de janelas e sete modelos de portas (sem referência direta em qual bem ou como aparecem). Entretanto, com isso perceber-se o desejo de detalhar alguns elementos, diferenciando até mesmo a relevância daquele acesso ou janela, individualmente ou no contexto geral da edificação.

Gráfico 10 – Bandeiras nas esquadrias (Portas e janelas)

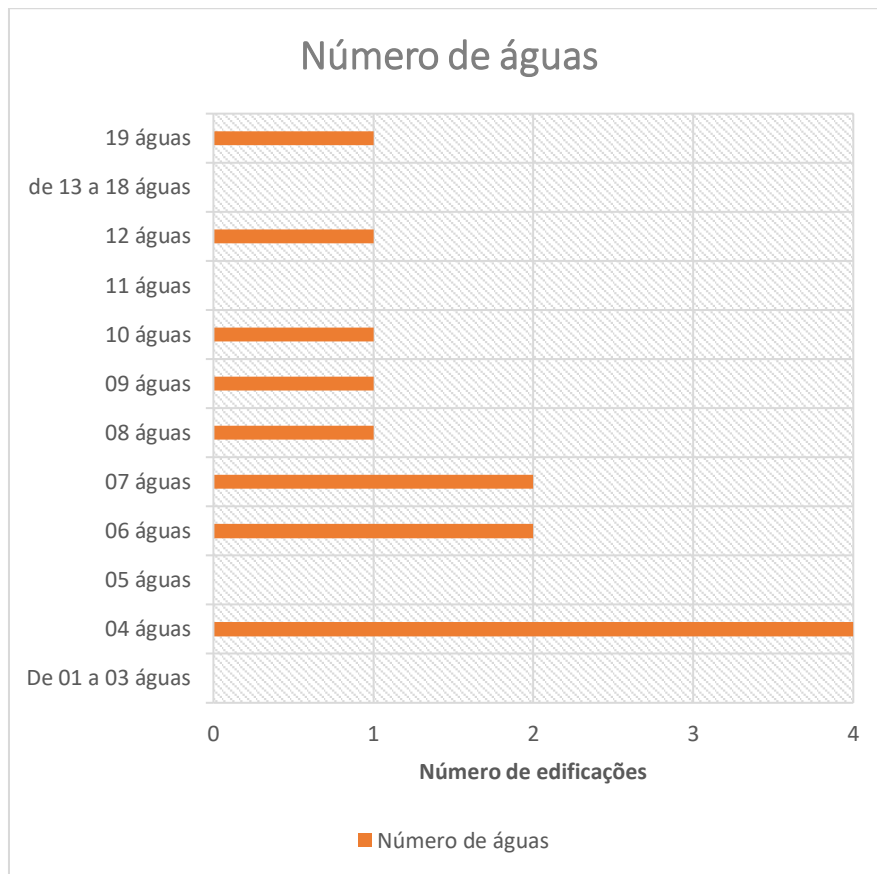


Fonte: autora, 2019.

As variadas edificações que compõem o estudo possuem formatações semelhantes. No entanto, para cada uma, adotou-se uma cobertura única, de acordo com o que os construtores acreditaram adequado. As coberturas com poucas águas (de quatro a oito) são as mais encontradas. Chamam atenção os casos em que há mais de dez águas para cobertura de edificações, sendo uma delas de médio porte. O Gráfico 11 apresenta os valores respectivos das águas de cobertura.

Na situação em que a edificação apresenta 19 águas, explica-se pela formulação arquitetônica adotada na construção (formato de H). Entretanto, em outras situações, como o Capitel Mariani, adotou-se como solução arquitetônica realizar uma divisão de águas diferenciada. Casos significativos são também o da Residência Taube e de algumas outras em que, por possuírem alpendre, foram construídas uma cobertura para o corpo da residência e outra mais baixa para o alpendre. A edificação do Salão Guth, que possui um estilo semelhante ao industrial, também apresenta uma cobertura singular, um ritmo que é “quebrado” somente no setor sul (na área residencial).

Gráfico 11 - Número de águas das coberturas

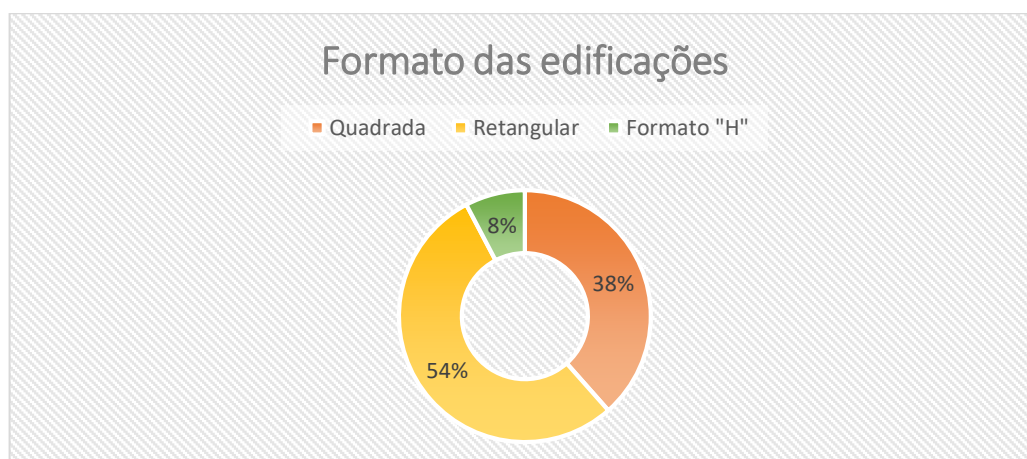


Fonte: autora, 2019.

Ao observar a distribuição arquitetônica das edificações (plantas baixas), percebe-se um aproveitamento do terreno, dos condicionantes ambientais (insolação, ventos) e das vias de acesso do entorno, o que é comprovado com os dados do Gráfico 12. Como se nota, 54% das construções possuem distribuição arquitetônica em formato retangular, já 38% das residências são alocadas em edificações quadradas e 8% (uma edificação) possui o formato de “H”, essa com rebatimento quase total de ambientes, esquadrias e demais elementos.

Weimer (1987) explica que, nos tempos antigos, as plantas baixas das edificações possuíam formato retangular, tanto pela facilidade da construção quanto pela otimização de espaços.

Gráfico 12 – Formato da planta baixa das edificações



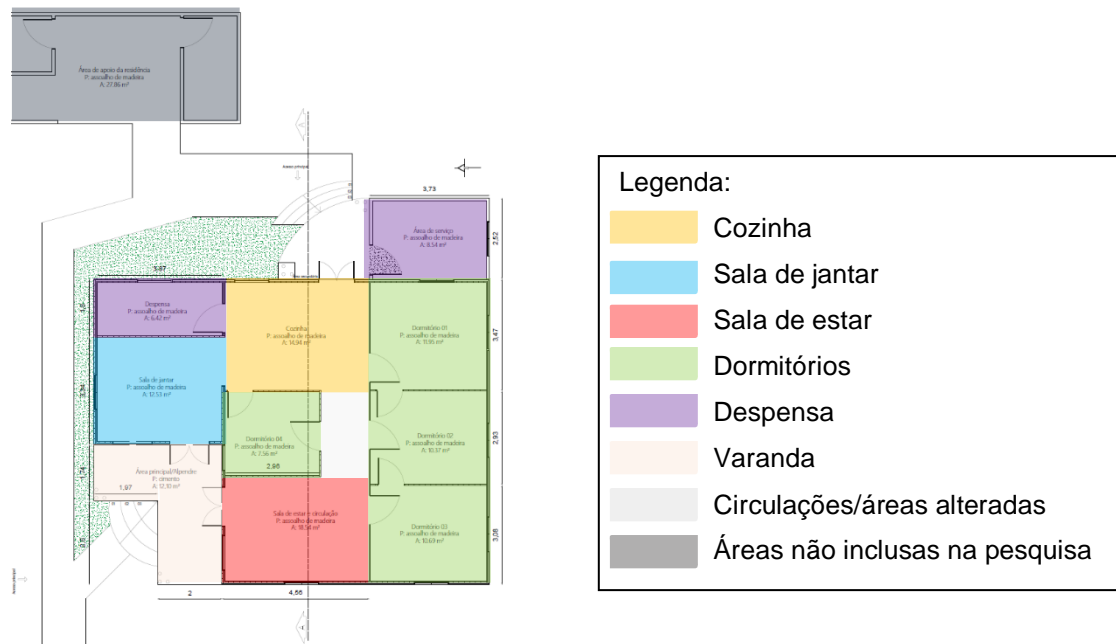
Fonte: autora, 2019.

As edificações possuem variadas formulações e ocupações distintas. As análises que serão realizadas acontecem pela segmentação das edificações residenciais através de seus ambientes. As demais edificações serão analisadas num contexto geral.

A edificação Taube, representada na Figura 21, é uma edificação residencial – nunca houve alteração do uso. Sua cozinha é em formato retangular e possui acesso independente – internamente ela acessa a sala de jantar, a despensa, um dormitório e a circulação que liga ao restante do bem. A sala de jantar também possui acesso independente, sem ligar a outros ambientes internos. Já a sala de estar acessa os dormitórios, uma circulação e liga-se ao exterior por outra saída. Diferentemente de outros bens, os dormitórios dessa edificação são interligados, formando, assim, uma rota de fuga (explicado pelo contexto da época da construção). Não é inclusa nesse estudo uma área externa com banheiro e lavanderia em alvenaria. Ressalta-se que não existe banheiro dentro da edificação.

Assim, a Residência Taube demonstra a necessidade dos moradores da época em se precaver de invasões. Com o medo da perseguição a alemães, construiu-se uma rota para escape, fazendo uma edificação totalmente interligada (por suas circulações internas). Os dormitórios da edificação estão locados a sul e norte, sendo, respectivamente, três dormitórios e um dormitório.

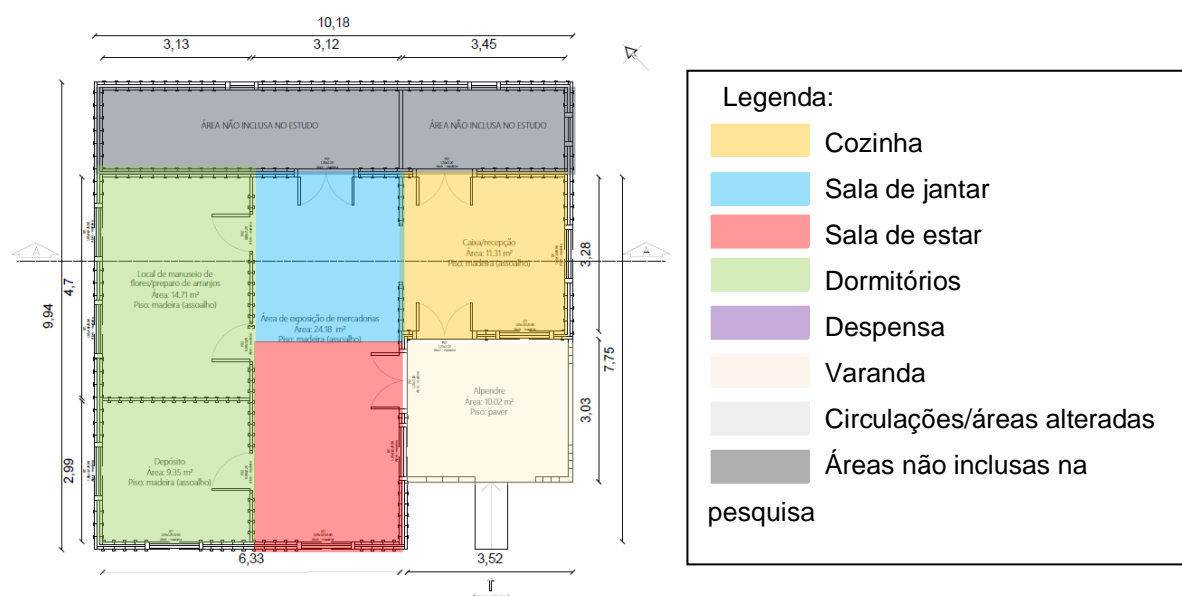
Figura 21 – Planta baixa da Ficha 02, residência Taube.



Fonte: autora, 2019.

A edificação Auler, mesmo alterando seu uso e hoje não sendo mais uma residência, será analisada como tal, por não ter sofrido abruptas alterações, como a Figura 22 apresenta – destaca-se somente a retirada de paredes nas áreas entre dormitórios. Nessa edificação, observa-se uma cozinha retangular, sendo ela um dos acessos principais da edificação, com acesso a uma sala de jantar e a uma área não inclusa no estudo. A sala de jantar é integrada à sala de estar. Esses ambientes possuem uma ligação própria com a área frontal e com a parte dos fundos, assim como acesso a todos os dormitórios (voltados a noroeste). A área não inclusa no estudo possui lavanderia e banheiro, que foram construídos posteriormente em alvenaria – não se sabe a data definitiva dessa obra. Observa-se que os acessos principais ao exterior fazem uso de um mesmo alpendre.

Figura 22 – Planta baixa da Ficha 04, Edificação Auler.

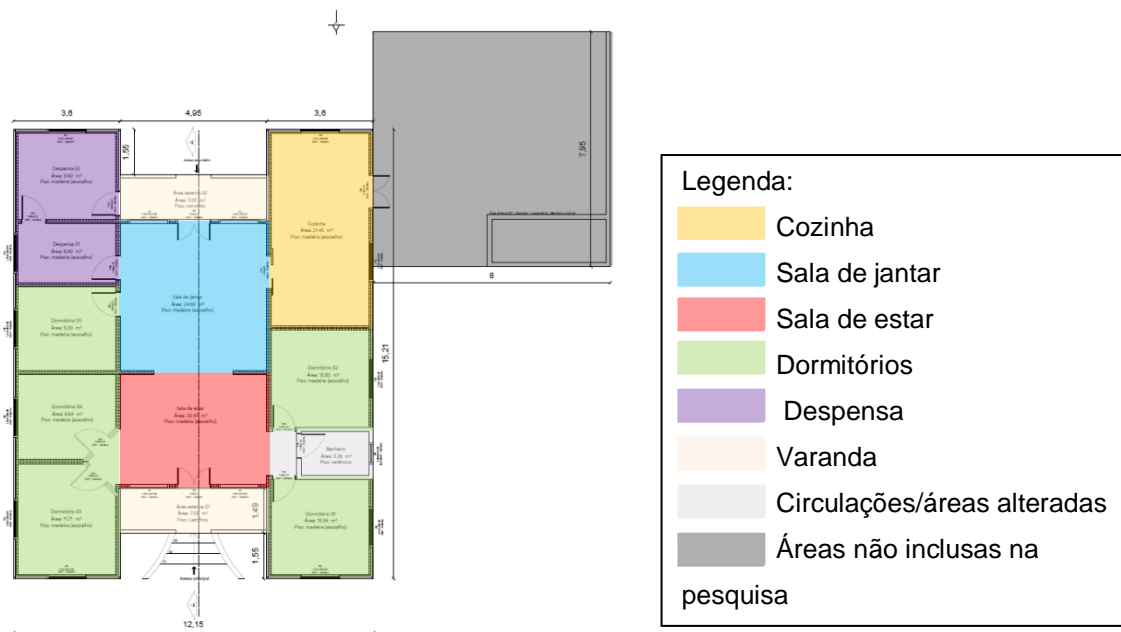


Fonte: autora, 2019.

A edificação Bays, representada na Figura 23, possui uma planta baixa em formato “H”, onde está inserido o corpo principal da edificação. Em sua lateral oeste, existe uma área anexa que não está inserida nos estudos (onde está localizada a garagem, uma lavanderia e o banheiro primitivo da edificação). O acesso principal da edificação se dá pela sala de estar, a qual acessa alguns dormitórios e a sala de jantar. Por sua vez, a sala de jantar possui um acesso oposto ao exterior da edificação, mas que acessa também outro dormitório, as despensas e a cozinha. A cozinha liga-se à área não incluída neste estudo. Os dormitórios da edificação estão localizados a leste (três ambientes) e a oeste (dois ambientes). Destaca-se que as despensas são acessadas externa e internamente.

É possível, dessa forma, perceber que a edificação possui uma ampla circulação entre suas áreas internas e externas. Sendo construída na zona rural, essa residência possui sua fachada principal voltada para a estrada e com uma distância relativamente curta.

Figura 23 – Planta baixa da Ficha 05, residência Bays.

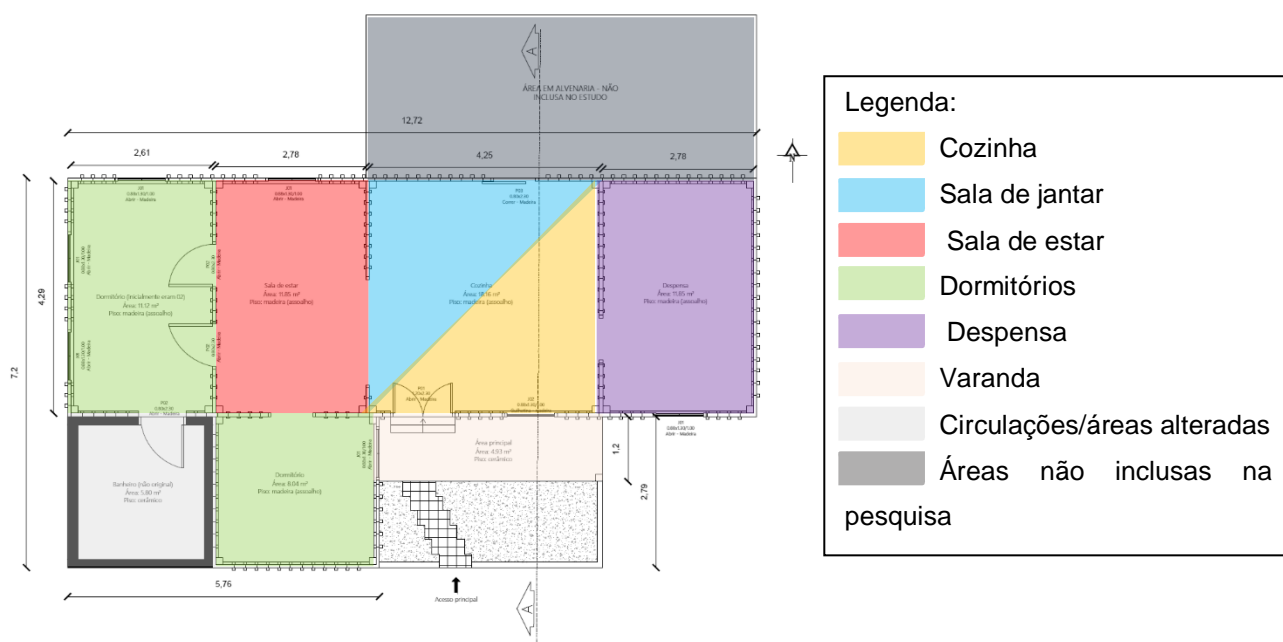


Fonte: autora, 2019.

A Figura 24 representa a Residência Henz, a qual é acessada pela cozinha/sala de jantar. Esse mesmo ambiente acessa uma despensa e uma área que não será envolvida no estudo (lavanderia e banheiro primitivo em alvenaria). Os dormitórios estão a oeste e são acessados pela sala de estar. A edificação possui uma área frontal, que é o acesso principal do bem. Pode-se observar que entre dormitórios não existem paredes, visto que foi necessária a remoção, assim como um banheiro foi construído junto a essa área, tendo sido necessária mais algumas alterações dos ambientes.

A residência, construída em um distrito da zona rural, está rente à estrada. Para fazer a distinção entre a via pública e o início da construção, fez-se uso de um muro com grades pequenas que segmenta uma área distinta em frente ao alpendre. Mesmo o restante da construção não tendo essa “barreira”, é notória e entendível a distinção entre essas áreas (pública e privada).

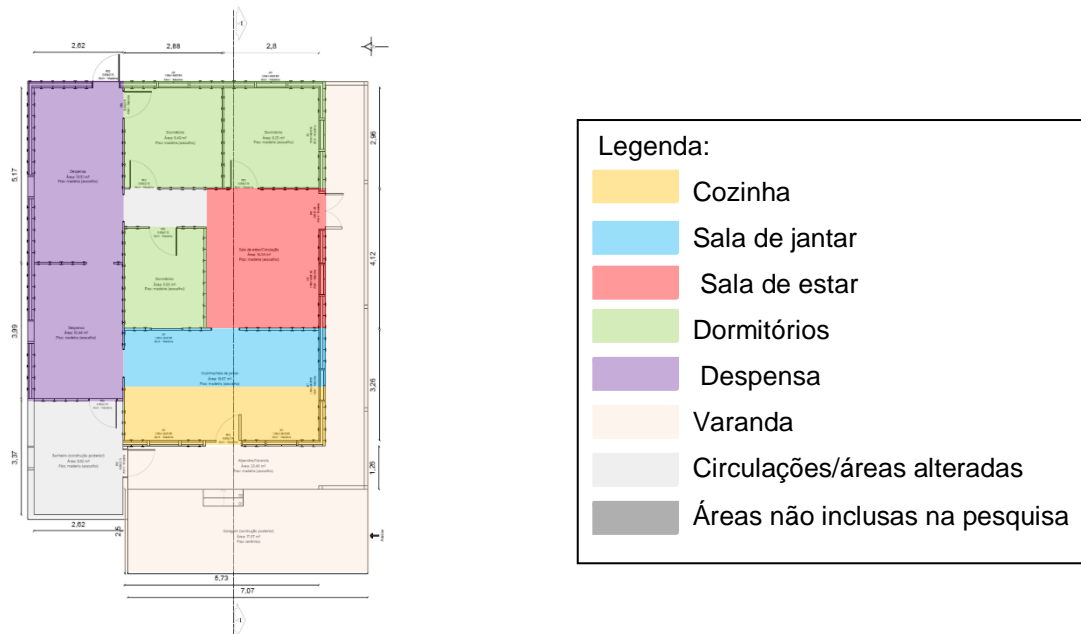
Figura 24 – Planta baixa da Ficha 06, residência Henz.



Fonte: autora, 2019.

A residência Scheuermann, com sua planta baixa representada na Figura 25, possui formato retangular, tendo como acesso principal a sala de estar, que se liga aos dormitórios, a uma circulação e a cozinha/sala de jantar. A cozinha da residência possui acesso individual, na qual se acessa também a área lateral interna, sem uso definido (tratado como despensa). Construiu-se um banheiro junto à edificação principal, em alvenaria. No entorno da fachada principal existe uma varanda com balaústres, que é acessada através da garagem. Dois dos dormitórios possuem aberturas com orientação leste e um terceiro dormitório não possui aberturas para o exterior, tendo somente uma janela que abre na cozinha (não se sabe se sempre foi assim ou ocorreu por necessidade de alocar a família). A edificação pode ser considerada como tendo circulação total entre todos os seus ambientes – através da circulação dos dormitórios, é possível acessar a área dos fundos, ligando diretamente a cozinha, assim como a uma porta de acesso secundária. Ao contrário da Residência Taube, essa edificação não possui registros de ter rota de fuga ou necessidade disso.

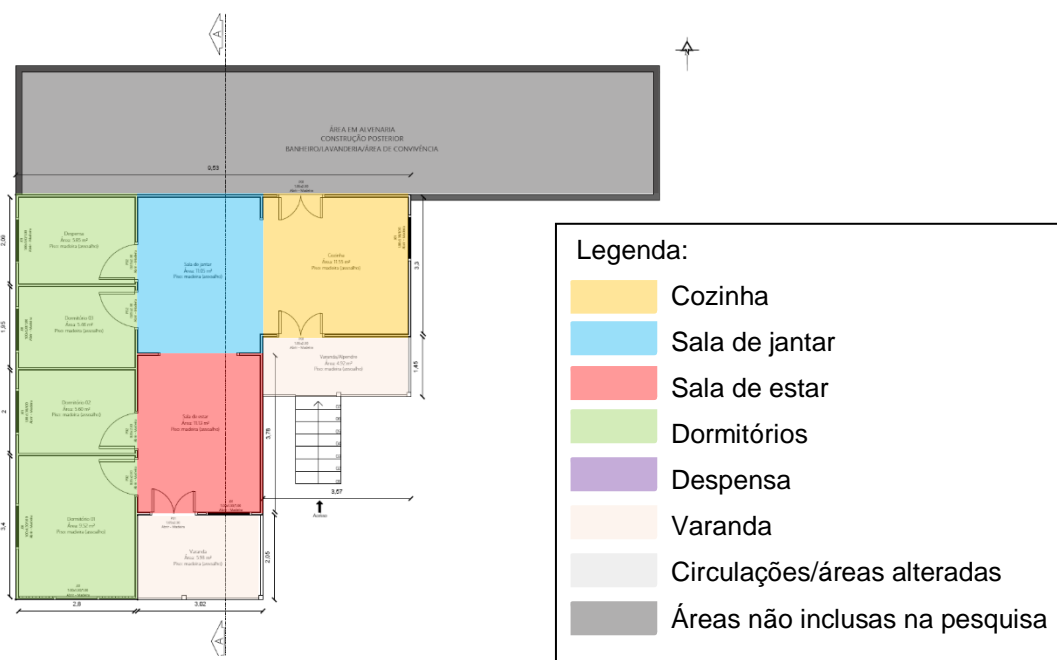
Figura 25 – Planta baixa da Ficha 08, residência Scheuermann.



Fonte: autora, 2019.

A Figura 26 apresenta a Residência Pizzeta, a qual é elevada do solo e possui um porão utilizado como depósito e abrigo para cães. O pavimento principal da residência é acessado por um alpendre que liga à cozinha. Através da cozinha, é possível acessar uma área não incluída na pesquisa, pois foi construída recentemente em alvenaria. Seguindo para o lado esquerdo da cozinha, é possível chegar nas salas de estar e de jantar, as quais acessam também os dormitórios. A sala de estar da residência possui uma varanda secundária, sem ligação com o exterior. Destaca-se também que todos os dormitórios são voltados a oeste. A área que não faz parte da pesquisa comporta banheiro, área de serviço e churrasqueira, e acessa um nível elevado do lote (que possui uma topografia relativamente a subir).

Figura 26 – Planta baixa da Ficha 09, residência Pizzeta.



Fonte: autora, 2019.

Pode-se considerar que a residência Colongnese, apresentada na Figura 27, possui dois pavimentos: o porão (Figura 27-A) e o pavimento “principal”, utilizado como residência (Figura 27-B). O porão é um ambiente único, integrado, possui somente pilares de sustentação e é utilizado como garagem e depósito. Já o pavimento “principal” é acessado através da sala de estar, a partir de onde se acessa os dormitórios, a cozinha e a sala de jantar. Através da cozinha, é possível acessar a despensa, um antigo dormitório (atualmente utilizado como sala de costura), seguir a uma área recente que abriga área de serviço e banheiro e, depois, a saída secundária da residência. Por possuir um porão que também atua como arrimo em uma lateral, a edificação é consideravelmente elevada; e possui, assim, escada e rampa de acesso em ambos os acessos. Os dormitórios da edificação possuem orientação sul, todavia, não se percebem patologias em decorrência disso.

Figura 27 – Plantas baixas da Ficha 10, residência Colognese.
A – porão; B – segundo pavimento.

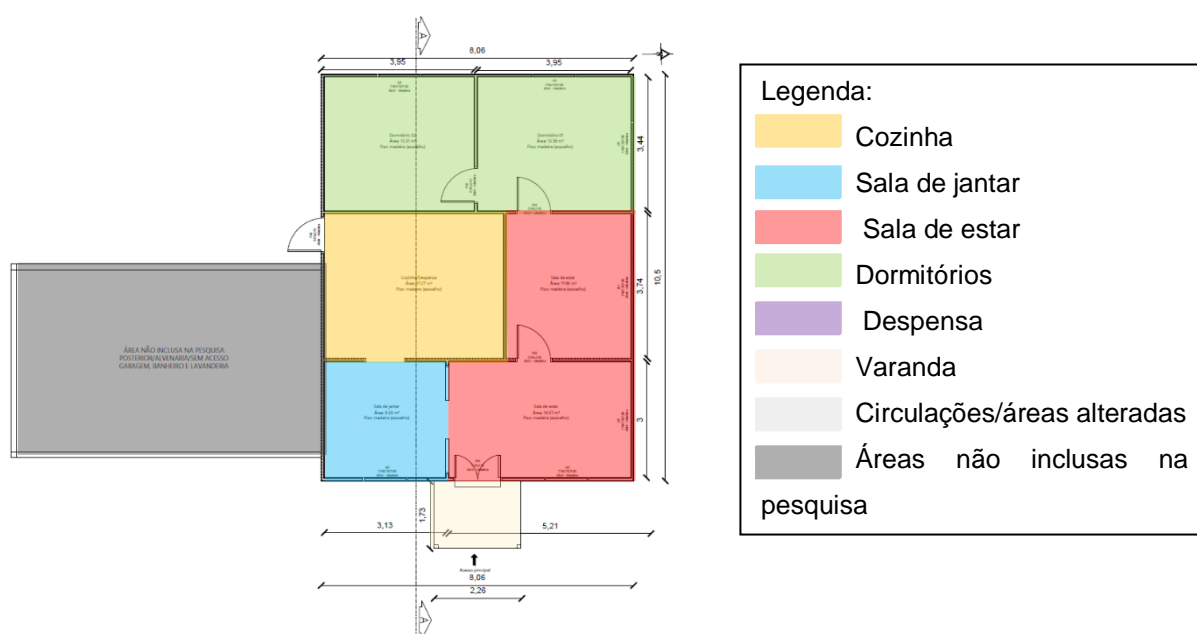


Fonte: autora, 2019.

A residência Rockembach, apresentada na Figura 28, é uma edificação sem certezas acerca de sua história: não se sabe ao certo se o local sempre foi utilizado como residência, tampouco se a edificação foi demolida quando houve a troca de uso do que era realizado no lote (canônica da Igreja Católica). O acesso principal da edificação ocorre através de uma sala de estar, a partir da qual é possível acessar uma sala de jantar e, na sequência, a cozinha. Na lateral da cozinha existe uma garagem, um banheiro e uma área de serviço que não são incluídos na pesquisa. Ainda em relação aos acessos da sala de estar: em sentido oeste, existe outra sala de estar

e, ao fundo, os dormitórios. Optou-se por não incluir na pesquisa a área à esquerda (em coloração cinza, na Figura 28), pois ela foi construída muitos anos após o corpo principal. A edificação é retangular, em seu acesso principal existe um pequeno alpendre com lambrequins e seus dormitórios estão voltados em direção oeste.

Figura 28 – Planta baixa da Ficha 13, residência Rockembach.



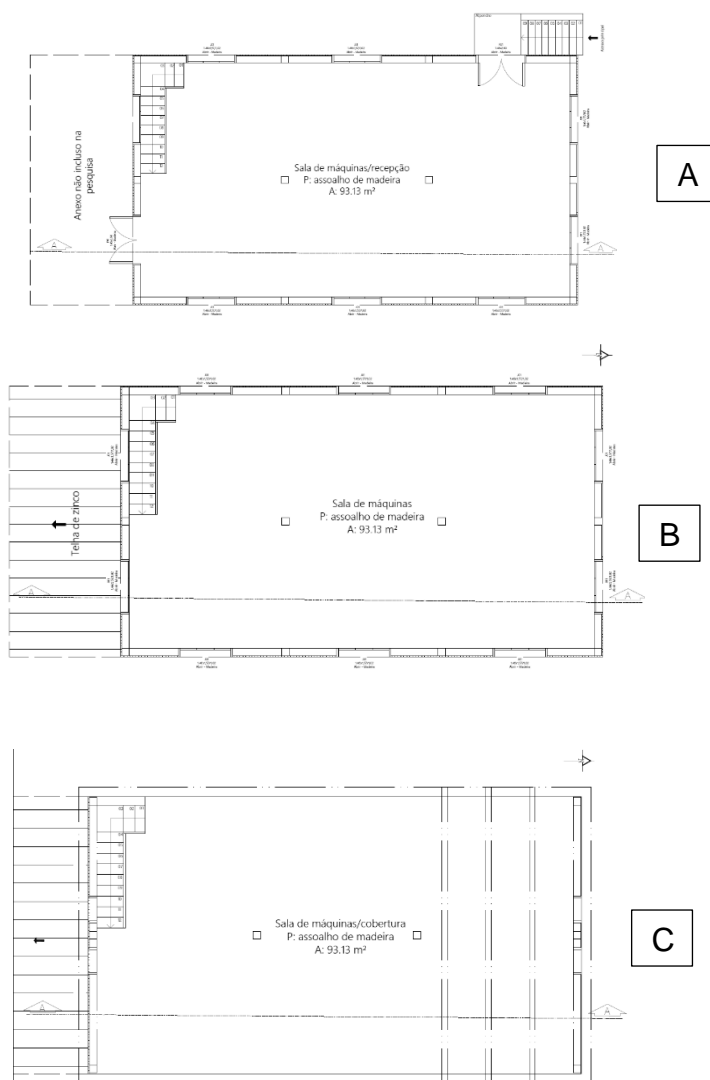
Fonte: autora, 2019.

Visualizando todas as plantas baixas residenciais em sequência, podem ser observadas singularidades e, ao mesmo tempo, as semelhanças entre elas. Sendo todas elas de pequeno e médio porte, não é possível encontrar uma residência com dormitórios com corredor e acesso privativo. Entretanto, pode-se perceber a preocupação dos construtores em colocá-los em uma orientação solar adequada e, na maior parte dos casos, juntos. São poucos os casos em que os dormitórios estão distintos ou em lados opostos. Todas as edificações estudadas podem ser acessadas externamente através de uma ou mais portas, sendo distintas ou estando lado a lado, o que ocorria, provavelmente, para segregar acessos sociais e de serviço. Esse aspecto não é observado dentro do bem, quando se percebe não haver a preocupação em distanciar dormitórios das áreas de uso comum. As demais edificações, cujo uso não é residencial, não podem ser comparadas. É possível, todavia, analisá-las de maneira distinta.

O moinho Richter, representado no Figura 29, possui três pavimentos. O primeiro pavimento (Figura 29-A) é onde estão localizados os acessos e as máquinas de moer e processar farinha, sendo o pavimento principal da produção. No segundo pavimento (Figura 29-B), encontra-se a parte superior dos maquinários, onde também se realiza o seu manejo. O terceiro pavimento (Figura 29-C) apresenta o topo dos maquinários e tesouras de cobertura. O maquinário, que também é em madeira, possui muitas áreas totalmente encaixadas, compondo um conjunto com a edificação.

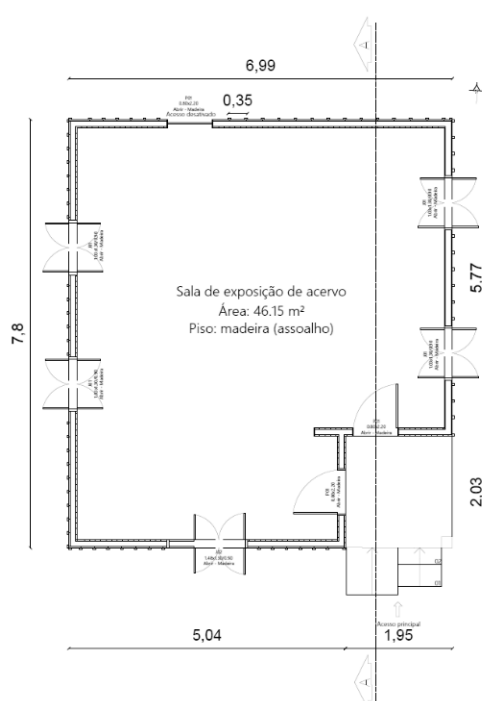
Figura 29 – Planta baixa da Ficha 01, Moinho Richter.

A – Primeiro pavimento; B – Segundo Pavimento; C – Terceiro pavimento.



O museu municipal (Figura 30) é uma edificação que teve seu uso alterado, pois inicialmente foi a sede da administração municipal. O local é pequeno, com um número considerável de aberturas, mas possui somente um acesso ativo. Apesar de todas as suas patologias, a edificação nunca passou por um processo de restauração. Acessado através de um alpendre, o local abriga um acervo considerável sobre a história local.

Figura 30 – Planta baixa da Ficha 03, Museu Municipal.



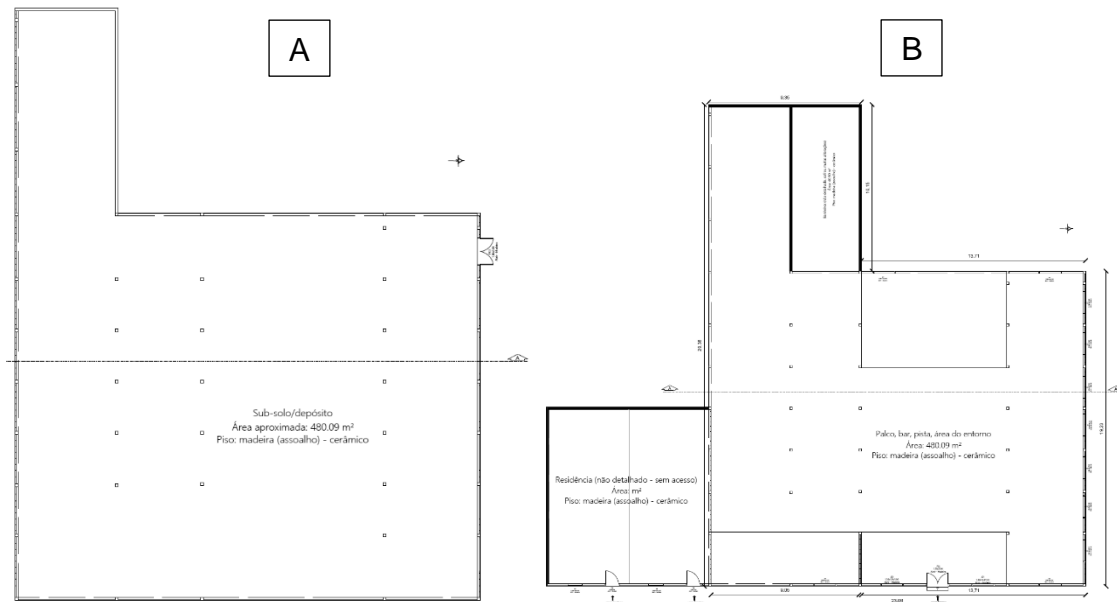
Fonte: autora, 2019.

O salão Guth (Figura 31) é um salão de baile, prática mais comum no passado, um local amplo e que já passou por inúmeros acréscimos e modificações, principalmente em sua área dos fundos. Sua área frontal ainda é original. O porão da edificação (Figura 31-A) é um depósito e abrigo de animais, uma área ampla que possui somente os pilares de sustentação do pavimento principal e que não possui pavimentação. O primeiro pavimento (Figura 31-B) é o salão em si, com um pequeno palco e uma pista de dança, além de duas copas e banheiros ao fundo (construídos recentemente). Na lateral, não incluso na pesquisa, está inserida a residência do proprietário do salão. Pode-se acessar essa área lateral tanto pelo interior do salão

como por sua fachada frontal. Apesar das obras frequentes que acontecem na edificação, o local nunca passou por um processo de restauração na sua área frontal.

Figura 31 – Planta baixa da Ficha 07, Salão Guth.

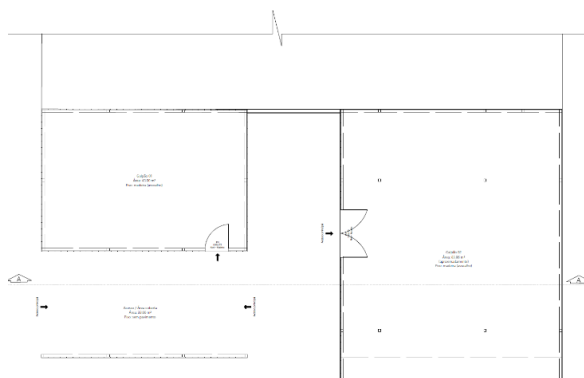
A – Primeiro pavimento (porão); B – Segundo pavimento (pavimento principal)



Fonte: autora, 2019.

O Galpão Schneider (Figura 32) pode ser considerada a edificação mais “simples”, em sua constituição arquitetônica. No entanto, é o exemplar mais antigo encontrado nesse estudo. Utilizado como abrigo de animais e depósito de rações, a edificação é compartimentada em dois blocos, que formam um conjunto. O maior bloco, à direita, é considerado peculiar por sua cobertura chegar até o chão, mesmo o local sendo elevado do solo. Já a área à esquerda é um galpão “comum”. Percebe-se em algumas áreas que a edificação é construída no sistema de encaixe, porém, por ter sido trocada de local, ela recebeu pregos de fixação.

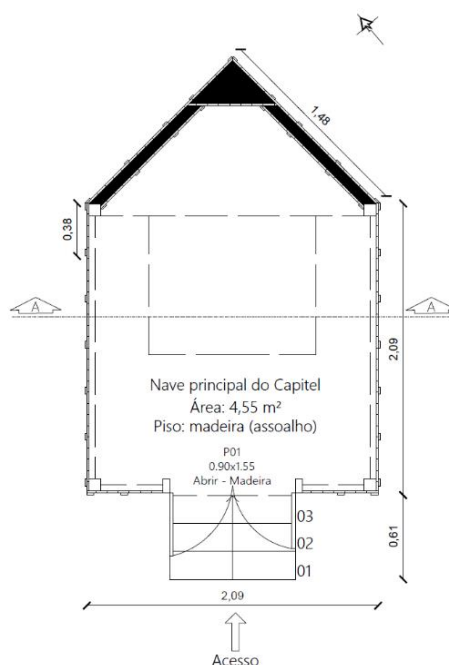
Figura 32 – Planta baixa da Ficha 11, Galpão Schneider.



Fonte: autora, 2019.

O capitel Mariani (Figura 33) é a única edificação de uso religioso da pesquisa. Construído ao lado de uma estrada na zona rural, a edificação abriga uma imagem sacra trazida da Itália. A construção é simples, composta por um pequeno altar e uma área de contemplação em sua frente. Elevado do solo, o bem pode ser acessado através de uma pequena escada. Apesar da simplicidade, a construção é belíssima. Ressalta-se que, em certo momento da sua história, o capitel foi desmontado e remontado, para que algumas madeiras pudessem ser modificadas, mas não houve alteração na formatação da edificação, mantendo inclusive as telhas originais.

Figura 33 – Planta baixa da Ficha 12, Capitel Mariani.

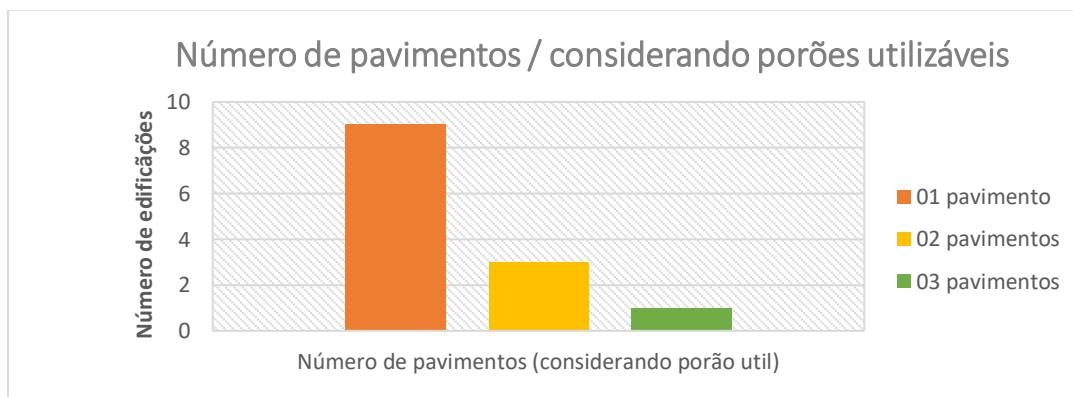


Fonte: autora, 2019.

Weimer (1987) relata que, após o início da produção de uva, visando seu armazenamento e manipulação, começaram a ser construídas casas com porões. Essas edificações eram construídas, muitas vezes, em áreas com encosta, para aproveitar a topografia. No entanto, não havia análise da insolação e dos ventos predominantes, o que poderia trazer prejuízos ou mal-uso das condições naturais.

Quando o assunto é a altura das edificações, destaca-se que somente uma construção possui três pavimentos de uso (sem contar porão). Conforme o Gráfico 13, nove edificações possuem somente um pavimento, já outras três edificações possuem seu pavimento principal e mais um porão, que é utilizável (por possuir acesso e altura útil). A Figura 34 apresenta a Residência Colognese, com destaque para seu pavimento principal, bem como o porão, que é utilizado também como um muro de arrimo em uma das laterais.

Gráfico 13 – Número de pavimentos das edificações



Fonte: autora, 2019.

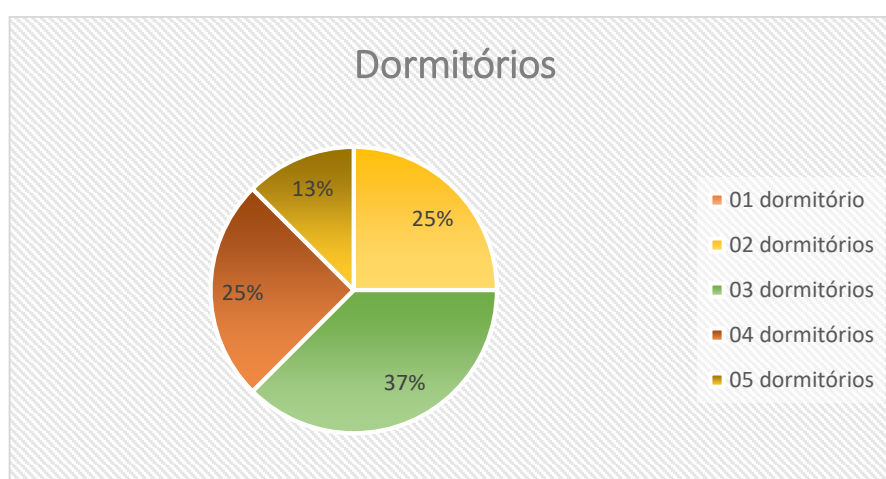
Figura 34 – Residência Colognese, com ênfase em seu porão e seu pavimento térreo.



Fonte: autora, 2019.

Levando em consideração que, de treze edificações estudadas, oito são residenciais (contando a Ficha 04, que alterou seu uso recentemente), fez-se necessária a contabilização dos números de dormitórios encontrados – o Gráfico 14 apresenta esses dados. Antigamente, as famílias eram numerosas e, portanto, necessitavam de um local adequado para abrigar confortavelmente a todos. Destacase, entretanto, que nenhum destes dormitórios possui amplas dimensões – em quase todas as construções, as dimensões encontradas são semelhantes.

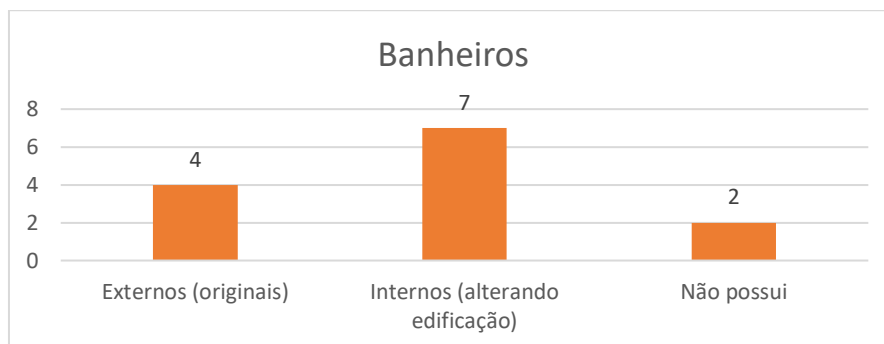
Gráfico 14 – Número de dormitórios



Fonte: autora, 2019.

Sabe-se que, até determinado período da história, assim como as cozinhas, os banheiros eram alocados fora da edificação “de dormir”. Dessa maneira, nenhum dos bens estudados possui banheiro originalmente construído dentro da edificação – ao contrário das cozinhas, que, nos exemplos estudados, já estão alocadas no corpo principal. Com o evoluir da construção civil e as necessidades do dia a dia, essa realidade foi alterada (Gráfico 15). Em 15% das edificações, os bens não possuem banheiro originalmente dentro ou próximo ao bem, já 31% dos locais possuem os banheiros originais em anexos externos, ligados ou muito próximos ao prédio principal; 54% dos locais passaram por requalificações/alterações e tiveram banheiros inseridos no corpo de edificação, alterando algum setor da construção para que o banheiro fosse acessado de maneira direta.

Gráfico 15 – Existência de banheiros no interior das edificações



Fonte: autora, 2019.

O objetivo dos estudos realizados é encontrar resultados mais detalhados sobre todos (ou a maioria de) os elementos e características que envolvem as edificações. Os dados encontrados nos gráficos são plausíveis para que se possa comparar os bens entre si, por suas características, assim como observar o que a literatura utilizada apresenta referente aos temas. De tal forma, é possível entender em que medida as características tradicionais dos imigrantes estavam presentes ainda com seus descendentes, então migrantes, considerando que os locais foram construídos pela segunda e terceira gerações dos imigrantes, na maioria dos casos.

Sabe-se que as primeiras casas dos imigrantes eram segmentadas em duas edificações: uma para comportar a cozinha (e o fogo) e a outra para a casa de dormir. Isso foi se modificando com o decorrer dos anos e de acordo com o domínio que se possuía do fogo (com a implementação de fogões). Assim, aqueles que não desejavam construir novas edificações, passaram a ligá-las com corredores, decorados com lambrequins e com balaústres (WEIMER, 1987). As edificações residenciais em estudo possuem a cozinha junto ao corpo principal da construção, mas ainda se observa a presença de balaústres e lambrequins em varandas.

Alguns locais tiveram ligação mais direta com a mão de obra de imigrantes, como a residência Taube, construída por imigrantes alemães (Família Hofer), assim como o Capitel Mariani, erigido por imigrantes e sua primeira geração pós-imigração. O último caso que se conhece de construção de imigrantes ou descendentes mais próximos é o Galpão Schneider – local mais antigo de todo o estudo, não se sabe ao certo quem o construiu, mas relatos indicam que foi um dos primeiros a ser construído por pessoas em processo de migração ou imigrantes recém-chegados.

6 PRODUTOS FINAIS

Os dados encontrados através dos estudos das edificações inventariadas foram utilizados como base no desenvolvimento de materiais que serão ponte entre o patrimônio e a comunidade que os usufrui. Externar o resultado encontrado, as imagens registradas e a história local são formas de valorizar as edificações e sua história e fazer com que ocorra uma apropriação dos locais.

Ademais, através dos produtos desenvolvidos, será possível tornar acessível o conteúdo à comunidade geral e, sobretudo, fazer com que esse material tenha penetração no ambiente escolar. Desse modo, para entregar à comunidade a história local e os exemplares arquitetônicos que ainda se encontram presentes no dia a dia, foi confeccionado um panfleto explicativo que apresenta uma breve história da imigração alemã e italiana, uma breve história do município e a identificação das 13 edificações estudadas.

Concomitante à distribuição dos panfletos e explanação desse conteúdo em escolas, uma exposição fotográfica de detalhes das edificações em estudo irá circular em locais públicos e privados do município, apresentando não somente a fotografia, mas também um pequeno texto explicativo com a indicação de sua localização e o que a edificação representa na história local.

O panfleto a ser apresentado à comunidade terá seis espaços: 1) a capa; 2) texto sobre a imigração alemã e 3) texto sobre a imigração italiana – ambos contendo um breve histórico sobre a chegada, o contexto e um pouco da arquitetura desenvolvida por essas pessoas; 4) apresentação da história municipal e; 5 e 6) imagens das edificações, sua localização, ano de construção e família proprietária. Ao fundo, será possível visualizar o Capitel Mariani. As Figuras 35 e 36 apresentam a frente e o verso do panfleto, respectivamente, contendo todas as informações que serão fornecidas.

Figura 35 – Frente do panfleto.

As edificações



07. Salão Guth
Distrito de Santana
Construído em: 1968



08. Residência Scheuermann
Linha Góes
Construído em: 1928



09. Residência Pizzeta
Linha Góes
Construído em: 1962



10. Residência Colognese
Linha Westphalen
Construído em: 1962



11. Galpão Schneider
Linha Borges de Medeiros
Construído em: 1915



12. Capitel Mariani
Linha Westphalen
Construído em: 1931



13. Residência Rockembach
Distrito de Tesouras
Construído em: 1928

Patrocinadores







**Mestrado em Patrimônio Cultural
PPGPC - UFMS**

**Mestre Arq. e Urb. Amanda Schirmer
de Andrade**
Orientadora Prof. Denise de Souza Saad

- A história do município de Chapada
- A influência dos migrantes e imigrantes alemães e italianos
- As 13 edificações em estudo
- Mapa local


Todas as edificações estudadas na dissertação foram construídas em madeira entre os anos de 1915 e 1968. Alguns bens alteraram seu uso mas não sua essência, passaram por reformas mas continuam contando a história e a evolução da família que viveu e utilizou, de sua comunidade e também da sociedade Chapadense em geral. As construções são encontradas na zona urbana e rural e o estudo apresenta 13 locais, mais vale ressaltar que são mais de 50 locais encontrados e que merecem serem reconhecidos, pois estes representam todos os imigrantes e seus descendentes que criaram e desenvolveram o estado.

Produto final da dissertação "Inventário de exemplares arquitetônicos em madeira no município de Chapada/RS: patrimônio de valor arquitetônico, histórico e cultural" 2019/02


Fonte: autora, 2019.

Figura 36 – Verso do panfleto.


As edificações




01. Moinho Richter
Rua Getúlio Vargas
Construído em: 1948




02. Residência Taube
Rua Duque de Caxias
Construído em: 1931




03. Museu Municipal
Rua Santos Dumont
Construído em: 1943



04. Residência Auler/Lotus Garden
Rua Alfredo Winck com Santos Dumont
Construído em: 1954





05. Residência Bays
Linha Diogo
Construído em: 1964



06. Residência Henz
Distrito de Santana
Construído em: 1953

Localização das edificações
Mapas urbano e rural

A história do município de Chapada teve início com famílias de imigrantes que chegaram por volta dos anos 1900. Em 1915 chegou um grande contingente de famílias alemãs. No ano de 1929 as primeiras famílias italianas chegaram na região que hoje pertence a Chapada. Com o crescimento populacional e o desenvolvimento da região, em 1953 iniciou-se o processo de emancipação política administrativa.

No ano de 1824 os primeiros navios com imigrantes alemães desembarcaram no Brasil e as pessoas seguiram rumo ao Rio Grande do Sul. A partir de 1830 os imigrantes começam a circular entre os vilarejos e então seus descendentes passaram a deixar suas terras em busca de novas terras e nova vida. Tardamente os italianos foram inseridos no processo de colonização para o Brasil. No ano de 1875 os primeiros navios chegam ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro de onde as pessoas eram direcionadas. Chegando ao território Rio-grandense, as pessoas foram alocadas nas seguintes colônias: Conde d'Eu (atual Garibaldi) e Carlos Barbosa e Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), posteriormente criou-se as colônias de Fundos de Nova Palmira (atual Caxias do Sul) e a colônia de Silveira Martins (região de Santa Maria).

Legenda:
01 - Moinho Richter
02 - Residência Taube
03 - Museu Municipal
04 - Edificação Auler

Legenda:
01 - Moinho Richter
02 - Residência Taube
03 - Museu Municipal
04 - Edificação Auler
05 - Residência Bays
06 - Residência Henz
07 - Salão Guth
08 - Residência Scheuermann
09 - Residência Pizzeta
10 - Residência Colognese
11 - Galpão Schneider
12 - Capitel Mariani
13 - Residência Rockembach

Fonte: autora, 2019.

A exposição será apresentada em locais previamente agendados e com divulgação através de redes sociais e cartazes nos próprios locais. As imagens

expostas terão o tamanho de 297 cm x 420 cm, impressas em papel de alta qualidade e que permita fixação e posterior remoção sem danos às paredes. Junto à fotografia será fixado um informativo sobre o local da imagem, o que ela significa e representa nesse contexto, os dados técnicos da fotografia e da câmera utilizada para capturar e se ela passou por algum tipo de edição. O Quadro 6 apresenta todas as fotografias que irão compor a exposição e as respectivas informações técnicas que serão apresentadas. A exposição terá como título: “Olhares da Arquitetura”.

Quadro 6 – Fotografias que compõem a exposição.

(Continua)

Fotografia	Dados técnicos
	<p>Local: Residência Scheuermann</p> <p>Sobre a imagem: a fotografia apresenta as aberturas da cozinha ao exterior – suas janelas e portas são uma ligação da casa com o mundo, de seus moradores com a natureza. Apesar do tempo decorrido, a beleza desses lugares e seus detalhes ainda são significativos.</p> <p>Data: 02/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/30s</p> <p>Iso: ISO-320</p> <p>Distância focal: 4mm</p> <p>Editada: sim</p>
	<p>Local: Residência Colognese</p> <p>Sobre a imagem: a varanda, local de contemplação da natureza e de descanso da família, é marcada pela beleza de sua abertura e, não menos importante, os brinquedos que repousam à espera de uma criança.</p> <p>Data: 03/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/60s</p> <p>Iso: ISO-160</p> <p>Distancia focal: 10mm</p> <p>Editada: não</p>

Quadro 6 – Fotografias que compõem a exposição.

(Continuação)

	<p>Local: Capitel Mariani</p> <p>Sobre a imagem: um pequeno templo religioso, simples e ao mesmo tempo refinado, sofre com as ações do tempo, mas não se deixa abater por isso, usa sua fé em favor de sua sobrevivência, como edificação.</p> <p>Data: 20/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/160 s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 4 mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Residência Taube</p> <p>Sobre a imagem: através da janela é possível observar as belas flores que foram cultivadas pelas mãos da proprietária, com tanto afincio e amor, que carrega em suas raízes anos de superação e vitórias de todos que ali passaram.</p> <p>Data: 03/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/50s</p> <p>Iso: ISO-250</p> <p>Distância focal: 6mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Capitel Mariani</p> <p>Sobre a imagem: considerada uma imagem significativa, representando a ascensão da família e de sua fé, ao céu que, coincidentemente, possui a mesma tonalidade que a construção. O local abre-se ao exterior.</p> <p>Data: 20/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/250s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 4mm</p> <p>Editada: não</p>

Quadro 6 – Fotografias que compõem a exposição.

(Continuação)

	<p>Local: Residência Colognese</p> <p>Sobre a imagem: o madeiramento destaca o trabalho e ao mesmo tempo a dedicação daqueles que construíram casas e sonhos que transcendem o tempo.</p> <p>Data: 03/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/400s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 13mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Moinho Richter</p> <p>Sobre a imagem: uma edificação única e singular em meio a todas as outras; diferenciada, ela ostenta em tamanho e beleza. Suas janelas singulares e belas compõem de forma distinta com o infinito céu.</p> <p>Data: 06/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/320s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 4mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Residência Bays</p> <p>Sobre a imagem: sua área externa frontal pode ser considerada uma área de contemplação, de onde pode ser reconhecida a entrada única e majestosa de uma edificação tão singular.</p> <p>Data: 14/05/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/30s</p> <p>Iso: ISO-280</p> <p>Distância focal: 4mm</p> <p>Editada: não</p>

Quadro 6 – Fotografias que compõem a exposição.

(Conclusão)

	<p>Local: Galpão Schneider</p> <p>Sobre a imagem: relação entre edificação e natureza é tão complexa, sua matéria vem dela e depois de ser dispensada, retorna. A edificação mais antiga do estudo mostra sua resistência aos anos.</p> <p>Data: 17/05/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/125s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 13mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Capitel Mariani</p> <p>Sobre a imagem: considerada a imagem mais bela e significativa de todas, como se o bem tivesse sido recortado e posto ali, a construção ofuscando seu entorno e o céu.</p> <p>Data: 17/05/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/250s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 12mm</p> <p>Editada: não</p>
	<p>Local: Moinho Richter</p> <p>Sobre a imagem: a construção mais imponente e ao mesmo tempo graciosa, que compõe uma paisagem tão alterada e agora contemporânea.</p> <p>Data: 06/10/2018</p> <p>Câmera: Nikon – Coolpix P510</p> <p>Tempo de exposição: 1/250s</p> <p>Iso: ISO-100</p> <p>Distância focal: 11mm</p> <p>Editada: não</p>

Além das atividades expostas, fez-se uma ação de apresentação do Museu Municipal, acerca de sua atual condição, além de dados técnicos do estudo em questão no Jornal ABC Notícias, de circulação regional, na edição do dia 29 de agosto de 2019. O artigo teve tendo notável repercussão, com o contato de uma pessoa responsável pela montagem do acervo do Museu. Na Figura 37, a íntegra da matéria publicada.

Figura 37 – Matéria do ABC Notícias



Fonte: autora, 2019.

A exposição e a distribuição dos folders serão ações gratuitas, tendo como único objetivo a aproximação da população de seus patrimônios. Torna-se viável ainda, dentro da proposta geral, passeios de visitação aos locais estudados, em parceria com as escolas do município.

7 CONCLUSÃO

Na contemporaneidade, a sociedade está se familiarizando, aos poucos, com termos como patrimônio, turismo patrimonial e preservação. No entanto, para alguns povos e comunidades, essas denominações se enquadram somente quando se fala daquilo que está longe de sua realidade, ou seja, patrimonializa-se aquilo que está distante, fazendo de si um turista e não um proprietário.

Este trabalho desperta a importância do patrimônio arquitetônico em madeira como símbolo da identidade do município de Chapada e, de modo mais abrangente, de toda a região Norte do Rio Grande do Sul. Considera-se que este é um primeiro passo para que o poder público e a população local e regional percebam e se apropriem das edificações, a partir de uma discussão ampla e aberta sobre a questão patrimonial. Tal ação aumenta as chances de os locais prosperarem com o tempo.

A madeira é considerada a principal matéria-prima das edificações da região estudada, já que as primeiras edificações construídas por imigrantes e descendentes eram desse material, pela vasta tipologia de espécies e quantidade relevante de exemplares em uma área de mata ainda nativa e preservada.

O município de Chapada nunca passou por um processo de inventário ou qualquer que seja a tipologia de pesquisa investigativa acerca de seus patrimônios arquitetônicos. Ressalta-se que as idades atribuídas aos bens são calculadas a partir da data de construção do local, entretanto, todas as madeiras desses locais são de reuso, ou seja, já haviam sido de uma outra edificação anteriormente. Não se sabe, portanto, a idade da matéria-prima, somente do conjunto que compõe a edificação.

Através da confecção do inventário, foi possível perceber o legado dos imigrantes e descendentes que colonizaram a região. Tais edificações têm potencial turístico (passíveis de inserção em uma rota), assim como as que estão atualmente sem uso podem ser transformadas em comércios ou qualquer outro uso. Alguns dos bens passaram por modificações estruturais de uso, mas nunca perderam sua essência, ou seja, ainda demonstram muitos elementos de sua época de construção.

As opções adotadas para divulgar os patrimônios e a história foram um panfleto explicativo, que será entregue à comunidade e nas escolas, e uma exposição de fotografias, registros das edificações que compõem o inventário. Ressalta-se que a pesquisa possui um caráter de seguimento, tanto em edificações da área urbana quanto rural, com a possibilidade de inclusão de edificações em alvenaria – visto que

o foco ocorreu em treze edificações selecionadas dentre mais de quarenta exemplares encontrados no território municipal.

Guardar a memória desses locais é um gesto cada vez mais fundamental nos dias de hoje. A pesquisa realizada (exploração, coleta de dados, construção de inventários e elaboração de material e ações de divulgação) foi um esforço que teve como horizonte este objetivo: salvaguardar essas memórias. As edificações inventariadas contam parte da história do município de Chapada, mas também revelam aspectos importantes de um complexo processo de migração e adaptação à "nova terra". São construções que constituem, assim, a memória coletiva da região.

REFERÊNCIAS

- BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos** – vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias, 1982.
- BERTUSSI, Paulo Iroquez. Elementos da arquitetura da imigração italiana. In: WEIMER, Günter; SALVIA, Fernando La; CURTIS, Julio; MACEDO, Francisco Riopardense; BERTUSSI, Paulo Iroquez; SOUZA, Nelson; ROHDE, Geraldo Mário (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987, p. 121-154.
- BONI, Luis A. de; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias; Editora Vozes Ltda., 1982.
- BRASIL. **Decreto-lei n. 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, RJ, 30 nov. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: íntegra das emendas constitucionais: textos originais dos artigos alterados (Adendo especial): novas notas remissivas: índice sistemático, cronológico e alfabético-remissivo: súmulas vinculantes. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BROOKS, Diana. Forro de gesso ou madeira tipo saia-e-blusa. **Arquitetura e Decoração Indaiatuba**. 25 abr. 2017. Disponível em: <<http://dianabrooks.com.br/forro-de-gesso-ou-madeira-tipo-saia-e-blusa/>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies arbóreas brasileiras**. 3 v. Brasília/DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo/PR: Embrapa Florestas, 2008.
- CENNI, Franco. **Italianos no Brasil “Andiamo in ‘Merica”**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- DIEL, Rocheli Andréia. **O inventário do patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo**. 2015. 132 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- EBERT, Geovane. **Chapada – A simpatia do Alto Uruguai – 50 anos**. Prefeitura Municipal de Chapada. Chapada: Gráfica Grapel, 2009.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2013.

GERTZ, René E. A história do Brasil na Alemanha (1980-1994). **Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/2VQpHFN>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

GIRELLI, Zelinda; FIOREZI, Jenny Maria. **Memória Histórica da Paróquia São José de Chapada, RS**. Comunidade Católica de Chapada. Chapada: Gráfica Patronato, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Museu do Imigrante**. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/>>. Acesso em: 6 maio 2018.

IPHAE. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual**. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

IPHAN. **Patrimônio Cultural**. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. **Coletânea de Leis sobre preservação do Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

MACEDO, Francisco R. A arquitetura luso-brasileira. In: WEIMER, Günter; SALVIA, Fernando La; CURTIS, Julio; MACEDO, Francisco Riopardense; BERTUSSI, Paulo Iroquez; SOUZA, Nelson; ROHDE, Geraldo Mário (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre. Macedo Aberto, 1987.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Cultura, etnicidade, história. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

MOREIRA, Pedro Couto. **O inventário do patrimônio arquitetônico das zonas de entorno dos bens tombados de Cruz Alta/RS**. 166 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Memória, História e Patrimônio Histórico**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

PAULA, José Elias de; ALVES, José Luiz de Hamburgo. **Madeiras nativas: Anatomia, dendrologia, dendrometria, produção e uso**. Brasília/DF: Gráfica Gutenberg, 1997.

_____.; _____. **Madeiras nativas: Anatomia, dendrologia, dendrometria, produção e uso**. Brasília/DF: Gráfica Gutenberg, 2003.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da Imigração Italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA. **Histórico do Município**. Poder público municipal. Chapada, RS, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2VKpOCD>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

_____. **Acervo fotográfico**. Poder público municipal. Chapada, RS, 2017. Disponível em: <http://www.chapada.rs.gov.br/municipio/sobre-o-municipio.html>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Revista ES Brasil. **COMEMORAÇÃO do dia do imigrante italiano nesta quarta (21) em Vitória**. Vitória, 21 fev. 2018. Disponível em: <http://esbrasil.com.br/dia-nacional-do-imigrante-italiano/>. Acesso em: 06 maio 2018.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (verbete). In: _____. (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF; Brasília: Copedoc, 2015.

RODRIGUES, Menandro Alison Sales; SALES, Juscelino Chaves. A madeira e suas patologias. Estudo de caso: Igreja Nossa Senhora das Mercês – Itapipoca/CE. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATOLOGIA E RECUPERAÇÃO DE ESTRUTURAS, 9., 2013, João Pessoa/PA, **Anais...** Disponível em: http://www.casadagua.com/wp-content/uploads/2014/02/A1_170.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

SILVA, Mateus Veronese Côrrea da. **Um século de história: inventário do patrimônio cultural edificado do 29º GAC AP – Grupo Humaitá no município de Cruz Alta/RS**. 2015. 151 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAUBE, Nair Melania. **Chapada – 25 anos de emancipação política-administrativa**. Chapada: Prefeitura Municipal de Chapada, 1984.

WEIMER, Günter. A arquitetura rural da imigração alemã. In: WEIMER, Günter; SALVIA, Fernando La; CURTIS, Julio; MACEDO, Francisco Riopardense; BERTUSSI, Paulo Iroquez; SOUZA, Nelson; ROHDE, Geraldo Mário (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre. Macedo Aberto, 1987.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da imigração alemã**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WIKIPEDIA. **Chapada**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ZANIRATO, Sílvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2SszQcJ>. Acesso em: 05 ago. 2018.